

daniel galera
mãos de cavalo



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DANIEL GALERA

Mãos de Cavalo



A meus pais e meu irmão

I would walk to school and actually have crane shots worked out in my mind where the crane would be pulling up and looking down at me as a tiny object in the street walking to school.

[Eu caminhava para a escola e ia imaginando planos em que uma grua subia aos poucos e me via lá embaixo como um pequeno objeto no meio da rua, caminhando para a escola.]

Nicolas Cage

Não há terreno impossível para o Ciclista Urbano. Suas pernas possantes forçam alternadamente os pedais, direita, esquerda, direita, esquerda, medindo a inclinação da subida a partir da força exigida dos músculos da coxa e da panturrilha em cada volta completa da coroa dianteira. As solas dos pés e as palmas das mãos processam cada vibração transferida dos pneus para o guidom e para o quadro da bicicleta, fazendo microajustes de direção e equilíbrio numa velocidade mais rápida que a do pensamento. O trecho de subida que é preciso enfrentar ao sair de casa é curto e serve para azeitar as articulações e aquecer os músculos. Logo chega na rua do Canteiro. São duas faixas de calçamento de pedra, em declive, separadas por um canteiro central gramado. Cinco quarteirões até chegar na Faixa. Conhecer cada metro daquele trajeto de cor não torna o desafio menos perigoso para o Ciclista Urbano. De uma semana para outra, muita coisa pode mudar. Um morador da rua do Canteiro pode decidir construir uma nova rampa para estacionar com mais conforto seu carro dentro da garagem de casa, e para isso é possível que ele seja obrigado a depositar montanhas de areia, brita e cimento no meio da calçada, um exemplo de obstáculo mutante que o verdadeiro Ciclista Urbano precisa estar preparado para enfrentar. Há cães que disparam como foguetes de trás dos muros para tentar sentir o gostinho de seu prato favorito, a canela de um ciclista desavisado. Até as árvores, aparentemente um elemento pacato e inofensivo do mundo natural, de uma semana para outra expandem seus galhos e raízes e podem atravancar o caminho do Ciclista. O mato das calçadas cresce e oculta pedras, buracos e tijolos que podem surpreender e provocar acidentes seríssimos dos quais apenas um ciclista muito habilidoso e experiente sairá ileso.

O dia está propício a um passeio de alto risco e velocidade. O clima é frio, um vento gelado de média intensidade e céu limpo. Embora o vento cause um certo desconforto ao fustigar o rosto e dificultar a respiração do Ciclista, contribui para diminuir a transpiração, reduzindo assim a necessidade de secar o suor que

ensopa os olhos e o risco da mão escorregar pelos manetes de plástico da bicicleta, acidente cujo preço não seria menor que alguns dentes e costelas quebrados.

Na rua do Canteiro, reduz a velocidade da bicicleta até quase parar e permanece alguns segundos observando a descida de cinco quarteirões que se estende à sua frente como a garganta de um imenso paquiderme. Permanecer assim imóvel sem tocar os pés no chão exige uma técnica muito apurada e uma sintonia irretocável entre ciclista e bicicleta, sintonia que o Ciclista Urbano sem dúvida nenhuma possui com sua antiquada porém feroz Caloi Cross aro 20 com freio de pé, branca com adesivos de enfeite azuis, com pneus-balão vermelhos de garras salientes no lugar dos pretos e finos originais de fábrica, pouco adequados à velocidade e ao terreno do ciclismo urbano de elite.

Após esses segundos iniciais de avaliação do percurso, que inclui checar a presença ou não de automóveis subindo ou descendo a rua, a presença ou não de transeuntes ou animais nas calçadas, a umidade ou não do terreno, a intensidade do vento e estimativa das possibilidades de chuva, entre outros itens a serem conferidos, e já certo, após uma checagem cuidadosa ainda na garagem de casa, de que a bicicleta se encontra em perfeitas condições de manutenção, o que inclui averiguar o alinhamento das rodas, regulagem dos raios, funcionamento do freio, pressão de ar nos pneus e lubrificação da correia, rolamentos e coroas (algumas gotas de óleo Singer sobre as principais peças articuladas são indispensáveis), o Ciclista Urbano se joga ladeira abaixo pedalando numa velocidade suicida que deixa perplexo qualquer observador.

Com um punhado de giros nos pedais, a velocidade cresce tanto que a trepidação das rodas contra as pedras da rua se torna quase insuportável. Mas o Ciclista conhece bem aquele trecho e sabe que precisa aguentar com os pulsos firmes por mais alguns instantes até que, numa manobra angulosa para a esquerda que pareceria loucura a um ciclista comum, ele salta sobre o canteiro central da rua do Canteiro aproveitando um ponto rebaixado do meio-fio, cruza a pista oposta, sobe na calçada em trajetória diagonal por uma rampa de garagem e maneja com destreza o guidom da bicicleta para fazer uma rápida correção da roda para a direita, bem a tempo de evitar o choque frontal com um muro de cimento sem reboco cuja superfície parece bastante aderente a pedaços de pele e carne humana. É o primeiro ponto delicado, de um total de cinco, no percurso que ele completará hoje, supondo, é claro, que não haja surpresas. Atravessa agora as calçadas de cinco casas em sequência, sem grandes desníveis ou mudanças de terreno, de modo que o Ciclista se sente à vontade para relaxar por alguns segundos, reacomodar a palma das mãos nos manetes, afrouxar a tensão dos joelhos e cotovelos e apreciar rapidamente a vista até que o olhar trave na água do Guaíba lá longe, salpicada do branco das velas dos veleiros. À sua direita, agora, os quarteirões são ocupados por casas construídas há não mais de

um ano, várias delas com a pintura e as telhas ainda imaculadas, separadas entre si por miniaturas de matas fechadas. À sua esquerda predomina um terreno árido coberto por longas faixas de areia dura, alaranjada e erodida que se estendem em declive até a base do morro e dão lugar a uma zona plana onde ruas rigorosamente retas delimitam quarteirões retangulares subdivididos em lotes à venda. O loteamento da zona sul de Porto Alegre é novo e pouca gente, até o momento, se motivou a estabelecer moradia por ali. O Ciclista é um pioneiro decidido a mapear com suas rodas destemidas cada metro desta zona inóspita. Um cruzamento. Os ouvidos fazem rápida sondagem em busca da ameaça potencial de veículos motorizados. Negativo. Apenas o canto repetitivo dos passarinhos. Um salto do meio-fio para a rua, trepidação. Empina a roda da frente, volta a subir na calçada, desvia do toco de uma árvore serrada que ainda borbulha resina e então chega ao segundo ponto delicado, uma sequência de três entradas de garagem adjacentes, cada qual marcando um novo desnível na pista. O Ciclista gira os pedais para trás e aplica leve pressão no freio, entrando nos saltos consecutivos com a velocidade exata. Pula, pula, pula. O suor já escorre em gotas salgadas pelas têmporas, se acumulando no lábio superior. A calçada de arenito desaparece de repente e dá lugar a um mato rasteiro que oculta um emaranhado de raízes de árvores. É o terceiro ponto delicado, talvez o mais perigoso de todos, porque as raízes ficam ocultas no capim e por mais que ele passe por ali é impossível decorar a posição de todas elas. Aqui o Ciclista Urbano reconhece a impotência de seu planejamento. O terreno dá as cartas e decide se você vai cair ou não, tudo que se pode fazer é aplicar força extra nos punhos e tomar o cuidado de deixar as articulações dos braços e das pernas relaxadas para atuarem como amortecedores naturais, deixando uma folga maleável para que a bicicleta transmita o impacto aos músculos. O importante é que o equilíbrio do conjunto seja mantido enquanto se cruza o capim repleto de armadilhas de madeira viva que podem conter ainda o requinte de um caco de vidro, uma lata enferrujada ou um gambá morto. Quando chega no final da calçada, tudo ainda está sob controle. Desce mais um meio-fio mas não retorna para a calçada, pois sabe que mais adiante ela desembocará num longo trecho intransponível de mato fechado. Um Ciclista Urbano de elite precisa dominar antes de tudo a arte de manter sua atenção ao mesmo tempo na roda dianteira da bicicleta, nos poucos metros à sua frente e no que se anuncia mais adiante, a algumas dezenas de metros. Ignorar esse fundamento é uma negligência que pode custar caro quando se percorre um terreno tão selvagem e imprevisível a uma velocidade tão elevada. Graças a seus dons de observação ele já sabia há muito tempo que não subiria na calçada naquele ponto, mas seguiria em frente pelo meio da rua, suportando uma nova bateria de trepidação intensa contra as pedras da via até chegar ao fim da rua do Canteiro, ao quarto ponto delicado, ou seja, à Faixa.

A Faixa é uma avenida asfaltada. O percurso prevê somente uns cinquenta

metros sobre a via, até que se possa pegar a rua da Sombra à direita e seguir por ela até o objetivo final, a avenida Guaíba. Cinquenta metros de asfalto lisinho e dócil seriam para um Ciclista Urbano como uma maçã raspada no prato, para comer de colherinha, com açúcar. Mas quando esse trecho de asfalto está sendo percorrido nos dois sentidos por carros, ônibus, caminhões e carroças, e você chega até ele por uma rua perpendicular com calçamento de pedra numa velocidade de mais ou menos quarenta quilômetros por hora, ou onze metros por segundo, isso transforma o tal trecho de asfalto no ponto delicado número quatro do percurso. A seu favor, o Ciclista Urbano deve ter uma bicicleta muito leve e despojada, como a Caloi aro 20 com freio de pedal, para lidar com situações como essa. Ele não usa capacete, luvas, pedaleiras nem bermudas de lycra coladas nos fundilhos. Isso é coisa de mulherzinha. O Ciclista Urbano usa tênis comuns, bermuda comum bem solta e arejada e uma camiseta de manga curta no verão e comprida no inverno. E só. Um boné pode ser admitido em dias de chuva ou nos horários de sol muito forte. Quanto ao freio de pedal, o Ciclista sabe que é desprezado pela maior parte dos ciclistas, que o consideram ultrapassado, inseguro e de difícil operação. De fato, o freio de pedal, ou freio de pé, exige muito treino para ser dominado. Mas uma vez que se alcança esse domínio pleno, jamais se deseja passar para um freio moderno, de alavanca no guidom. Confiando no seu freio de pé, o Ciclista Urbano trava o cubo da roda traseira com um giro rápido dos pedais para trás e começa a derrapar sobre o calçamento. A fina camada de areia e pedregulhos que cobre a pista nos metros finais da rua do Canteiro influencia o comportamento da bicicleta, reduzindo a aderência ao solo a um nível ínfimo. Isso, é claro, foi calculado pelo Ciclista, que elabora um diagnóstico visual do tráfego em ambos os sentidos da Faixa e decide que nem mesmo precisará breicar totalmente. Pelo contrário, ele passa com habilidade da derrapagem para a aceleração e cruza o asfalto da Faixa enquanto é observado por duas mulheres que aguardam o ônibus na parada, espantadas com sua audácia. Não há tempo para se exhibir. A velocidade aumenta cada vez mais no asfalto, seis, sete, dez metros por segundo, e agora uma curva aberta para a direita, perfeita e segura. Na rua da Sombra, o calçamento é ainda mais irregular que na rua do Canteiro. Torna-se obrigatório seguir por um dos dois passeios públicos. O da direita proporciona o percurso mais emocionante. Mesmo compenetrado, o Ciclista Urbano saboreia seu segredo, a calçada das ruas residenciais das grandes cidades. Ninguém mais reconhece as calçadas como o terreno definitivo para o exercício do ciclismo radical de alto nível e periculosidade. Ele desenha um S, contornando duas árvores em sequência, a primeira pela direita e a segunda pela esquerda. Em primeiro plano está o ruído do pneu contra os diferentes pisos da calçada, o vento nas orelhas, o gosto metálico da velocidade. Apenas ele conhece este prazer. Cruza mais uma rua, entra na calçada do quarteirão seguinte. A avenida Guaíba está à vista, às

margens da grande extensão de água marrom. É a reta final.

A bicicleta flutua. Ele cometeu um erro. Esqueceu do quinto ponto delicado do percurso. As lajes de pedra cobertas de limo. Aquele trecho úmido de calçada, sob um teto de copas de árvores que justificam o nome “rua da Sombra”, está sempre coberto de limo. Aderência praticamente nula. É um sabão. A bicicleta derrapa, ele pensa em se jogar no chão, mas não há tempo, porque a roda dianteira bate no murinho de tijolos que delimita um pequenino canteiro decorado com uma dúzia de amores-perfeitos e camélias e agora ele e a bicicleta estão voando, e agora estão rolando juntos pelos paralelepípedos da rua da Sombra, o pé do Ciclista preso no quadro da Caloi aro 20 de freio de pé, e rolam e se arrastam abraçados por um punhado de metros, deixando para trás um rastro de poeira.

O Ciclista Urbano permanece pelo menos uns dez segundos imóvel no meio da rua, a perna ainda enrolada na bicicleta, enquanto os cachorros das casas ao redor latem enlouquecidos. Quando seu cérebro volta a funcionar, a primeira ideia que surge é que sua cara deve estar deformada. Passa a palma da mão sobre o rosto. O dedão fica manchado com um pouco de sangue. A língua registra o gosto azedo e o que parece ser uma pelezinha solta no lábio inferior. Ele liberta a perna travada na bicicleta, a direita, e a examina. Há um pequeno círculo branco na parte inferior do joelho, que começa a se cobrir de minúsculos pontinhos vermelhos, os quais se transformam em gotas de sangue que se acumulam e passam a escorrer perna abaixo. Partes de seu corpo antes amortecidas começam a arder. Uma coceira no nariz, a garganta apertada, e ele não consegue segurar as lágrimas. Não são de dor, e nem tanto de medo, apesar dele estar, sim, com medo, medo de estar com o rosto deformado, de ter que levar pontos no pronto-socorro, medo de diversas coisas, mas chora sobretudo de frustração. Assim como as montanhas podem se enfurecer e receber os mais hábeis e respeitosos alpinistas com uma avalanche, a calçada desta vez o recebeu com um piso de pedra coberto de limo, e ele levou uma rasteira do oponente num instante de devaneio, um instante imbecil de devaneio. Ele caiu.

Ele não é mais o Ciclista Urbano. Agora é apenas um guri de dez anos. Mas a rua não tem movimento, não há carros nem pessoas passando. São quase três horas da tarde de uma quarta-feira e as pessoas estão todas ocupadas com alguma coisa nesse momento, ninguém passeia na rua, muito menos naquela via residencial remota da zona sul onde as pessoas não têm muitos motivos para sair de suas casas, a não ser trabalhar ou resolver as pendengas do dia a dia nos bairros mais próximos do centro. Ele decide se levantar e sair em busca de ajuda, quem sabe ligar para casa a cobrar, de um orelhão. Ficar em pé não é difícil. Limpa de novo o sangue da boca. Queria um espelho agora, mais do que qualquer coisa, um espelho. Caminha em direção à avenida Guaíba, onde há bares e um orelhão e pessoas fazendo cooper. A situação é mantida sob controle,

até que olha para o joelho. Pelo ferimento, um furo de um centímetro de diâmetro e notável profundidade para uma superfície tão pouco carnuda como um joelho, o sangue agora vaza livremente e desce pela canela, ensopando as meias brancas de algodão. Algo não está bem. Suas pernas ficam moles e um suor ralo começa a molhar todo seu corpo, um suor bem diferente do que estava sendo arrancado antes pelo esforço físico.

Procura um apoio, mas não encontra. A tontura é demais. Cai no chão, sobre a calçada. E o que enxerga a seu lado, ali deitado, é um filhote de gato. Um gatinho cinza malhado que está amarrado com um cordão azul ao arame farpado de uma cerca. O comprimento da coleira improvisada que separa o gato do arame não é maior que quinze centímetros. O gatinho parece fraco, mas mia e mostra os dentes ao se sentir ameaçado. Quase sem sentidos, o Ciclista levanta a cabeça e vê uma velhinha fechando um portão de madeira e se aproximando. Talvez influenciado pelo gato, sua primeira reação é de medo, mas logo em seguida reconhece na velha a salvação, a ajuda. Ela se inclina e o consola.

“Que tombo, gurizinho. Não chora, não chora, deixa eu ver.”

Sua voz é um pouco rouca, mas ao mesmo tempo terna e afetada como a de uma apresentadora de programa infantil. Seu cabelo é marrom-claro, as rugas da face são abundantes porém finas e rasas, o pescoço é inexistente. A cabeça parece ter sido atarraxada direto no corpo. Veste uma saia comprida, que deve ter sido vermelha mas agora é de um cor-de-rosa desbotado, e uma blusa de lã fina, bege.

“Deixa a vó ver. Não é nada.”

Após a boa impressão inicial, começa a achar a velha um pouco ameaçadora e já não tem certeza se deve confiar nela. O gatinho está todo encolhido, encostado no arame farpado. A mulher se abaixa. Ele percebe que ela não tem dois dedos em uma das mãos. O dedo mínimo e seu adjacente. O mindinho e seu vizinho.

“Acho que tu mordeu a boca quando caiu, gurizinho. Isso sara rápido, viu? Não foi nada. Não precisa chorar.”

Ser tratado como criança adiciona uma pitada de raiva a seu mau pressentimento. Ninguém nunca deveria ser tratado como criança, nem uma criança. E ele nem está mais chorando.

Ela vê então o joelho, e o sangue agora cobre a canela e pinga no chão. Observa o ferimento por um instante e parece indecisa sobre que atitude tomar. Ele quer que a velha vá embora. Que saia correndo para chamar alguém que possua um carro e possa levá-lo para casa. Que volte para o lugar de onde veio e lhe dê a chance de se levantar, mesmo tonto e ferido, para fugir correndo em qualquer direção. O gatinho mia repetidas vezes ali do lado, e só agora lhe ocorre que há algo de muito errado com um filhotinho de gato daquele tamanho amarrado de um jeito tão cruel a uma cerca de arame farpado. Do outro lado da

cerca há apenas mato, mas foi dali, daquele terreno, que a velha surgiu. É possível discernir, entre as brechas do capim, partes do que parece ser uma casa de madeira remendada com lâminas de compensado.

Brinca, mas nem tanto, com a ideia de que a velha seja uma bruxa. Se for verdade, é uma boa atriz. Sua expressão fica benévola e maternal.

“Sabia que esse sangue aí, ó, isso aí é sangue ruim.”

Arregala os olhos para ela, sem entender.

“Porque tem o sangue bom e o sangue ruim, sabia? O sangue ruim é esse sangue escuro que tá saindo aí, é sangue sujo, ele corre por fora, assim, perto da pele, entendeu?”, diz, mostrando o próprio braço e passando a ponta do dedo indicador sobre sua pele parda e enrugada. “O sangue bom é diferente, é bem clarinho, quase rosa, e ele passa nas veias bem grossas, no fundo, por dentro da carne da gente, assim.” O sotaque dela é interiorano, diz “carne” com o R bem saliente e o E final como um E, não como I. “Esse sangue ruim aí, esse é bom que saia. Tem que deixar sair pra fora, porque daí o corpo faz mais sangue bom, daquele limpinho que corre por dentro, pra botar no lugar do ruim, entendeu?”

A velha passa a mão no cabelo dele e sorri. Ele olha mais uma vez para o joelho e vê que o sangue é mesmo bem escuro. Imagina como seria a cor do sangue bom, que era quase rosa de tão limpo. Ele nunca tinha visto esse tipo de sangue, ou pelo menos não se lembrava. Talvez o sangue que saiu quando caíram os dentes de leite do fundo, teve uns que sangraram e quando ele cuspiu, o sangue parecia ser bem claro. Mas o que escorre agora é definitivamente o sangue ruim, cheio de impurezas, como que sujo de carvão, desenhando linhas sobre sua canela quase sem pelos.

Quanto mais pensa nisso, menos intenso é seu mal-estar diante dos machucados. Em sua imaginação há uma imagem elaborada de todas as veias e artérias percorrendo seu interior como uma rede de encanamento, mas tudo feito de músculos, de uma carne mole sustentada e articulada por ossos. Passa o dedo no sangue da perna e depois une as pontas do indicador e do polegar, sentindo como colam uma na outra. O suor cessa, e já não se sente mais tonto. Pelo contrário, sua energia está restabelecida. As dores aumentam, mas há agora um certo prazer em suportá-las. Se levanta, espana a poeira do corpo e das roupas, encontra diversos arranhões sem importância nos cotovelos e nos ombros e vai checar o estado da bicicleta. A correia caiu, mas ele a acomoda adequadamente nas coroas, sujando os dedos com a massa escura formada pela mistura de óleo lubrificante e poeira, e dá uma ligeira meia-volta no pedal. Os elos encaixam nos dentes metálicos com um estalo. A velha lhe dirige algumas últimas palavras complacentes. Sem responder, se põe a pedalar o caminho de volta para casa. O verdadeiro Ciclista Urbano não pode se abalar diante de ferimentos e hemorragias, resultado dos acidentes que cedo ou tarde acontecem. O joelho continua a sangrar durante toda a subida da rua do Canteiro, vertendo sangue

ruim. Um fio vermelho desce do lábio inferior pelo queixo e de tempos em tempos pinga entre suas pernas. É como se houvesse câmeras escondidas atrás dos postes registrando sua tenacidade física, sua recuperação vigorosa após uma queda espetacular. Cada gota vermelha é aguardada com expectativa.

Segurando com firmeza o volante do automóvel que está prestes a dirigir ao longo de quatro dias e três noites até a região mais elevada do Altiplano Boliviano, sente a náusea típica daquele último instante em que ainda parece viável voltar atrás com relação a algo que, no fundo, sabemos não ter volta, porque já foi decidido e planejado há muito tempo. Essa hesitação inútil é ainda mais incômoda por causa do silêncio duradouro das seis horas da manhã de um sábado. Em vez de girar a chave na ignição, fica à espera de algum ruído, como se isso pudesse dar o peteleco que faltava pra ele ser jogado pra frente, forçado a ligar o carro, buscar Renan em casa no horário combinado e ir ao encontro do que prometia ser a maior aventura de sua vida. A Adri tinha avisado na noite anterior que não levantaria da cama pra se despedir. Por isso, a partir do momento em que o despertador do telefone celular tocou a musiquinha da Família Addams, às cinco e quinze, ele fez o máximo de barulho possível pra mijar, lavar o rosto, vestir uma calça confortável de abrigo, camisa polo, tênis e boné da clínica cirúrgica, preparar uma tigela de iogurte integral com granola e uma quantidade absurda de mel, escovar os dentes, tropeçar propositalmente na cama e no banquinho do closet, sintonizar o rádio em volume desnecessariamente alto em uma estação AM pra conferir a previsão do tempo, retornar pro quarto do casal sem motivo nenhum e sair dele logo em seguida, abrir a porta do quarto da Nara, cujo sono infantil quase perturbou na esperança de que isso comovesse a esposa, abrir e fechar desnecessariamente a porta do bagageiro pra espiar a bagagem que havia guardado, organizado e checado trezentas vezes na noite passada, voltar pra dentro de casa sem motivo e, finalmente, sair, fechando a garagem pela última vez e batendo a porta do carro com raiva, mas apesar de todo esse esforço a Adri cumpria a ameaça e devia estar fingindo que dormia até agora, aguardando o breve rangido elétrico da ignição iniciar os ciclos de combustão da gasolina dentro dos pistões do Mitsubishi Pajero TR4. Por fim, decide proporcionar a ela essa satisfação e gira a chave, dá

a partida no motor e acelera algumas vezes em ponto morto, somente pelo prazer de romper a quietude, fantasiando que naquele exato instante, na cama, ao perceber que ele estava realmente partindo, ela se arrependia mortalmente de não ter dado um beijo de despedida, na bochecha que fosse, e lhe desejado boa sorte. Descendo o carro lentamente pelas faixas paralelas de granito que cortam o gramado uniforme do jardim em frente à casa, decide que vai desligar o celular assim que cair na estrada e esperar dois ou três dias antes de telefonar pra ela dando notícias. Com as ruas da cidade desertas, pretende chegar ao sítio do Renan na Vila Nova em no máximo vinte e cinco minutos. Mantém as janelas do carro fechadas, e o ruído dos pneus sobre o pavimento irregular soa longínquo e fofo, dando a impressão de que está dentro de um aquário, separado do mundo. Abre completamente a janela da porta do motorista e tudo se transforma, a começar pelo barulho crocante dos pneus. O sol, que deve estar despontando por trás de algum edifício, cobre as casas, prédios, árvores e os paralelepípedos das ruas secundárias da Bela Vista com uma luz embaçada entre o amarelo e o rosa. Três estrelas heroicas resistem no céu que deixou de ser noturno há uns cinco, no máximo dez minutos. O ar está fresco e saturado de oxigênio. Enche os pulmões pelo nariz, preenchendo cada alveólo até o limite da capacidade, e prende o fôlego por uns três segundos. Daqui a poucos dias estarão, ele e Renan, quatro mil e setenta metros acima do nível do mar em algum hotelzinho de Potosí, que divide o título de cidade mais alta do planeta com Lhasa, no Tibete, os dois deitados em beliches, repousando e ingerindo volumes imensos de líquido em busca de uma aclimação adequada, evitando arruinar tudo logo no começo com uma embolia pulmonar. Assim que pega a Carlos Trein Filho pra descer até a Nilo Peçanha, lembra da pergunta que Renan fez de repente, sem mais nem menos, quando descansavam no topo da Pedra da Cruz, no final de tarde de um domingo do mês de abril, quase sete meses atrás. Tinham acabado de escalar a via Prosciutto Crudo, conquistada e batizada pelo próprio Renan. Desde que tinha passado duas semanas em férias escalando no litoral da Sardenha, em agosto de 2002, Renan batizava suas vias com expressões aleatórias em italiano. Aquele foi provavelmente o melhor fim de semana que passaram em Minas do Camaquã, uma vila fantasmagórica perto da qual se ergue um conjunto de formações rochosas que parece uma sequência de quatro gigantescas ondas de pedra maciça rasgando uma paisagem de morros suaves e rios. Situada no sudoeste do Rio Grande do Sul, a vila se desenvolveu a partir do início do século XX, com a descoberta de jazidas de cobre, ouro e prata. As reservas se esgotaram, e a mineração foi encerrada em meados dos anos 1990. Hoje a vila é habitada por algo entre uma e duas centenas de famílias, em boa parte de mineradores aposentados, e suas casas e ruas abandonadas, cercadas de uma geografia mutilada pela extração de minérios, dão um adorável ar de fim do mundo a um recanto já naturalmente isolado. A turma da qual fazem parte ele, Renan e mais

um punhado de alunos da academia foi uma das primeiras a frequentar a região pra praticar montanhismo. Percorriam os trezentos quilômetros entre Porto Alegre e Minas do Camaquã no sábado cedinho, passavam o dia escalando e a noite traçando um churrasco, escalavam mais um pouco no domingo e retornavam pra Porto Alegre à noite, Renan de volta pras paredes artificiais indoor da Condor, a academia esportiva na Tristeza da qual era dono, e ele pro seu consultório na Quintino Bocaiuva e pras salas de cirurgia do Mãe de Deus Center. A escalada, pra ele, sempre foi antes de tudo um método de exploração dos limites físicos e mentais, um exercício prazeroso de resistência muscular e concentração, praticado com disciplina e regularidade, que acabou entranhado em sua rotina, mas quando consegue se livrar de suas pacientes e acompanhar as saídas da turma da Condor nos finais de semana, a prática se torna algo além disso, um parêntese que interrompe o fluxo mais ou menos previsível de sua vida profissional e familiar. Já pro Renan a escalada é a própria rotina. Quando não está trabalhando como instrutor e sócio administrativo na Condor ou dando aulas de escalada técnica pra grupos particulares e instituições diversas, está em algum lugar do Brasil, da América Latina ou de outras partes do globo, escalando vias difícilimas de nível 9 ou 10, acumulando gigabytes de fotos digitais que registram alguns feitos consideráveis do montanhismo nacional, como a encadenação em tempo recorde da “Massa Crítica”, na Barra da Tijuca, e a conquista da sua “Francobolo”, considerada até a presente data a via esportiva mais difícil do Sul do Brasil, uma 10b repleta de passadas explosivas no teto da Gruta da Terceira Légua, em Caxias do Sul. Apesar da relação de seus egos com a escalada ser um tanto diferente, ele e Renan se tornaram grandes amigos logo que se conheceram na Condor, e desde então, sempre que as brechas das agendas coincidem, viajam juntos de carro nos finais de semana e feriados pra escalar na rocha, numa média de dez vezes por ano nos últimos três anos. Estiveram no Itacolomi, em Torres, Cotiporã, Salto Ventoso, Pico da Canastra e Ivoti. Mas seu destino favorito vinha sendo as Minas do Camaquã, onde os acampamentos montados pra passar a noite de sábado pra domingo se tornaram tão divertidos, com fogueiras e conversas madrugada adentro, que numa ocasião a Adri tinha consentido em deixar a Nara com os pais dele pra lhe fazer companhia na saída de fim de semana, apesar do terror que sentia de ver outros seres humanos pendurados nas alturas, terror que ele definia, em tom de brincadeira, como “acrofobia derivada”, enquanto Renan dizia que era cagaço mesmo. No fim ela se encantou com a natureza do lugar, perguntou pra que serviam os mosquetões, o freio oito, o magnésio, quis saber o comprimento das cordas, o método de fixação dos grampos na rocha, e chegou a escalar uns quatro ou cinco metros de altura, antes de começar a berrar de pavor. À noite, ela fumou muita maconha, bebeu muito vinho e ajudou todo mundo a tirar sarro da cara dele por não beber nem fumar maconha. Fez amizade e passou cerca de uma hora trocando confidências e

segredinhos com a Keyla, namorada e aluna do Renan. Ao presenciar a rápida intimidade das respectivas companheiras, Renan ficou balbuciando em seu ouvido frases ininteligíveis nas quais se destacava a palavra “suingue”, e isso era bem a cara do Renan. Naquela noite a Adri ficou implicante, incoerente, desfigurada e alegre, e ele ficou feliz em ver ela daquele jeito. Mas aquela foi a primeira e última vez que a Adri foi escalar com ele. Ela simplesmente perdeu o interesse, como se tivesse esgotado todas as possibilidades de fruição numa única viagem. Ele e Renan, entretanto, prosseguiram. Precisava cada vez mais da endorfina, da adrenalina e do estado mental quase meditativo que a escalada na rocha proporcionava. Renan precisava seguir fazendo aquilo que fazia melhor: vencer desafios em *boulders* com a graça de uma aranha bailarina, abrindo novas vias que seriam repetidas e respeitadas por inúmeros outros escaladores. E naquele dia de abril, quando já estavam sentados na pedra, descansando e admirando a vista do cume da Pedra da Cruz, Renan perguntou, sem desviar os olhos da paisagem: “Tá a fim de fazer um lance totalmente Coração das Trevas?”. Ainda meio zozzo, extasiado pelo esforço e pela conquista, ele seguia com os olhos um gavião que estava empoleirado na enorme cruz branca que dá nome à Pedra da Cruz e tinha recém levantado voo, batendo as asas contra um céu laranja estriado de nuvens brancas. “Fazer o quê?”, perguntou, arrancado de seu devaneio. Ao invés de dar bola pro Renan, começou a mentalizar etapas do rapel que fariam em breve pra descer daquela altura antes que ficasse escuro demais. A descida era sempre a parte que o deixava mais nervoso. Assim como a maioria dos acidentes de carro ocorre a menos de cinco minutos do destino do motorista, a descida é a parte em que um escalador está mais à vontade, mais apressado e distraído. Renan demorou alguns segundos antes de falar de novo. “Já pensou alguma vez em escalar no gelo?” Sabia que Renan tinha feito curso de escalada em gelo em Bariloche e que havia chegado ao cume de algumas montanhas nevadas dos Andes argentinos, por isso imaginou que ele tinha em mente mais alguma investida naquela região. “Nunca pensei, mas seria interessante.” “Tô com uma ideia fixa, véio, um projeto que tá me deixando totalmente obcecado.” “Escalar o Aconcágua com as mãos amarradas nas costas?” Esperava que Renan fosse rir, mas em vez disso o amigo cruzou os dedos e usou a força da mão direita pra estalar as articulações metacarpofalangianas da mão esquerda, que estouraram como um conjunto de pequenas cápsulas cheias de ar de um plástico bolha. “Preciso de um parceiro pra uma viagem, uma expedição, na verdade. Alguém com tempo e vontade pra pegar dias de estrada, investir num equipamento, se enfiar no meio do nada e passar um tempo na montanha. Tá a fim de encarar algo assim?” A pergunta parecia prever uma resposta negativa e tinha um toque muito sutil de desafio, coisa comum entre os dois quando o assunto era escalada, já que Renan era melhor no esporte em todos os sentidos e tinha como principal motivação a

superação de marcas e façanhas, de preferência as alheias. “Onde?” “Cordilheira dos Andes.” “Sim, mas tá pensando em alguma montanha específica?” Renan tirou os olhos do horizonte e o encarou. “Já ouviu falar no Cerro Bonete?” Alguns neurônios faiscaram, porque sim, já tinha ouvido falar nessa montanha, em um artigo da revista canadense *Gripped*, se não estava enganado. Um pico vulcânico de quase sete mil metros de altura, próximo ao Aconcágua, no Noroeste da Argentina. “Sim, já ouvi”, emendou com satisfação, se sentindo um especialista, “não é um vulcão na Argentina?” “Pois é, existe esse Cerro Bonete, que fica perto do Aconcágua, na província de La Rioja. Tem seis mil setecentos e não sei quantos metros e sempre foi meio esnobado pelos escaladores, mas ultimamente tem sido mais procurado. Só que não é desse que eu tô falando, não.” Renan enunciava suas frases com um falso tom de pouca importância, mas era claro que estava querendo chegar em algum lugar, falar de algo que vinha sendo objeto de fascínio em sua imaginação fazia um bom tempo. Queria fazer suspense, tanto que ficou quieto e o forçou a perguntar: “Existe outro Cerro Bonete, então?” “Existem pelo menos três ou quatro, que eu saiba. ‘Bonete’ em espanhol significa um tipo de chapéu, e os caras deram esse nome pra uma porrada de montanhas nos Andes. Mas o Bonete que eu tô falando é especial. Pra começar, fica na Bolívia. Bem no sul, quase fronteira com a Argentina.” “Fora isso, o que ele tem de especial?” “Difícil dizer, porque ninguém nunca subiu lá. Aparece em alguns mapas e nas fotos de satélite, mas não se sabe a altura exata. Encontrei uma página na internet que diz que tem dezoito mil, duzentos e quarenta pés, uns cinco mil e seiscentos metros.” “Não é dos mais altos.” “O que importa é que é desconhecido. Não existe quase nada documentado sobre a região. Não tem estrada, cidade, porra nenhuma. O desgraçado fica na borda de uma cratera vulcânica com uns seis ou sete quilômetros de diâmetro. Tu precisa ver as fotos aéreas. Dá pra achar alguma coisa na internet. É impressionante.” Soube na hora que o papo do Renan era pra valer. Subir os picos mais elevados de cada continente já tinha se tornado algo banal aos olhos dele, não que fosse fácil, mas muita gente já tinha feito. “Existem pacotes turísticos pro cume do Everest” era uma frase que Renan vivia usando pra ilustrar sua tese de que os verdadeiros desafios do alpinismo hoje em dia estão nos *boulders* de alta dificuldade e nas pouquíssimas montanhas do planeta que ainda têm um cume ou uma face intocada por *piolets* e grampões. O que motivaria ele a sair de casa e investir numa expedição seria uma montanha desconhecida, misteriosa. Algo que fosse inédito e merecesse registro. Os olhos dele brilhavam ao falar. Piscava diversas vezes seguidas e depois mantinha as pálpebras abertas por um longo tempo. “E aí? O que te parece? Nunca teve vontade de fazer uma indiada dessas? É possível, véio, perfeitamente possível. Precisa de tempo, dinheiro e um bom estado de espírito. Além de colhões. É isso que não tenho certeza se tu tem”, disse, meio brincando, meio pra valer. “É de se

pensar, é de se pensar”, respondeu. Naquela ocasião a ideia pareceu tão mirabolante que não levou a sério. Mas na segunda-feira seguinte baixou seus e-mails em casa e havia meia dúzia de mensagens do Renan, com links e imagens sobre o tal de Cerro Bonete. Eram informações limitadas e fotografias de satélite de baixa qualidade encontradas em sites obscuros de estudos geológicos e relatórios governamentais. Um dos e-mails continha um par de coordenadas e um link pra fazer o download de um programa chamado Google Earth. Instalou e seguiu as instruções da mensagem: digitou a latitude 21°45'0.00”S e a longitude 66°29'0.00”W num campo da interface do programa e apertou Enter. O globo terrestre tridimensional começou a girar devagar e a tela foi se aproximando cada vez mais rápido da América do Sul, da Bolívia, e depois de alguns segundos de transferência de dados surgiu a imagem nítida de um cume nevado na borda da cratera de um vulcão inativo. Sua primeira impressão foi de estar vendo um mapa de algum jogo muito antigo de computador, mas aos poucos foi compreendendo que era uma imagem de satélite legítima, colorida e detalhada, de um trecho incredivelmente inóspito da superfície do planeta, a vista aérea das cordilheiras lembrando a textura da casca de uma velha araucária, a crosta terrestre vista como a crosta de um bolo, quase palpável na tela do computador. E foi nesse instante que a ideia da expedição desmiolada se gravou na sua mente de forma definitiva. Fossem quais fossem as motivações pessoais do Renan, agora tinha a sua própria: precisava estar lá. Precisava que aquele exato retalho da Terra se tornasse um lugar onde estivera, que sua presença ali fosse algo realizado. A imagem da tela do computador evocou fotografias mentais de diversos locais que tinham provocado nele um desejo semelhante, como se lhe reservassem uma revelação de qualquer tipo. Lembrou de uma pequena ilha que viu durante um passeio de barco pelo sul da ilha de Santa Catarina, no primeiro ano de casamento com a Adri, quando ela estava grávida de três meses. Era uma ilha de rocha entre tantas outras daquele litoral, coberta de vegetação na metade mais elevada, mas nessa havia três ou quatro cabanas de madeira completamente isoladas, voltadas pro oceano e escondidas do continente. Ficou imaginando quem havia construído aquilo, como tinham chegado lá, se alguém morava de fato naquelas habitações precárias ou se eram apenas galpões de pescadores usados como depósitos ou abrigos eventuais. Fosse como fosse, teve vontade de estar naquela casinha isolada numa ilha sem civilização. Pareceu, por um instante, algo simples e acessível. O que podia haver de tão misterioso em escolher um lugar vazio da superfície do planeta, mandar construir uma pequena casa e ir pra lá de vez em quando? Depois, aos poucos, a ideia foi adquirindo outra cara, se revelando inviável, muito mais inacessível do que parecia, e deixar isso de lado foi como perder uma oportunidade valiosa, embora não pudesse definir exatamente o que haveria de tão único e revelador naquele lugar específico. Outra ocasião, viajando de carro pela BR-101 entre Torres e Osório,

enxergou uma figueira magnífica em um sítio na margem da estrada e teve a mesma sensação de urgência. Teria sido a coisa mais simples do mundo estacionar o carro e percorrer a pé os quinhentos metros que o separavam da árvore. Sentar encostado em seu tronco e atingir dentro de minutos alguma epifania, ou simplesmente deixar a aura daquela figueira naquele sítio naquela estrada evanescer vagarosamente, retornar pro seu carro e seguir viagem até Porto Alegre. Perdeu aquela oportunidade e dezenas de outras. O que a imagem de satélite na tela do computador oferecia era mais uma chance de eleger um instante no tempo e no espaço em detrimento de todos os outros. Era preciso estar lá. Se pudesse, se teletransportaria pro Cerro Bonete boliviano naquele exato instante. Como era impossível, apenas respondeu pro Renan: “Vi as imagens. tô dentro (sério)”.

A tarde caía na Esplanada. Eram os primeiros dias de um novo ano, e dentro de cada um ainda havia um resquício da excitação esperançosa, marcada por superstições e resoluções, que marca a inauguração de cada calendário. Do outro lado das águas do Guaíba, o sol vermelho ameaçava tocar a difusa linha de morros, que se dissolvia diante dos olhos a ponto de formar algo semelhante a um horizonte oceânico, o rio Guaíba se transformando em mar, carminado pela iluminação do poente. O tempo andava seco e o piso de areia batida do campinho de futebol impregnava o ar com uma poeira marrom que flutuava como se imóvel por minutos a fio, recusando-se a aceitar a ordem das coisas e se precipitar de volta ao chão. Os sons dos jogadores pedindo a bola e alertando sobre a marcação adversária, das gurias que observavam o jogo e ridicularizavam aos berros os mesmos guris que mais tarde, de bruços na cama, elas transformariam em protagonistas de suas desde sempre elaboradas fantasias sexuais, dos invejados proprietários de móbiles que aceleravam seus motores em duelos exibicionistas e das crianças entretidas em guerrinhas e provocações ao redor dos brinquedos da praça se combinavam em um arranjo caótico, a trilha sonora oficial dos finais de tarde durante as férias de verão. Um cavalo era domado no 8º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, perto dali, e seus relinchos furiosos podiam ser escutados. Às costas de Hermano estava o Morro da Polícia, com seus cerca de duzentos e cinquenta metros de altura, propriedade do Exército Brasileiro. O desmatamento parcial do Morro da Polícia deixava à mostra penedos e uma vegetação rasteira de capim e arbustos. Sua área interdita era invadida com frequência pelos adolescentes do loteamento e, em menor escala, por adultos com filhos pequenos na garupa. Para chegar ao Morro, antes era preciso atravessar o Mato, um bosque abundante em cipós, córregos, lagartos, cobras, gambás, ouriços e, mais raramente, bugios. À direita de Hermano, em aclave formado por uma sequência de longos e suaves degraus no terreno, se estendia o restante da praça, com parquinho infantil, quadra de bocha,

uma churrasqueira coberta e alguns bancos de cimento. Na percepção de Hermano, não havia harmonia entre todos esses elementos. Não pareciam fazer parte de um mesmo ambiente, no caso a praça principal da Esplanada, que era o nome de um loteamento residencial mas operava na psicologia de seus moradores como algo muito mais imponente, como o nome de um verdadeiro bairro. Se a Esplanada ainda não era um bairro, um dia seria. O fim de tarde no campinho era como o cenário de um sonho, que se monta sem muita preocupação com a realidade da qual deriva. Um sol se encaminhando para o ocaso nas águas do oceano seria impossível nesta cidade, ou mesmo neste país, mas condicionar a visão a apagar definitivamente os morros esmaecidos no horizonte e acreditar que aquilo estava de fato acontecendo, que o Guaíba era um mar californiano, investia de soberania a imaginação de Hermano e colocava a realidade em segundo plano. Isso lhe dava prazer. Mas a realidade retomou o poder com um golpe baixo, preciso e fulminante, quando a bola de futebol deu de encontro, em altíssima velocidade, com o seu saco.

“Mal aê, chutei pro gol.” O Morsa era o responsável pelo chute que atravessou a quadra de vinte e cinco metros de comprimento. Se desculpava com a cabeça baixa, ofegante, uma mão apoiada no pneu da cintura e outra espalmada acima da cabeça. O Morsa possuía mais de uma centena de apelidos. Kid, Kibe, Rotundo, Tentáculos Orais (ou somente Tentáculos), Gordo Trouxa, Senador, Homem Eletrônico, Dedão, Orson Welles, Olha Só Que Maneiro, Seios e dezenas de outros que certa vez foram compilados em letra de forma redondinha pela Isabela, que entrevistou todo mundo na Esplanada e entregou o resultado do levantamento para o próprio Morsa, para que pudesse decorar e atender sempre que alguém optava por uma alcunha das menos conhecidas. Mas “Morsa” reinava sobre os demais apelidos. Apesar de gordo, não gordo demais, mas gordo, e bem mais semelhante a uma morsa do que a maioria das pessoas, era seu nome de batismo, Morson, a principal origem do apelido. Morson Manera. Nenhum garoto de catorze anos tinha um bigode maior que o dele.

O jogo parou por alguns segundos. Hermano se agachou sobre a areia compacta do campinho, parecendo um velocista em posição de largada acometido no último instante por uma tenebrosa dor de cabeça. Apertou sua bolsa escrotal dolorida com a mão esquerda. Não emitiu um único som ou palavra, nem em resposta aos “Tudo bem?” e “Calma, respira.” Ficou imóvel, experimentando aquela dor com curiosidade. Era como se seus dois testículos houvessem se enrolado em um nó, e qualquer movimento fosse repuxar algum músculo ou nervo e causar uma dor pontual, insuportável, em acréscimo à sensação mais difusa que se espalhava da virilha para as coxas e o estômago.

Havia cinco em cada time. Um no gol e quatro na linha. O placar da partida, no momento, era “seis pra eles e cinco pra gente”, como lembrava agora o Pedreiro (fazia cerca de um ano, sem que ninguém entendesse qual era a graça,

o Pedreiro tinha começado a chamar todo mundo de “pedreiro”, e só tinha parado quando botaram esse apelido nele), goleiro do time de Hermano e um de seus amigos mais próximos. Completavam sua equipe o Uruguaio (autoexplicativo), o Bolita (origem desconhecida) e o Wagner Montes (após ser atropelado por uma carroça de verduras na rua do Canteiro, ficou mancando por duas semanas com um corte horrível no pé, inflamado, expelindo secreções de todas as cores menos o azul, e quando surgia caminhando à distância era recebido pelos outros com a canção de boas-vindas do célebre jurado do *Show de Calouros*), todos de camiseta. Ninguém na Esplanada escapava de apelidos. O próprio Hermano era mais conhecido como Mãos de Cavalo, por causa do comprimento exagerado de seus braços e das mãos enormes e possantes como as de um estivador nórdico, contrastantes com seus meros quinze anos de idade. O Pedreiro isolou a bola para o campo oponente, procurando os pés do Uruguaio, sempre plantado no ataque. A bola sobrevoou a cabeça de Hermano, que tinha acabado de se levantar, parcialmente recuperado. O time adversário jogava sem camisa e era composto pelo Morsa, o Nêgo Cromado (reluzia de tão preto), o Palhação (sorriso de Curinga), o Mononucleose (ou apenas Mono, autoexplicativo) e o Bonobo.

Hoje o Bonobo estava jogando bem. Interceptou a bola antes que esta chegasse no pé do Uruguaio e veio driblando pela lateral. Vestia um calção de nylon azul e calçava Kichutes arregaçados pelo uso. O Bolita e o Wagner Montes correram para cima dele. Uma insinuação tão franca de contato físico com o Bonobo só era possível no futebol, não sem algum receio. Ele continuou tocando a bola como se houvesse um corredor vazio à sua frente, por mais que o iminente choque brutal com os dois marcadores adversários estivesse óbvio. Apesar de não medir mais de um metro e setenta e cinco e de ser magro, com exceção da reserva adiposa abdominal que contrastava grotescamente com o resto do corpo, o Bonobo se movia como uma criatura do dobro de seu peso e tamanho. Os demais seres humanos eram obstáculos insignificantes. Ou melhor, tudo o que existe era um obstáculo insignificante. Vivia trombando nas pessoas e atropelando móveis e vasos de planta, jamais pedindo desculpas ou virando o pescoço para conferir o estrago. Não estava nem aí. Era o tipo de sujeito que pisa em um caco de vidro e continua andando de chinelo o dia todo, completamente à vontade, deixando atrás de si um rastro de pegadas sanguinolentas.

As quatro meninas que assitiam à partida da lateral do campo, sentadas no alto de um barranco em miniatura a que se referiam como camarote, balançaram as canelas finas e gritaram um “Baaahhh” ensaiado quando o Bonobo driblou o Bolita dando um toquinho enganador para a direita e tirou o Wagner Montes do caminho com um empurrão no pescoço que o deixou engasgado e de bruços no chão. Separando o Bonobo do goleiro, havia apenas um último adversário.

Hermano não gostava muito de jogar futebol. Era um zagueiro medíocre que uma ou duas vezes por ano, no máximo, por pura sorte, conseguia fazer um gol, dando um chutão do fundo da quadra. Suas motivações para participar dos jogos eram imprecisas até para ele mesmo. O esforço físico lhe agradava. Ser eventualmente observado pelas gurias era outro estímulo inegável. O que o atraía não era o jogo, a competição ou mesmo a interação com os amigos do bairro, mas antes o ambiente, o cenário, a oportunidade de estar imerso na atmosfera que envolvia o campinho nos finais de tarde. Havia, porém, algo mais. Algo que agora vinha correndo em sua direção como se buscasse uma trombada proposital. Algo que olhava nos seus olhos e sorria um sorriso de intimidação. Algo a que Hermano só se expunha tão abertamente naqueles jogos de bola, onde os diferentes níveis de agressividade inerentes ao temperamento de cada jogador eram ajustados, pela própria natureza do jogo, ao redor de um denominador comum. Nas partidas de futebol do campinho, Hermano podia, até certo ponto, se aproximar do Bonobo. Podia olhar para ele de perto, observar seu andar semiereto e suas feições símias. Podia dar um carrinho no Bonobo, tirar a bola dele. Podia se colocar no caminho do Bonobo. Na posição de zagueiro, era o que se esperava dele. Impedir, a qualquer custo, que qualquer atacante, Bonobo ou não Bonobo, chegasse perto do gol com a bola no pé. Então Hermano não saiu do lugar nem fingiu tentar um drible qualquer quando o Bonobo estava prestes a passar por cima dele. Em vez disso, ergueu a perna e lançou o corpo na direção do atacante adversário.

O som do choque resultante da manobra, que de técnica futebolística tinha muito pouco, ecoou por toda a praça. Uma vibração orgânica e primitiva, a sistole de um enorme coração no centro da Terra, que deixou atônitos os demais jogadores, as gurias no camarote e até mesmo algumas crianças no playground, que interromperam suas brincadeiras e se entreolharam como se buscassem no rosto umas das outras a razão daquele súbito silêncio. O Bonobo deu uma pirueta completa no ar e pareceu ficar um ou dois segundos suspenso no meio da nuvem de poeira marrom antes de cair no chão e se arrastar de peito, joelhos e palmas das mãos pela areia áspera e compacta. A desaceleração de seu corpo em atrito com o solo ainda estava incompleta quando ele se colocou de pé em um salto e se virou para Hermano, dando a entender que um erro cometido em décimos de segundo resultaria em muitos dias de profundo arrependimento.

O primeiro reflexo de Hermano foi evitar encarar o Bonobo. Seus olhos procuraram automaticamente os do Pedreiro, que estava encolhido e paralisado no centro do gol com a face deformada por um misto de terror e resignação.

“Isso, não olha pra mim”, rosou o Bonobo. “Se tu olhar no meu olho, vai cagar teus próprios dentes amanhã de manhã.” Era uma ameaça retórica. Porém, tinha saído da boca do Bonobo, cada palavra uma martelada rouca afundando um hipotético prego em uma hipotética parede. Desobedecer seria

arriscado demais. Hermano queria desobedecer. Queria olhar, mas hesitava. O Pedreiro, que ainda mantinha contato visual com Hermano, percebeu que Hermano queria desobedecer e arregalou mais ainda os olhos e agitou a cabeça com movimentos muito curtos para os lados, tentando enfatizar que a desobediência era uma péssima, péssima ideia. Hermano olhou para o chão do campinho, para o Morro da Polícia, para um planador que cruzava o céu rosado respeitando o silêncio da praça, olhou para diversas coisas exceto para o Bonobo, de quem se encontrava afastado cerca de dois metros. Enquanto isso, o Uruguaio, o Nêgo Cromado e o Wagner Montes se posicionavam entre o Bonobo e Hermano para diminuir as chances de contato visual e/ou físico, ao mesmo tempo em que o Mononucleose, o dono da bola, colocava sua Penalty oficial debaixo do braço e saía de fininho para forçar o encerramento da partida, dissipar os jogadores e diminuir as chances de uma briga. As gurias se levantaram do camarote e desceram até o campinho para acompanhar tudo mais de perto. Isabela, Lara e Ingrid permaneceram afastadas do centro do conflito, pisando em cima da linha lateral como se fosse um limite de segurança, Isabela segurando o braço da Lara e esta tocando a ponta de seus dedinhos na cintura fofa de Ingrid, as três tão curiosas como tensas. Apenas a menor e mais magrinha das quatro, Naiara, ousou penetrar no campo, e se aproximou do Bonobo.

“Mano.”

Hermano testava agora os limites de sua visão periférica. Seus olhos focavam um ponto do chão do campinho equidistante entre ele e o Bonobo. Era a fronteira da desobediência. Mover mais um pouco os olhos na direção do Bonobo classificaria o olhar como uma resposta ao desafio.

“Mano!”

E a presença da Naiara e de sua voz desafinada de menina de treze anos tentando chamar a atenção do irmão aumentava ainda mais a vontade de Hermano de olhar na cara do Bonobo e deixar acontecer seja lá o que tivesse que acontecer. Tentou controlar a respiração e ponderar bem as consequências de diversas ações possíveis naquele instante, mas o simples fato de estar ponderando demais significava que não estava apto a encarar seu oponente. Essa constatação o paralisou de vez.

“Mano, deixa ele. Foi sem querer, ele não sabe jogar direito.”

“Não te mete, guria.”

Essa foi a última frase dita pelo Bonobo. Depois dela, Hermano ficou em pé, encarando o chão por um período cuja duração ele seria incapaz de determinar, absorvido pela ausência de pensamentos em sua mente. Podiam ter se passado dez segundos ou dez minutos antes que o Pedreiro pusesse a mão em seu ombro e dissesse que todos tinham ido embora, o Mononucleose havia sumido com a bola e o jogo tinha acabado, e o Bonobo tinha subido a praça e desaparecido lá no alto

junto com o Nêgo Cromado e o Uruguaio, e as gurias também tinham ido embora, e apenas as crianças ainda estavam ali sentadas ao redor do gira-gira, girando.

No seu aniversário de treze anos, Hermano tinha ganhado de presente dos pais um estojo metálico de lápis de cor solúveis em água da marca suíça Caran d'Ache. O estojo era vermelho e frio ao toque, com dimensões de aproximadamente trinta e cinco por vinte centímetros, contendo no interior duas bandejas plásticas sobrepostas, cada uma com quarenta lápis. A cor do revestimento dos lápis reproduzia fielmente a cor da grafite, e as oitenta cores alinhadas nas bandejas formavam dégradés suaves e luminosos. Era hipnotizante, tão belo que Hermano passou alguns dias com receio de sequer tocar nos lápis, como se tirá-los da ordem fosse quebrar um encanto. O presente era importado e tinha custado uma nota preta. No verso do estojo, a descrição do produto vinha em vinte e três línguas. Embora o próprio Hermano não lembrasse, seus pais lhe garantiam que em algum momento da tenra infância ele declarara enfaticamente que queria ser pintor quando crescesse. Dias depois do aniversário, quando reuniu coragem para retirar alguns lápis da caixa, tentou desenhar algumas coisas em folhas de papel canson. Testou cada cor e usou um pequeno pincel molhado para experimentar as possibilidades de aquarela. Depois de algumas semanas de rabiscos e tentativas de explorar a coleção de lápis como instrumento artístico, o estojo Caran d'Ache foi socado no fundo de uma gaveta de escrivaninha e de lá nunca mais tinha saído. As folhas de papel canson que haviam servido de suporte para a fátua carreira de pintor de Hermano ainda existiam, reunidas em uma pasta. Havia alguns pequenos esforços figurativos, como uma cara de porco aqui, uma árvore ali, um planeta nos moldes de Saturno acolá, e também cópias muito malfeitas de cenas violentas de histórias em quadrinhos, mas em sua maior parte as folhas eram dominadas por rabiscos sem sentido, pequenas manchas de cor saturada, experiências de sobreposição de cores, pedaços de folha rasgados pelo excesso de água no pincel, dégradés, hachuras.

Entrando em seu quarto logo após o incidente no campinho, Hermano lembrou da existência do estojo de lápis, condenado ao esquecimento no fundo da gaveta há mais de dois anos. Retirou o estojo de baixo de uma pilha de livros, cadernos e polígrafos escolares antigos. Sentou na cadeira da escrivaninha, abriu a caixa e observou os lápis. Embora a ponta da maioria estivesse um tanto gasta, nenhum deles chegou a ser apontado nenhuma vez. Repousavam ordenados na sequência original. Na bandeja de cima predominavam vermelhos, rosas, azuis, cinzas, preto. Na de baixo amarelos, verdes, marrons, beges e tons especiais de dourado e prateado. Deixou o estojo aberto sobre a superfície de fórmica branca da escrivaninha.

Tirou a camiseta, os tênis e as meias e sentou na cama. Toda a roupa estava úmida de suor, e o calor abafado do verão porto-alegrense fazia com que continuasse suando intensamente, mesmo com o corpo já relaxado. Além da escrivaninha, no quarto de Hermano havia uma cama de ferro tamanho solteiro, um armário de roupas que cobria uma parede inteira e uma mesinha que acomodava um combo de televisão colorida catorze polegadas e um videogame Phantom System. Prateleiras ao longo da parede onde estava encostada a cama continham uma modesta coleção de livros infantis, infantojuvenis e clássicos, um helicóptero e meia dúzia de bonecos Comandos em Ação (Elétron, Gladion, Dragon, Falcon Piloto, Furion e Cobra Oficial), quatro bonecos He-Man (Príncipe Adam, Gorpo, Ariete e Aquático) e outros brinquedos de infância abandonados não muito tempo antes. Em outra parede, Mel Gibson com traje de couro preto e segurando uma escopeta de cano serrado estampava o pôster de Mad Max 2: A caçada continua, obtido através do Pedreiro, cujos pais eram donos de uma videolocadora. O aparelho de som CCE estava quebrado havia quase um ano e não fazia muita falta, pois Hermano não tinha o hábito de escutar música. Revistas de histórias em quadrinhos, videogame e putaria estavam empilhadas em um canto. O quarto dava a impressão de ter permanecido desocupado por um longo tempo. Embora nunca estivesse bem arrumado, também não vivia no estado de devastação sísmica da maioria dos quartos de adolescente.

De debaixo da cama, Hermano tirou dois pequenos halteres de ferro, com três quilos cada. Levantou da cama, parou em pé diante do espelho pendurado atrás da porta e começou a flexionar os braços alternadamente, um peso em cada mão, contraindo os bíceps. Fez duas séries de vinte repetições em cada braço. Depois se debruçou sobre o carpete bege e desgastado e fez trinta apoios. Quando levantou novamente, o suor já havia encharcado a cintura da bermuda. Permaneceu por alguns momentos se olhando no espelho. As veias do antebraço pulsavam, salientes. Com os pés fixos no chão, girou o corpo para os lados, examinou os músculos das costas, das costelas, da panturrilha. Ficou algum tempo ajustando sua posição para que o reflexo lhe desse a impressão de uma pose casual, não a pose de alguém que está estudando a própria compleição no espelho. Seus braços e joelhos estavam cobertos de cortes e arranhões, alguns ainda úmidos e recentes, outros na forma de uma casca escura que já se soltava, e em alguns pontos a pele estava rosa, fina e sensível por causa de um ferimento recém-cicatrizado. Era um corpo magro de proporções equilibradas, onde apenas os braços davam impressão de ser mais compridos do que deveriam. Os músculos eram rígidos mas não muito salientes. A pele castanha era coberta de pelos curtos que a idade havia escurecido apenas parcialmente.

De repente, a imagem do Bonobo deslizando de peito pela areia acendeu na memória e arrancou de Hermano um risinho anasalado, pois vista assim, de longe, a cena tinha um aspecto cômico, como era cômico também o olhar

embasbacado do Pedreiro emoldurado pelas traves da goleira. Ao recordar os momentos seguintes, contudo, parou de achar graça e começou a ser tomado pelo ódio e pela frustração. Não compreendia muito bem por que tinha agredido o Bonobo daquela maneira. A atitude tinha sido automática e gratuita. O pior de tudo não era ter mantido os olhos cravados no areião do campinho. O pior era que ele mesmo tinha tomado a iniciativa, estendendo a sola do pé e jogando todo o peso do corpo para cima do outro. Desviar do olhar hostil do Bonobo era a reação que se esperaria de quase qualquer um, exceto talvez do Uruguaio, que não era de apertar a rosca para ninguém e considerava a força física um dos principais atributos do povo de seu pequeno país sem curvas, mas provocar o Bonobo e *depois* fugir da briga era inadmissível e humilhante. Tinha agido como um daqueles cachorros de rua traumatizados por alguma surra ou acidente, que latem furiosamente para qualquer coisa que se mova, mas metem o rabo entre as pernas e se dobram como um tatu-bola e tremem e se enfiam embaixo de um carro diante do mínimo gesto de ameaça. O Bonobo não tinha ombros. Sua cabeça parecia um feijão gigante equilibrado sobre um torso triangular embasado por uma pochete de banha. Tinha os braços curtos como os de um tiranossauro. Todo mundo o achava parecido com o Horácio das revistinhas da Turma da Mônica, mas ninguém nunca tinha dividido essa impressão com mais ninguém por medo de que chegasse aos ouvidos do Bonobo, de modo que todos se achavam os únicos a fazer a comparação secreta e riam sozinhos de vez em quando pensando nisso. Mas apesar da aparência que beirava a deformidade e de um comportamento terrorista, era impossível não simpatizar com o Bonobo. Por mais medo ou repulsa que provocasse nos outros, qualquer interação com ele tinha o sabor de um privilégio. De todos os pontos de vista, em qualquer circunstância, agredi-lo em um jogo de futebol era burrice.

O cheiro de Hermano estava tão nauseabundo que ele começou a ficar enjoado com o próprio fedor. Mesmo nas férias de verão, chega o dia em que um homem precisa tomar banho. Pegou o estojo de lápis de cor sobre a escrivaninha, deu alguns passos pelo corredor e se trancou no banheiro.

Abriu a torneira e esfregou o rosto com água fria. Em vez de entrar direto no chuveiro, sentou na tampa do vaso e começou a especular quais teriam sido as consequências se tivesse retribuído o olhar de desafio do Bonobo. Hermano nunca tinha brigado para valer com ninguém. Já havia se machucado de inúmeras maneiras, em diversas partes do corpo, e em alguns casos tinha sido levado pelos pais ao hospital para costurar algum corte ou tirar radiografia. Tinha dado de cara em árvores, caído do balanço de queixo no chão, sofrido quedas pavorosas de bicicleta, enterrado um anzol na parte interna na coxa, rachado unhas ao meio, rasgado diversas partes macias do corpo em arame farpado enferrujado, quebrado um dente na roleta do ônibus. Mas não conseguia imaginar qual seria a sensação de levar um soco no rosto. Fechou o punho e o

pressionou contra a bochecha, contra a boca, contra a ponta do nariz, iniciando o contato com delicadeza mas pressionando os ossinhos da mão com força contra a carne mole, imaginando que tipo de dor estaria em jogo numa hipotética troca de murros com o Bonobo. A sensação de dar um soco no rosto de alguém era igualmente misteriosa.

Sobre a pia estava o estojo de lápis de cor, e por um instante Hermano não soube dizer como ele tinha ido parar ali, até lembrar que o trouxera consigo sem motivo nenhum.

Levantou a tampa e passou os dedos por cima dos lápis vermelhos, que giraram no próprio eixo sem sair do lugar, bem acomodados em seus sulcos de plástico. Abriu o registro da pia apenas o suficiente para que um fio imóvel e silencioso de água corrente saísse da boca da torneira e desaparecesse nas profundezas do ralo. Havia cinco tons de vermelho no estojo. Escolheu o mais escuro, ao lado do cor-de-vinho, e pôs a ponta do lápis embaixo do fio d'água por poucos segundos. Ainda sentado na tampa da privada, riscou uma linha reta sobre o dorso da mão esquerda. A grafite solúvel deixou um rastro vermelho vívido. Contemplou o traço por alguns instantes. Ficou em pé e se colocou diante da pia e do espelho. Sua pulsação disparou ligeiramente. A agitação que sentia lembrava a primeira vez que se mobilizara às escondidas com o propósito firme de se masturbar, a imaginação cercada de desfechos imponderáveis. Molhou o rosto inteiro com as mãos, diluindo o farelo de sal deixado pelo suor seco na testa e ao redor da boca. Pegou o mesmo lápis de antes e pintou de vermelho uma pequena área do lábio superior. Não ficou satisfeito com o resultado. Parecia maquiagem malfeita de filmes nacionais exibidos de madrugada. Concluiu que não adiantaria sobrecarregar o lábio com a tinta do mesmo lápis. O estojo oferecia uma grande variedade de cores, e a verossimilhança surgiria da sua combinação. Experimentou sobrepor todos os tons de vermelho. Testou alguns rosas, a cor-de-vinho. Logo obteve uma tonalidade rúbea convincente. Mas ainda faltava alguma coisa. Não há sangue sem ferimento. Com um lápis azul-marinho bem apontado, fez um pequeno traço escuro, que logo se misturou parcialmente ao vermelho a seu redor. Carregou mais um pouco no vermelho por cima. Deu um passo para trás. Se alguém invadisse o banheiro naquele momento, pensaria que ele tinha um corte real no lábio superior. A tinta diluída se acumulou em uma gota que escorreu pelo lábio inferior e manchou os dentes incisivos. O efeito, ao mesmo tempo em que era extremamente realista, trazia à mente um clipe frenético de imagens de filmes e histórias em quadrinhos, uma montagem feita de heróis feridos — Elektra golpeada por ciborgues sádicos, o jovem Veto Skreemer com o rosto talhado a navalha, Robert de Niro com um tiro no pescoço, Mad Max ensanguentado se arrastando para fora do Ford Falcon GT Coupé preto após uma capotagem espetacular, samurais, gângsteres e vingadores das telas de televisão e páginas de *graphic novels* que não apenas sangravam, mas deixavam o sangue

vesti-los como uma pintura de guerra, imprimindo uma dimensão sagrada a seu estoicismo. O herói sangrento era agora ele mesmo, estampado na superfície salpicada de pasta de dente do espelho. Tinha acabado de levar um soco do Bonobo no rosto e se estatelado no chão áspero do campinho. Mas se pôs em pé e encarou o outro no olho. Se agachou no chão do banheiro e levantou devagar, mãos apoiadas na borda da pia. A imagem de seu rosto foi surgindo em câmera lenta no espelho, oleosa, molhada e ferida, a saliva tingida de sangue cobrindo os dentes. O Bonobo tentou atingi-lo com um novo soco, mas ele desviou e imobilizou o braço do agressor com seu próprio braço, executando com habilidade uma arte marcial intuitiva, desenvolvida durante anos de lutas na rua. Acertou o rosto do oponente com um soco certo e econômico. O Pedreiro veio em seu socorro, mas ele mandou que se afastasse. As gurias, assustadas, pediam aos gritos que a briga parasse. Mas agora ele já estava engalfinhado novamente com o Bonobo. Dava e levava golpes em turnos. Os lápis vermelhos trabalharam com precisão sobre o rosto molhado, abrindo um corte no supercílio, dando cor e fluxo a uma hemorragia nasal. Ao acumular bastante tinta em um mesmo ponto e pingar ali uma ou duas gotas de água pura, surgia um fio de sangue que deixava um rastro pela pele. Cada vez que levava um golpe no rosto, simulava o impacto jogando a cabeça com força para o lado, e o sangue espirrava sobre a porta do banheiro ou o vidro do box. As gotas rubras caíam na pia e evocavam o sangue verdadeiro que tinha manchado aquela mesma porcelana branca em outras ocasiões, cortes nos dedos, nas mãos ou nos pés, que precisaram ser lavados e desinfetados. Apanhou muito, a ponto de o sangue já lhe escorrer pelo peito e haver respingado por boa parte das superfícies do banheiro. Imaginou os ossos de seu rosto quebrando sob a ação dos punhos ralados do Bonobo, os espectadores reunidos em semicírculo ao redor da briga, calados, observando a destruição completa do perdedor.

“Hermano?”

Parou. A porta estava coberta de respingos vermelhos. Tinta vermelha diluída escorria por seu pescoço e tórax. A pia estava toda vermelha. O chão estava vermelho.

“Tá tudo bem, Hermano?”

“Tudo bem, mãe.”

“Ouvi uns barulhos.”

“Não é nada. Vou tomar banho.”

Um rolo de papel higiênico inteiro, água e sabonete foram usados para limpar todo o banheiro. Deslocou a chave do chuveiro elétrico e tomou banho frio. Resíduos de tinta sanguínea misturada a água mancharam o chão do box no primeiro minuto. Depois a água ficou limpa. Sentiu vergonha, não exatamente pela encenação que tinha produzido e protagonizado, mas pelo fato de ter perdido uma briga roteirizada pela sua imaginação.

Na terça de manhã leu a resposta do Renan: “maravilha seu viadinho! aquela montanha vai ser nossa!!!! pinta na academia hoje e vamos conversar. jah viu a gostosa que entrou na aula de spinning?!?!? se naum viu vai ver hoje, abs renam”. Renan é o tipo de cara que escreve errado o próprio nome. Mas pouca gente no Brasil escala como ele, e naquela noite de terça descobriu que o amigo escalador detinha conhecimento e senso logístico de sobra pra planejar uma expedição como a que pretendiam realizar. Subindo a Nilo Peçanha em direção à Carlos Gomes, reduz de noventa pra cinquenta quilômetros por hora a vinte metros da lombada eletrônica e escuta a mochila grande rolar pelo bagageiro, uma massa compacta de acessórios de camping, instrumentos de escalada pra rocha e gelo, roupas especiais, comida, equipamentos eletrônicos, uma carga de itens metodicamente pesquisados, comprados e acondicionados, que incluem uma barraca pra duas pessoas e saco de dormir pra até oito graus negativos, isolante térmico, fogareiro de benzina, benzina, garrafas plásticas de refrigerante, que são o mais leve, prático e barato cantil que existe, talheres, duas pequenas painelas de titânio, lanterna, pilhas, canivete, pastilhas purificadoras de água, isqueiro, fósforos, muitos sacos plásticos de diversos tamanhos, sacos de vedação pra roupas e equipamentos mais frágeis, analgésicos, antitérmicos, relaxantes musculares, um kit de primeiros socorros, frutas desidratadas, chocolates, barras de cereais, arroz, lentilha, bastonetes de carne-seca, diversas comidas enlatadas, uma nécessaire com os mais básicos artigos de higiene pessoal, quatro cuecas, três camisetas, uma calça, uma bermuda, três camadas de roupas especiais pra escalada em baixas temperaturas, começando pelo underwear de fibra de poliéster colado ao corpo pra absorver o suor, *fleece pile* na camada intermediária e por cima de tudo um anoraque que permite passagem de umidade em apenas um sentido, liberando a transpiração e mantendo a impermeabilidade do tecido, e também touca, luvas, óculos protetores especiais, pescocreira, bloqueador solar, protetor labial, câmera

fotográfica digital 7.2 megapixels, iPod, GPS, um caderninho de anotações, sem falar nos apetrechos de escalada em si, como cordas estáticas e dinâmicas de diversos tamanhos com tratamento dry, capacete, cadeirinha, mosquetões, fitas, freio oito, sapatilhas pra escalar na rocha, bota dupla pra gelo, piolet, grampos e mais uma longa lista pensada pra suprir toda e qualquer necessidade no acampamento base e na subida da montanha, visando ao mesmo tempo acumular o menor peso possível. Renan tinha diversos macetes pra reduzir o peso total das mochilas, desde cortar fora as etiquetas de todas as peças de roupa e quebrar o cabo das escovas de dente, até a opção por cordas de 9,8 milímetros, a menor espessura que podia ser considerada segura praquela escalada, medidas aparentemente insignificantes mas que em conjunto podiam tirar mais de um quilo das costas de cada um. Durante cinco meses foram reunindo o material necessário e traçando a rota nos mapas, desenhando uma linha nervosa de rodovias estaduais e federais que os conduziria através da serra gaúcha, interior de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, onde planejaram cruzar a fronteira com a Bolívia pra depois ascender quase quatro mil metros por estradas precárias em zigue-zague, até chegar em Potosí, no Altiplano Boliviano, onde passariam alguns dias antes de percorrer os trezentos e cinquenta quilômetros finais até a região do Cerro Bonete. Pelos cálculos, precisariam caminhar algo entre sete e oito quilômetros pelo fundo dos vales até chegar ao pé da montanha, onde fixariam o acampamento-base. No primeiro estágio desses preparativos, a Adri teve alguns inesquecíveis surtos de histeria. Desaprovou a ideia da expedição desde o começo, e pode ter levado algumas semanas pra perceber que não se tratava apenas de uma obsessão passageira. Primeiro tentou convencer o marido de que era um desperdício absurdo de dinheiro, e a quantia que foi obrigado a investir nisso tudo realmente fez o projeto todo cair na categoria das excentricidades. Renan conseguiu patrocínio parcial com uma marca de mochilas e acessórios esportivos. Pelo contrato, o logotipo ou o nome da empresa devia aparecer explicitamente na divulgação, no registro fotográfico e em diversas situações minuciosamente descritas. Isso aliviou bastante o investimento, mas de qualquer forma ela logo percebeu que o argumento financeiro não o faria mudar de ideia, pois havia pelo menos dois anos o dinheiro era algo com que não precisavam se preocupar. Estava sobrando. Então ela mudou de estratégia e partiu pra um misto de pressão psicológica e chantagem emocional, apontando o perigo e o imprevisto da jornada, sublinhando que nenhum dos dois, nem mesmo Renan, que era um profissional, tinha experiência pra se aventurar em algo tão extremo. Mas a inconsequência e o risco contribuía para a atração exercida pela ideia sobre ele desde o princípio, foi o que respondeu inúmeras vezes. Aí ela apelou pro último recurso, que o fez compreender a verdadeira natureza dos sentimentos dela. “Tu tem uma filha, espero que não tenha esquecido disso também”, ela disse uma noite,

repentinamente, quando estavam na cozinha matando tempo antes de dormir, recém-chegados de um jantar em um novo restaurante italiano no Moinhos de Vento, minutos após dispensarem a babá, ele bebendo um copo d'água com algumas gotas de limão e ela fumando o mais recente cigarro com os mais baixos tores. Ele já esperava o golpe mortífero do pai-egoísta-irresponsável-com-filho-para-criar e estava pronto pra contra-atacar com uma mistura de indignação, garantias afetivas, tiradas existenciais e inflação da autoestima da oponente, mas o que chamou sua atenção foi o “também” que encerrou a frase. A palavra saiu torta, em tom decrescente. Não fazia parte do que ela planejava dizer. E só podia haver uma única coisa que ele *também* estava esquecendo. Quis saltar da cadeira e abraçar ela com força, mas já havia algum tempo tinha aprendido que abraços resolvem as coisas só temporariamente, depois não são mais lembrados. Abraços são impotentes. Ela queria que abrisse mão do que estava fazendo em troca dela. Era um apelo. Mas e as suas próprias expectativas? Tinha esperado, até minutos atrás, que ela assumisse que no fundo sabia o quanto essa fuga era importante pra ele, que lhe desse um longo beijo de despedida e dissesse que o compreendia e continuaria ali aguardando seu retorno, que ela garantisse à Nara que o pai tinha ido fazer uma coisa muito corajosa mas que ficaria bem, e voltaria em poucas semanas com presentes dos índios da Bolívia e fotos da cratera de um vulcão que ninguém jamais tinha fotografado de perto. Mas nenhum dos dois cedeu. Não desistiu de ir, e ela fingiu que estava dormindo enquanto ele partia. Agora é tarde. Entra à direita na avenida Carlos Gomes, recentemente ampliada e coberta de concreto quase branco que o faz lembrar, absurdamente, da faixa de areia que iluminou com os faróis do Fiat Tempra do seu pai há uns seis anos, quando saiu de uma festa com a Adri no meio da madrugada e em vez de largar ela em casa dirigiu mais de trinta quilômetros até a Praia do Lami porque ela disse que queria que ficassem sozinhos, longe de tudo e de todos. Se conheciam fazia uns dois meses e pela primeira vez na vida, aos vinte e quatro anos, na reta final do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tinha começado a questionar sua certeza de que permaneceria solteiro e sozinho, uma perspectiva que trazia algo de resignação e outro tanto de intenção. Não via como a convivência com uma mulher poderia incrementar sua vida, e suas breves experiências com namoradas tinham apenas drenado quantidades imensas de energia que julgava vitais pra atingir seus objetivos primários, que na época eram o estudo, a busca competidora de uma técnica cirúrgica exemplar e a manutenção de uma forma e resistência físicas impecáveis. Somente imaginar um demorado e hipócrita ritual de conquista lhe trazia mais ansiedade que qualquer prova da faculdade, e ser a única pessoa sóbria nas raras festas a que se forçava a comparecer não ajudava muito. Não era a primeira vez que ficava com uma mulher, mas era a primeira vez que estava com uma mulher, e ela tinha a mesma idade, estudava Artes Plásticas

depois de ter desistido do curso de Farmácia e dizia em dúbio tom de brincadeira que precisava de um homem que fosse se tornar um médico muito rico pra bancar seus caprichos criativos até que conquistasse fama internacional. Era bonita, inconveniente e encantadora. Levou ela até o Lami, estacionou sobre a areia num recanto secreto que conhecia, a uns cinquenta metros da água, e passaram o resto da madrugada avançando limites na história pessoal e no corpo do outro, recuando sempre no instante certo antes de penetrar em experiências sombrias ou cometer algo que pudesse ser qualificado como uma trepada de fato, como se isso pudesse fazer desmoronar aquele estado de felicidade quase eufórica que vibrava no interior do carro e parecia depender de um delicado equilíbrio de fatores. O rádio estava sintonizado na Continental e de repente, logo após algo que podia muito bem ter sido Ray Coniff, começou a tocar uma música não muito famosa do Pink Floyd chamada “Fearless”, que havia escutado em vinil em algum momento da adolescência e tinha ficado carimbada como a trilha de momentos de meditação solitária. A Adri subiu no colo dele no banco do motorista e começou a agitar os cabelos negros, que na época desciam até quase a cintura, e a prever que os dois ficariam juntos muito tempo e a explicar por que estava absolutamente fascinada com a cadeira de filosofia da arte que estava cursando naquele semestre, e em determinado momento intuiu que estava fodido, que no seletivo grupo de seus objetivos primários entraria manter aquela guria feliz do jeito que estava agora. E sentiu uma necessidade de dizer isso. “Sabe esse jeito que tu tá se sentindo agora?” “Que que tem?” “Eu quero fazer com que tu continue te sentindo assim pelo maior tempo possível.” Cerca de um ano depois, semanas após sua graduação, estavam casados, morando num antigo apartamento de um quarto de propriedade da mãe dela, numa quadra nobre do bairro de Petrópolis. E a verdade é que seu objetivo de estender a felicidade daquelas horas da madrugada na Praia do Lami pelo maior tempo possível pode ser considerado o maior fracasso de sua trajetória, pois nada parecido com aquilo jamais voltou a ocorrer. Sua vida juntos parecia ter passado de maneira rápida e automática. Conviveram muito pouco nos primeiros anos, ele absorvido por residências médicas e especializações, uma delas em São Paulo, além de leituras científicas de um rigor excruciante e longas corridas noturnas que eram a única forma de recarregar seu ânimo e preservar a disciplina e uma visão límpida dos seus objetivos, ela se envolvendo cada vez mais com artistas e “pessoas criativas”, como ela mesma tachava com franco escárnio, participando da montagem de exposições de amigos pintores e criando, aos poucos, suas próprias obras que visavam “explorar a matéria vegetal pra expor a nervura biológica que a paisagem urbana esconde sob o asfalto e o concreto”, como ele lembrava direitinho de ter lido em um folheto de divulgação de uma exposição coletiva dela e de outros artistas, realizada numa velha mansão reformada em Ipanema, exposição pra qual ela contribuiu com uma composição de fragmentos

de lajes de pedra de passeios públicos que haviam sido rachadas e rompidas pela ação das raízes das árvores, bem como segmentos de raízes que haviam sido extraídos pela Secretaria de Meio Ambiente pelo mesmo motivo e, por fim, o elemento que caiu nas graças do público, um pedaço maciço do tronco de uma tipuana, no qual pedaços de lajes, um para-choque cromado de automóvel e uma inacreditável placa de vidro estavam encravados como estilhaços de uma granada, num trabalho cuidadoso que envolveu formões, brocas e uma pequena serra elétrica. O tronco ainda secretava seivas e resinas, e havia uma beleza estranha no arranjo, que ia muito além da óbvia leitura ambientalista. A obra rendeu um convite pra Bienal de Artes do fim daquele ano. A Adri trancou o curso de Artes, um semestre antes de se formar, alegando que não precisava do diploma mas precisava do tempo pra trabalhar em sua próxima criação, sobre a qual manteve segredo absoluto, exceto pra alguns de seus amigos artistas. A cobertura pré-Bienal pela imprensa anotou o mistério que se fazia em torno da obra da artista plástica Adriane Weissmann, novo e promissor talento gaúcho. Um grande galpão foi erguido na beira do Guaíba, próximo ao Parque da Harmonia, pra abrigar a instalação. “Tem a ver com árvores?”, perguntou uma vez, e foi a única coisa que ela revelou antes da abertura da exposição: “Tem”. E o que a sua esposa fez foi desenterrar um portentoso espécime de *Ficus benjamina*, uma bela espécie de figueira cujas raízes costumam se alastrar por áreas de enorme diâmetro, destruindo muros e pavimentos, serrar fora a copa da árvore e pendurar seu tronco e raízes intactos no teto do galpão, sobre a cabeça dos espectadores. Foi um prodígio. Não se poderia dizer que a árvore, que estava num sítio em Viamão e pôde ser retirada do solo após uma série de autorizações municipais e acordos de retorno ambiental, foi exatamente arrancada do chão, mas sim cirurgicamente removida com um procedimento de escavação minucioso e paciente que preservou suas enormes e serpenteantes raízes quase à perfeição, trabalho que foi concluído apenas dois dias antes da estreia da Bienal. A árvore foi seccionada em diversas partes pra poder ser transportada, e depois recomposta com base em diagramas e fotografias. O público entrava no galpão por uma porta estreita e se deparava com o chão coberto de folhas reluzentes de figueira. Um painel indicava inúmeros significados e simbolismos associados à figueira. Na Bíblia, após comerem o fruto proibido, Adão e Eva se cobriram com folhas de figueira. Na Grécia antiga, a árvore era consagrada a Atena e seus frutos não podiam ser exportados. Na Roma antiga, era considerada um símbolo sagrado de Rômulo, e o figo tinha um sentido erótico, associado a Priapo. Na Índia o ficus é a árvore mais sagrada, e segundo a tradição védica é habitada por Brahma, Vishnu e Maheshwara, sendo portanto um símbolo da trindade. Em diversas culturas simboliza abundância ou imortalidade, e por aí vai, sem esquecer também que a figueira majestosa na planura do pampa é um ícone da paisagem sul-rio-grandense. No alto, iluminada por janelas estreitas presentes

nas quatro paredes do galpão, o público via a estrutura intrincada e vagamente radial das enormes raízes espalhadas no espaço, como se a árvore estivesse plantada no ar. Era de tirar o fôlego, e filas imensas se formavam na entrada do galpão. Houve protestos, artigos com as mais díspares interpretações e enquetes nos jornais perguntando ao público se aquilo era uma obra de arte brilhante, uma idiotice ou um crime ambiental. Apesar da repercussão, a Adri se recusou a dar entrevistas e, pra total espanto dele, declarou que ia se afastar do mundo das artes pra todo o sempre. Simplesmente perdeu o interesse. Esta é a sina de sua esposa, a mãe da sua filha: ela perde o interesse. Pouco antes de ficar grávida, ela e duas amigas sócias abriram uma loja de roupas da qual a Adri se desligou poucos meses depois. A loja foi fechada em um ano. Depois ela fez a direção de arte de um curta-metragem de um diretor gaúcho. Antes do fim das filmagens, já chegava em casa estressadíssima, prometendo que nunca mais queria ver a cara daquelas pessoas na sua vida e amaldiçoando o cinema de todas as épocas e lugares. E aí ela engravidou e foi como se a maternidade a tivesse arrancado prematuramente de um longo processo de experimentação e indecisão que parecia longe de terminar. Muitas vezes se perguntou quando é que ela ia simplesmente se cansar dele, e às vezes suspeita que isso aconteceu há muito, muito tempo, pouco depois de seu casamento ou quem sabe até antes. No entanto, sabe que ainda há algo os unindo além de sua filha. Talvez tenha perdido a esperança de recuperar nela a felicidade pura que embaçou os vidros do carro naquela madrugada na Praia do Lami, mas ainda assim não suporta ver ela sofrer, por pouco que seja, não importa o motivo, e se sente capaz de fazer qualquer coisa pra que o sofrimento pare. Dia desses, deitada na cama enquanto ele fazia abdominais no chão do quarto, ela interrompeu a leitura de um romance e disse: “Minha vida é como uma dança das cadeiras, só que ao contrário. Cada vez que para a música botam mais cadeiras.” Ele poderia tentar botar cadeiras, se estivessem faltando. Mas como se retiram cadeiras da vida de uma pessoa? Como escolher por ela? Ainda amava a Adri, com toda a certeza. Mas era um amor racional. Sabia exatamente *por que* a amava, e tinha inúmeras *razões* pra que continuassem juntos. Com ela devia ser parecido. Por uma série de motivos que guardavam pra si, continuam escolhendo, dia após dia, permanecer onde estão.

O morro

“Parece que o céu vai desabar a qualquer momento.”

O Pedreiro parou com o pé apoiado em uma pedra e olhou para cima, franzindo o rosto. Tinham percorrido os primeiros duzentos metros da trilha que subia o Morro da Polícia, após terem atravessado o Mato. Uma massa compacta de nuvens cobria todo o céu, irradiando uma luminosidade difusa e ardente que parecia cozinhar o planeta aos poucos. Mesmo a céu aberto, a sensação era opressora. Hermano olhou para as nuvens e concluiu que demoraria pelo menos umas duas horas para chover. Ainda olhando para o céu, disse com uma voz grossa, imitando dublagem de televisão:

“Tudo que importa agora é a lei da gravidade.”

O Pedreiro deu um risinho e emendou na mesma dicção:

“Lembra que eu disse que mataria você por último?”

Hermano retrucou com uma vozinha esganiçada:

“É isso mesmo, você prometeu!”

“Eu menti.”

“Aaaaaahhhh...”

Risos.

“Alguém aí quer uma cerveja?”, perguntou o Uruguaio, que carregava sobre o ombro um isopor azul cheio de gelo e latinhas de cerveja.

“Não.”

“Não.”

“Não, valeu.”

“Me dá um gole?”, pediu Isabela.

“Dou o que tu quiser.”

“Ai, como tu é.”

Hermano não respondeu ao Uruguaio. Todos sabiam muito bem que ele não bebia. Caminhava em grupo com Naiara e o Pedreiro. Um pouco mais atrás vinham o Uruguaio e Isabela, que dava agora uma bicadinha transgressora na

lata de cerveja. Por último, isolado, vinha o Bolita, andando em zigue-zague e acreditando estar merecendo a atenção de alguém.

“Contei pra vocês que eu tomei chá de cartucheira em Riozinho?”

“Cala essa tua boca e segura o isopor pra mim, Bolita.”

“Tem que passar por baixo desse arame farpado?”

“Tem, deixa que eu levanto.”

“Cês tão ligado que no jardim da casa do Palhação tem cartucheira, né? É uma flor que parece um sino, assim. Branca. Tem uma árvore inteira desse treco no jardim dele. É a maior viagem que existe, véio. O lance estoura o melão.”

“O arame tá enferrujado.”

“Alguém me ajuda aqui?”

“Vai lá Mãos de Cavalo, dá uma mãozinha pra Naiara.”

Hermano pegou na mão da Naiara e ajudou ela a passar por baixo do arame farpado que o Pedreiro puxava para facilitar a travessia dos amigos. A mão dela era tão magrinha e pequena que dava medo de apertar.

“Brigada.”

“Falta muito?”

“Quer que te carregue no colo, Isabela?”

“Tira a mão, Uruguai. Tira a mão.”

“Só queria ajudar.”

“Esse morro é do Exército mesmo?”, perguntou Naiara. Seus cabelos pretos levemente ondulados estavam amarrados em um rabo de cavalo. Vestia uma blusinha branca de alças e uma bermuda de brim. Nos pés, chinelos Samoa marrons com tiras acolchoadas. Todos estavam de chinelos, menos o Uruguai, que calçava sandálias de couro. Respondeu o Pedreiro:

“Sim, mas os milicos não vêm fazer nada aqui. Do outro lado do morro tem o quartel, eles andam de cavalo e fazem uns treinamentos por lá”.

“Como vocês vão escapar do Exército, guris?”, perguntou Isabela, ofegante.

“Não vou escapar. Vou me alistar.”

“O Pedreiro sempre tem que ser do contra.”

“Eu quero mesmo servir. E eles pagam um salário legal.”

“Bom é aprender a dar tiro”, disse o Uruguai, parando para colocar a latinha vazia dentro do isopor e tirar uma outra fechada.

“O meu irmão quer servir também”, disse Naiara. “A gente tem um primo de segundo grau que serviu e contou um monte de coisa, o mano achou o máximo. Que largaram ele no meio da floresta com uns outros soldados e deixaram eles uma semana sem comer. Eles tinham que comer raiz, verme. Tomar água da chuva. Depois de uma semana jogaram eles dentro de um buraco cheio de galinhas vivas, e eles estavam com tanta fome que mataram as galinhas com as mãos mesmo, e comeram cru, na hora. Eu fiquei horrorizada quando ele contou.”

O Uruguai abriu a nova lata de cerveja, liberando um jato gorgolejante de gás carbônico e espuma.

“E tu, Mãos?” Naiara ia saltando de uma pedra a outra, tentando percorrer o caminho sem pisar na terra.

“O quê.”

“Vai entrar no Exército?”

Hermano nunca tinha pensado no assunto. Na verdade, não entendia muito bem do que os outros estavam falando. O próprio conceito de Exército era meio insólito para ele.

“Não sei. Falta tempo ainda.”

“Tu devia servir, Mãos. Braço forte, *mão* amiga.”

“Com essas *mãos* a serviço das Forças Armadas, a soberania do país estará garantida.”

“O Mãos de Cavalo vai fazer faculdade, certo que vai.”

“Uma pinoia. O Mãos vai ser ator. Daqueles que não falam nada.”

“Bah, bem certinho.”

“Aqueles filmes em que o ator principal não fala nada.”

“Nunca vi um filme assim.”

“Desejo de *matar* é assim.”

“O Stallone Cobra também. Se o Mãos puxasse ferro, podia ir pra Hollywood.”

“*Você é a doença. Eu sou a cura.*”

“Ou vai ser dublê.”

“Ou isso. Se ele não se matar andando de bicicleta antes.”

“Acho que ele tá ficando brabo.”

“Tá brabo, Mãos de Cavalo?”

“É, ele não gosta de ser o centro das atenções.”

“Tá brabo, tá brabo. Ficou cocô.”

Risos.

“Tá ligado cara de nenê que fez cocô?”

“Ele vai ficar quieto fingindo que não ouve até a gente parar de falar dele.”

“Não vamos parar nunca, pra ver o que acontece.”

“Nada vai acontecer. Ele vai continuar quieto e cocô.”

“Ele tá andando rápido pra fugir da gente.”

“Fui correndo pra casa com aquela sacola cheia de flor de cartucheira e pensei em convidar o Nêgo Cromado pra tomar o chá junto comigo. Mas na outra vez ele tinha tomado só um pouquinho, nem se chapou e ficou só me aporrinhando, dizendo que eu tava conversando com pessoas que não existiam e fazendo coisas absurdas. Ficava sentado em cima daquele skate dele, balançando, rindo de mim e eu não sabia por quê. Resolvi largar o Cromado de mão e ir pra Riozinho *solito*. Fazer um lance solo. Aliás, vocês já perceberam que até os dente

do Cromado são meio preto?”

“Porra, o Bolita tá falando de novo do chá de cartucheira”, resmungou o Pedreiro.

“Ignora.”

“Minha mãe chama essa flor de dama-da-noite”, disse Isabela. “Quando eu era menor ela disse que se eu chegasse perto de uma árvore de dama-da-noite eu ia morrer na hora, de tão venenosa que era. Nem precisava encostar, era só chegar perto. Eu sonhava com a árvore e fazia xixi na cama.”

“Tá ligado aquele filme em que a árvore estupra a mulher?”

“*A morte do demônio*. É aquele que tem o livro feito de carne humana.”

“Aí eu fiz minha mochila, peguei a sacola com as flor, uma garrafa de canha, um tijolo de fumo que tinha comprado no Beco do Agenor e me mandei pra Riozinho, de ônibus. Levei álcool pra fazer fogo e uma leiteira de ferro pra preparar o chá. E um litrão de água mineral. Só queria me isolar e estourar o melão, tá ligado? Mas quando eu desci em Riozinho no sábado, no início da tarde, vi que tinha um povo lá acampando e passando o dia. Cheio de gente tomando banho no rio e umas baranga assando a bunda no sol, cheias de picada de borrachudo. Terror total. Tentei ir pra várias partes do rio, e sempre que eu chegava em um cantinho legal tinha um bando de otário fazendo churrasco e uns mangolão nadando. Aqueles caras que nadam mas parecem que tão se afogando, tá ligado?”

“O famoso nado Taquari”, observou Isabela.

“Aí eu pensei ‘vão se foder’, e decidi o que eu ia fazer. Ia subir no Morro da Canastra.” O relato do Bolita era um monólogo e independia da reação dos ouvintes, ou mesmo de sua existência. A teoria comum era de que o fim de semana em Riozinho tinha vaporizado a maior parte do cérebro do Bolita, poupando apenas o comando das funções vitais e os neurônios que armazenavam recordações sobre a experiência vivida no Morro da Canastra. Era muito magro, seco, e seu porte não dava impressão de ser capaz de suportar a quantidade de substâncias que alegava consumir. Seus cabelos loiros eram cortados no formato de uma tigela sobre o crânio. Não raro alguém levava um tremendo susto ao virar para trás e descobrir que o Bolita estava logo ali, olhando fixamente para a sua nuca e gesticulando.

A subida agora era mais íngreme. A massa compacta de nuvens parecia estar se aproximando de suas cabeças. Nem sequer uma folha tremia e todos os pássaros tinham sumido e se calado. O ruído mais distinto era a aceleração dos ônibus em avenidas a quilômetros dali.

“Tem uma trilha que sai da estrada de terra de Riozinho e leva até o alto do Morro da Canastra. São umas três hora de caminhada. É alto pra cacete, cês já foram lá? Dá uns três morro desse aqui que a gente tá subindo, um em cima do outro. É tudo mato fechado. A trilha é fodida. Quase ninguém vai. Tem umas

parte que são quase vertical. Tem que ir segurando nuns cipó, meio que escalando umas pedra. Não quis nem saber. Eu precisava de sossego, tá ligado? E se existe um lugar sossegado no mundo é o alto do Morro da Canastra. Botei a mochila nas costa, peguei a barraca e fui. Tinham que ver a quantidade de mosquito que tinha naquela trilha. Era um barro só. Quando os mosquito embolotavam em cima de mim eu levava dez, quinze picadas em poucos segundos e às vezes escorregava no barro. Animal. Amarrei uma camiseta em volta da cara e eles conseguiam picar *por cima* da camiseta. Mosquitossauros. Cada vez que eu escapava de um ataque de mosquito eu tinha que sentar numa pedra por uns minuto e fumar um, de tão destruído que eu ficava. Quase coloquei em risco meu estoque de fumo por causa dos mosquito filha da puta.”

“Tá fugindo de mim, Isabela?”

“Tu tá muito pegajoso hoje, Uruguaião.”

“Só quero conversar contigo. Tu não sabe a falta que eu te faço.”

“Ai, Deus.”

“Essa foi foda, Uruguaião.”

“Mãos de Cavalo, tem uma mutuca nas tuas costas.”

Hermano parou e chicoteou as próprias costas com a camiseta que levava na mão. A mutuca voou.

“Valeu, Naiara.”

“Se uma delas te pega, o sangue da picada atrai as outras.”

“Quando cheguei lá em cima o sol tava se pondo. Baita visual. Nenhuma alma num raio de quilômetros. Achei uma parte do morro onde a inclinação parecia ser menor que quarenta e cinco graus e montei minha barraca. Escolhi um lugar que tinha tipo um muro de arbustos, capim e bambuzinhos embaixo. Se eu tropeçasse, ia ficar enroscado nos arbustos em vez de despencar até a base do morro. O cara tem que pensar em tudo. Montei minha barraca e fiquei um tempo só queimando um e entornando a canha. Pra dar aquele brilho.”

“Aqui é pela direita ou pela esquerda?”

“Esquerda. Tamos quase chegando.”

“Antes que escurecesse eu fiz uma fogueirinha. Era só me afastar um pouco do fogo e tudo sumia, um breu total. Não tinha lua. Começou a soprar um vento bem forte. Ainda bem que consegui juntar bastante madeira. Depois de fumar uns três baseado me bateu uma larica. Mas eu tinha pensado em tudo. Tem que ter planejamento. Não adianta sair de casa pra fazer essas indiada sem planejar bem. Na vinda o ônibus tinha feito uma parada numa fruteira em Morungava e eu comprei um baita dum queijo. Devia ter uns dois quilos, o queijo. Um queijão amarelo. Quando bateu a larica eu ataquei o queijo. Comi metade do queijo. Não pode faltar energia pra tomar um chá de cartucheira. Planejamento. Se um dia vocês forem tomar chá de cartucheira, planejem tudo com antecedência. Vai por mim.”

“Alguém faz ele parar.”

“Aí eu preparei o chá. Enchi uma lata com álcool e toquei fogo pra esquentar a água dentro da leiteira. Quando fui colocar as flor dentro, percebi que elas tavam meio murcha, bem feinhas. Antes eu sempre tinha usado flores viçosas, brancas. Tive medo que o chá ficasse ralo, que o princípio ativo do troço não funcionasse bem com as flor murcha daquele jeito. Então aproveitei todas as flores, era o dobro da quantidade que eu tinha usado nas outras vezes, e espremi bem. Só pra garantir. E aí tomei aquela merda. Tomei tudo de uma vez, no gutiguti. Só depois de engolir senti que o gosto tinha ficado bem mais forte que o normal. Um gosto de água suja, de casca de batata fervida, sei lá. Meio escroto, na real. Me acocorei perto da fogueira e esperei bater. Fui tomando a cachaça e enrolei mais um camarão pro tempo passar. E nada. Acho que passou uma meia hora, uma hora, não tinha relógio. Nada acontecia. Meu tijolo de fumo tava na metade. Tava sobrando só um dedo de canha no fundo da garrafa. Escutava os galho das árvore tremendo no vento, um barulho assustador que só me fazia lembrar que aquilo ali não era lugar pra uma pessoa, só tinha aranha, macaco e cobra naquele mato. E o chá não batia. Comecei a pensar que flor murcha não dava barato. Tinha tomado água suja e só. Não tinha cigarro, não tinha walkman, não tinha ninguém pra conversar. Então me ocorreu uma coisa. Nas outras vez que eu tinha tomado o chá, sempre tinha alguém por perto. Em geral o Nêgo Cromado. E eram sempre as pessoas perto de mim que me diziam que eu tava mal pra caralho, que eu tava me comportando como um débil mental, que tinha colocado a bicicleta em cima da cama pra minha mãe achar que eu tava dormindo, que dava umas risada totalmente sem sentido, que pedia um cigarro a cada trinta segundos mesmo com um cigarro já aceso na boca, que conversava com pessoas que só eu via, que pegava frutas e esmagava com a mão, que tentava fazer o ‘moonwalker’ do Michael Jackson, só que andando pra frente. Só que pra mim tava tudo normal. Quer dizer, tudo que parecia maluquice pros observadores que não tinham tomado o chá era real e normal pra mim, até que os observadores me convencessem de que era efeito do chá de cartucheira. O chá não te deixa tonto, nem enjoado, nada. Tu só enxerga um pouco borrado e fica meio descoordenado. Mas tem isso: ele fode com o teu melão. Tu acha que tá tudo perfeitamente normal até que alguém te demonstre o contrário. Mas dessa vez, no alto do Morro da Canastra, não tinha ninguém perto de mim pra me descrever as merda que eu tava fazendo. Quando me dei conta disso, bateu o pavor. Quanto mais normal eu me sentia, mais imaginava as coisas absurda e perigosa que devia estar fazendo naquele momento, sem que ninguém pudesse me avisar. Só uma palavra: terror. Tive medo de me matar e não perceber. Me encolhi em posição fetal perto da barraca, decidido a ficar imóvel até amanhecer, até o efeito do chá passar.”

“Ele já chegou na parte do cachorro?”

“Não. Falta pouco. Eu te aviso, Naiara.”

“Agora é só contornar esses arbustos.”

“Eu não sabia o que fazer. Comecei a queimar um beque atrás do outro, consumindo todo meu tijolo de fumo, na esperança de que a erva me acalmasse. Não adiantava. Talvez o fumo tivesse acabado há tempos e eu tivesse apenas delirando que ainda tinha fumo. A fogueira tava apagando e eu não tinha mais lenha. Ou talvez tivesse lenha bem na minha fuça, mas eu achava que não tinha por causa do chá de cartucheira. Eu não podia ter certeza de mais nada.”

“Cá estamos.”

Os seis chegaram até uma rocha imensa que brotava da encosta do morro como um queleide. A superfície da pedra estava morna e era coberta em diversos pontos por líquens esbranquiçados. Naiara e Isabela sentaram primeiro, lado a lado. O Uruguaio acomodou seu isopor com cuidado e sentou ao lado da Isabela. O Bolita sentou um pouco afastado dos demais, mas continuou olhando para um e para outro enquanto falava. O Pedreiro e Hermano ficaram em pé, admirando a vista que abarcava o espelho oleoso do Guaíba e grande parte da área urbana de Porto Alegre. A cobertura das nuvens reduzia dramaticamente a saturação das cores, como uma revelação fotográfica que foi tirada dos químicos antes do tempo ideal. Não havia um único rasgo de azul no céu.

“Fechei os olhos e comecei a implorar, implorar, por alguém, ou *algo*, que pudesse interagir comigo, me dizer como eu tava me comportando. Entrei na barraca, mas em vez de me sentir protegido fiquei ainda mais transtornado. Dentro dela a consciência de que eu tava sozinho era ainda maior. E caralho, talvez eu nem tivesse dentro da barraca. Podia ser o chá me iludindo. Preferia que alguém surgisse do nada e me dissesse que eu não tava na barraca e sim rolando morro abaixo com fraturas expostas em todos os membros, preferia isso do que estar sozinho lá em cima e *não saber*.”

“Olhem ali embaixo. Ali. Tem um urubu comendo um bicho.”

“Onde?”

“Ali.”

“Enxerguei.”

“É a última cerveja. Alguém?”

“Nunca tinha visto um urubu tão de perto.”

“Ai guris, ele tá bicando um troço muito nojento.”

“Acho que é um gambá.”

“Isabela, senta aqui mais perto de mim que eu quero te contar uma coisa.”

“Pode falar daí, Uruguaio, eu escuto bem.”

“É uma coisa bem legal.”

“O ar tá tão parado que nem dá pra sentir cheiro de carniça”, comentou Hermano, se aproximando dos outros para espiar o abutre. Sentou ao lado da Naiara.

“Tenho horror de bicho morto”, disse Isabela, desviando o rosto com uma careta.

“Vocês já foram em enterro?” O Pedreiro observava o abutre com um olhar meio perdido, como se fitasse alguma coisa ligeiramente ao lado.

Ninguém tinha ido.

“Ouvi um barulho fora da barraca. Pareciam passos. Achei que podia ser uma pessoa, um outro maluco acampando naquele morro, um escoteiro, um fantasma, qualquer coisa. Não tive medo. Eu tava além do medo. Precisava que alguém me dissesse o que eu estava fazendo, alguém que fosse o *observador*, tá ligado? Saí da barraca me tropeçando todo e quando olhei, perto das brasa da fogueira, tinha um cachorro branco.”

“Ó, Naiara, ele chegou no cachorro.”

“Um baita dum cachorro branco, enorme. Tava ali com a língua de fora, me olhando. Eu não sabia com certeza se era um cachorro, um lobo, algum bicho do mato. Não sabia nem mesmo se ele existia, caralho. E aí o cachorro se deitou, levantou uma pata traseira, curvou as costa, esticou o pescoço e começou a lamber as bola.”

“Vocês já imaginaram o que vão estar fazendo no ano dois mil?”, perguntou Naiara, ignorando o aviso de que o Bolita tinha chegado na única parte de sua história que ela achava engraçada e ainda não tinha cansado de escutar.

“Ele não parava de lamber as bola. Simplesmente não parava.”

“Eu vou ter vinte e quatro anos”, respondeu o Pedreiro. “Preto estar no Exército. Agulhas Negras. Ou na Amazônia.”

“Eu vou estar casado com a Isabela, e vou pedir pra ela me trazer mais uma cerveja quando o Faustão começar a contagem regressiva pra virada do ano.”

“Soonha, Uruguaio.”

“Acho que o Faustão vai estar morto no ano dois mil.”

“Sério, ele lambeu as próprias bola por uma hora. Sem parar. E eu não tinha ninguém por perto pra perguntar se aquilo tava mesmo acontecendo ou se era uma alucinação. É normal um cachorro lamber as bola, mas não durante uma hora.”

“Eu acho que eu ainda vou estar morando aqui no bairro”, disse Naiara. “Não é o que eu quero, mas é o que eu acho que vai ser. Eu vou ter quantos anos? Faltam nove...”, começou a contar nos dedos.

“Vinte e dois”, adiantou Hermano.

“Isso... vinte e dois. É difícil imaginar ter essa idade.”

“Até que não aguentei mais. Disse pra mim mesmo que se ele não parasse de lamber as bola, eu ia ter que matar ele. Aguentei mais uns minuto daquela visão do inferno e depois pulei pra cima do cachorro. E acho que foi aí que eu perdi a consciência.”

“Talvez eu esteja grávida, ou já tenha um filho até lá. Ou mais de um.”

O Uruguaio sussurrou alguma coisa no ouvido da Isabela. Ela se encolheu e fez uma cara de ódio, mas pouco depois arrastou a bunda pela pedra e se aproximou dele.

“Pode ser que eu esteja morta.”

“Talvez o mundo acabe no ano dois mil. Juízo final.”

“Tu é meio cristão, né Pedreiro?”

“É a religião da minha família.”

“Eu não acredito em alma.”

“Tu não precisa ser cristã pra acreditar em alma, Naiara.”

“Eu sei, mas eu não acredito de qualquer forma.”

“As mulheres em geral acreditam em alma.”

“Eu não.”

“Quando acordei no domingo de manhã, com o sol rachando a minha cara, eu tava jogado a uns cem metros da barraca. Todo cortado. Era difícil achar uma parte do meu corpo que não tivesse coberta de picada de mosquito. A barraca tava queimada. Um rombo imenso na lona. Mas pelo menos eu achei a outra metade do meu queijo.”

“E gostam de tomate. Não tem mulher que não goste de tomate.”

“Pedreiro, grande entendedor da alma feminina.”

“Mas sério, Naiara. Tu acha que as pessoas morrem e deus?”

“Acho.”

“Eu não acho. Acho que quando a gente morre alguma coisa continua. Isso é a alma. O corpo desaparece, mas tem um espírito. Tipo... não sei como dizer. Mas tem isso que continua depois que nosso corpo morre.”

“Pra mim não tem diferença. Morte é morte.”

O urubu largou sua carcaça destrinchada, bateu asas e desapareceu para o outro lado do morro com um voo rasante. Naiara e o Pedreiro acompanharam seu movimento com a cabeça. Quando desvirou o pescoço, Naiara encarou Hermano.

“E tu, Mãos?”

“Por isso, se alguém aqui algum dia quiser tomar chá de cartucheira e precisar de companhia, precisar de um *observador*, pode contar comigo. Mas pode contar mesmo.”

“Eu acho que os dois estão errados. Eu acho que existe corpo e alma, mas a alma é que desaparece quando a gente morre, e o corpo continua existindo.”

“Essa eu nunca ouvi.” O Pedreiro deixou transparecer um toque de irritação.

“Como assim?”, perguntou Naiara.

Nenhum dos três disse mais nada, nem quando o Pedreiro cutucou Naiara que cutucou Hermano para mostrar que o Uruguaio e Isabela estavam deitados sobre os líquens, se beijando, seus corpos inertes, as mãos de um timidamente

estacionadas sobre o corpo do outro, quase uma estátua.

Passando por baixo do novo viaduto da Protásio Alves, com sua estrutura que parece inspirada em alguma maquete antiquada de base lunar, imagina que sua esposa não existe, que foi embora ou morreu, uma fantasia recorrente que o assombra e seduz nas horas mais inesperadas desde que a Adri quase morreu de fato, há cerca de dois anos e meio, quando deu à luz a Nara. De uma certa forma, foi como se ela tivesse morrido mas insistisse em continuar no mundo por teimosia, à base de uma inesgotável diluição homeopática de depressão pós-parto. Tinha a impressão de que havia tentado de tudo pra ajudar ela a reencontrar a inquietação de outros tempos, financiando cursos de culinária, comprando presentes e aproveitando sua condição de médico pra fornecer um estoque permanente de amostras grátis de fluoxetina 20 mg em caixinhas de papelão em cujo verso estava gravada a promessa de “devolver o colorido à vida”. Embora a Adri fosse afetuosa e atenciosa com a Nara, tinha impressão de que tudo que a esposa sentia e fazia nos últimos tempos era resultado dos comandos de um sofisticadíssimo software de piloto automático. A Adri estava vivendo como ele dirigia agora, em terceira e baixa rotação, a cerca de quarenta quilômetros por hora, em quase completa inconsciência do que se passava ao seu redor, como se os olhos e os membros que dirigiam o carro fossem comandados por um centro de operações independente daquele responsável por seu fluxo incessante de pensamentos. Se dá conta disso quando um Ford Focus prata passa em alta velocidade e tira um fininho de seu Pajero, disparando pelo declive da larga pista tripla da nova avenida Salvador França, com seu canteiro central repleto de mudas raquíticas de palmeira que os petistas tiveram a cara de pau de chamar de arborização urbana em sua última e fracassada campanha eleitoral. Com a claridade do dia se impondo, se irrita ao lembrar que tinha proposto diversas vezes que pegassem a estrada mais cedo, de madrugada mesmo, pra ganhar tempo e pegar menos sol no caminho, porém Renan, que não perdia a chance de cagar regras e lembrar que era o escalador experiente e mentor da

expedição, tinha respondido que “sair da cama antes das seis é simplesmente inaceitável”, comentário jocoso que não parecia muito condizente com o tipo de exigência mental e física que os dois se propunham a enfrentar. O amigo a quem confiaria a própria vida, o mesmo sujeito que tinha lhe garantido que todas as técnicas pra escalar no gelo poderiam ser passadas no acampamento base e no decorrer da escalada em si, julgava inaceitável sair da cama duas horas mais cedo pra garantir um primeiro dia de viagem tranquilo. A contradição provoca uma raiva tão grande que acelera com tudo, como se quisesse agora perseguir o Ford Focus que o ultrapassou. Ignora o semáforo vermelho em frente ao Jardim Botânico. Por que não acordou a Adri, mesmo sabendo que ela estava fingindo dormir? Em retrospecto, a atitude da esposa se apresentava agora como um apelo comovente por atenção. E por que não acordou a Nara pra escutar a vozinha dela antes de sair, pra se transformar em pedra uma última vez? Era a brincadeira de que ela mais gostava. A qualquer momento, sem aviso, ele parava na posição em que estava e fingia endurecer, como se um feitiço o transformasse em pedra. Assim que percebia que o pai estava imóvel ela dava um grito e começava a tentar de tudo pra trazer ele de volta à forma humana, num frenesi de empurrões, socos, cócegas, pulos e ataques diversos embalados por surtos de riso e frases de um vocabulário surpreendente pros seus dois anos e meio de idade, até que ele também caísse na risada ou desabasse ou fizesse qualquer movimento brusco que indicasse que a estátua tinha se transformado novamente em pai. Dois anos e meio. Com frequência se deixava absorver por longas especulações sobre a existência futura da filha, imaginando o estilo que adotaria na adolescência, os acidentes que sofreria, seus problemas odontológicos, descobertas sexuais, se encararia a vida como um fardo ou uma aventura e que papel ele teria nessas experiências. Uma coisa era certa, ela havia puxado muito mais a ele do que à Adri no temperamento. Falava pouco, observava tudo e já tinha um jeito meio adulto de sofrer em silêncio que levava a Adri ao desespero. Quando a Nara ainda estava na barriga, somente a voz dele era capaz de acalmar a filha quando estava agitada, e em geral, nesses casos, ele optava por descrever detalhadamente coisas que fariam juntos quando ela tivesse dois, três, cinco, doze, dezoito anos de idade. “O pai vai te levar no bairro onde cresceu, lá na zona sul, e a gente vai subir no morro bem alto que tem lá, pra ver toda a cidade lá de cima.” “Ela já se acalmou”, dizia a Adri depois de uns três minutos, fascinada com aquela interação precoce entre pai e filha. O parto tinha sido uma experiência tão traumática que ele a havia reprimido inconscientemente, mas agora, com o carro deslizando em alta velocidade pela Terceira Perimetral, o longo eixo de avenidas que liga o norte e o sul da cidade, não consegue evitar que as memórias retornem num jorro contínuo, com imagens mentais escoando dos recessos mais profundos de seu cérebro, a começar pela constatação de que a bolsa havia estourado e pela estranha

serenidade dos momentos seguintes, tanto da parte dele quanto dela, que após o telefonema de aviso pro obstetra anunciou tranquilamente que ia tomar um banho e se demorou nele uns vinte minutos, pelo menos. Ela estava exultante na ida de carro até o hospital. O obstetra, Thales, tinha sido professor dele, médico de quarenta anos, competente e com boa experiência, apesar de excessivamente brincalhão pro seu gosto. A Adri, contudo, gostava das tiradinhas dele, e se isso a deixava mais à vontade, melhor. Assim que o encontraram no Hospital Moinhos de Vento ele os recebeu sorrindo e perguntou: “Conseguiram entrar em contato com o pai?” Na sala de pré-parto, felizmente, Thales entrou em modo sério, cessando totalmente as piadinhas a partir do momento em que checkou a dilatação e decidiu administrar ocitocina pra induzir contrações. Indicou pra Adri o mostrador numérico no aparelho de monitoração e disse que com o hormônio o grau de dor ia chegar a trinta, com picos de quarenta, cinquenta ou até um pouco mais em cada contração. Tentou prestar o mínimo possível de atenção no trabalho do obstetra, procurando exercer antes o papel de marido que o de médico, pois por algum motivo lhe pareceu inadequado misturar demais os dois. Mas as dores que a Adri sentia começaram a ficar muito fortes, o índice numérico passava muito dos cinquenta, e ele foi o primeiro a notar que em cada pico de contração o batimento do coração do bebê se reduzia drasticamente, até que pareceu se estabilizar num nível muito mais baixo que o normal. Chamou a atenção do Thales, e àquela altura toda a segurança e tranquilidade tinham ido por água abaixo. A Adri tinha desenvolvido diabetes gestacional no último mês da gravidez, e as diversas complicações de parto que podiam resultar desse problema começaram a ser levantadas. O obstetra ficou visivelmente nervoso quando soube que a Adri tinha registrado hipoglicemia na véspera, coisa que o próprio marido-pai-médico não sabia, porque havia alguns dias tinha confiado à própria mulher a tarefa de monitorar as taxas de glicemia com um glicosímetro. No monitor, o coração do bebê parava e voltava a bater. A Adri o encarou confusa, se desculpando por não ter avisado, e a tentativa de avaliar a gravidade da situação e a culpa que cabia a cada um deles por aquele descuido o fez mergulhar em uma espiral ofuscante de mea-culpa da qual emergiu somente quando escutou Thales pedindo uma sala de cirurgia pra realizar uma cesariana urgente. Ela começou a chorar enquanto era depilada, dizendo que estava com medo. Segurou a mão dela e disse que tudo ia correr bem, que ia ficar ali o tempo todo a seu lado, mas na verdade também sentiu medo, pois apesar de ser um cirurgião de carreira promissora, apesar de ter sido considerado um dos alunos mais brilhantes da história do curso de medicina da universidade federal, naquela hora estava fora de seu alcance compreender o que acontecia com o corpo dela e o do bebê. Sua porção médico deixou de existir, e a única realidade era que a mulher que ele amava e o filho que ela ainda abrigava dentro de seu útero estavam correndo sério risco de vida. A anestesista chegou, uma mulher

magérrima, aparentando descendência polonesa. Fez as perguntas essenciais e dispensou as não essenciais, pois não havia tempo, e garantiu à Adri que ela não sentiria dor, apenas a sensação das intervenções cirúrgicas, que não deviam ser confundidas com dor. Sabia, no fundo, que a anestesista estava sendo complacente, mas a situação exigia toda complacência possível. O obstetra e as enfermeiras estavam em polvorosa ao redor do leito. Ele beijava a Adri, repetia inúmeras vezes que estava ali, que continuaria ali. A peridural foi aplicada e devia fazer efeito em quinze ou vinte minutos, mas pra seu horror o Thales declarou que não havia tempo e que a incisão precisava ser feita imediatamente. As mãos da Adri foram amarradas. O Thales fez o primeiro corte e ela urrou. Era evidente que a anestesia ainda não estava fazendo efeito. Tentou passar a mão no rosto da esposa, mas ela pediu pra não ser tocada. A cada nova intervenção do obstetra a mulher rugia como um bicho sendo morto, as veias e tendões no pescoço retesados, os olhos revirando. Sofreu sua primeira queda de pressão desde a infância longinqua, quando ainda se impressionava com essas coisas. Sua visão ficou nublada, mãos e pernas trêmulas, suor frio, enjoo. Estava prestes a desmaiar como qualquer maridinho de primeira viagem, pois era exatamente a isso que estava reduzido ao ver o rosto da mãe de seu filho transfigurado por um suplício que ele não tinha meios de aliviar. Temeu que ela pudesse literalmente morrer de dor, e não havia nada que pudesse fazer, pois por mais que a amasse não tinha como dividir o tormento com ela, assumir uma parte da dor. Lembrou da sua mãe, da expressão no rosto dela quando ele se machucava na infância, o desejo impossível de aplacar o sofrimento do filho. Jamais esqueceria aquela expressão. Com ela, tinha entendido muito cedo que o sofrimento físico é solitário. Podia apenas testemunhar, e rapidamente a visão do rosto da esposa se tornou insuportável, de modo que levantou de seu assento junto ao leito e viu, por cima da cortina que bloqueava a visão da parturiente, a operação que estava em curso. O sangue jorrava em profusão, neutro e inocente, do corte na base do abdômen. Bem no instante em que focou o olhar na cena o médico forçou a abertura, expondo as camadas de pele, gordura e carne do ventre da Adri, distintas como em um diagrama didático, porém úmidas e brilhantes como apenas a matéria orgânica pode ser, e ali no meio pôde distinguir a cabeça do bebê, empapada de sangue e líquido amniótico. Foi nessa hora que retomou o controle e sentiu o mal-estar da queda de pressão ir se extinguindo aos poucos. Não era capaz de apreender o sofrimento inominável da Adri, mas o recheio de um corpo humano e a violência dos bisturis era território conhecido pra um cirurgião. Era como se as entranhas expostas, ao contrário dos berros e caretas de dor, fossem anônimas. As mãos do Thales forçaram ainda mais a abertura do corte, a anestesista auxiliou, afastando as costelas, mas quando o obstetra tentou puxar o bebê pela cabeça ele não saiu e escapou das mãos dele como se tivesse sido sugado novamente pra dentro do útero, que chegou a emitir

um ruído molhado de sucção. A Adri gritava “para” com todo seu fôlego, alongando a sílaba tônica quase até esgotar o ar de seus pulmões, reservando somente um último suspiro pra completar a palavra. Naquela altura, era nítido o pavor do Thales, da anestesista e dos enfermeiros. O bebê escapou das mãos do obstetra quatro vezes seguidas. Tinha consciência de que tanto a Adri quanto o bebê podiam morrer a qualquer instante e queria intervir de alguma forma pra evitar isso, mas não sabia como, tampouco havia espaço pra atuação de mais um médico. Devia ser somente o pai, e não sabia ser pai ainda. A anestesista escalou a cama e subiu em cima do abdômen da Adri, usando o peso de seu corpo pra forçar a saída do bebê, uma manobra brutal que, em retrospecto, adquire uma qualidade quase surreal. Lembrando dessa cena, tem certeza de que foi o que mais o marcou em todo o episódio. Mas funcionou. Segundos depois o bebê estava nas mãos do obstetra, um ser diminuto, roxo, quase preto. E silencioso. O cordão foi cortado e o bebê foi carregado embora rapidamente. O obstetra e a anestesista consolavam a Adri dizendo: “Acabou, acabou”, mas os médicos, enfermeiras e a própria esposa tinham deixado de existir naquele momento, pois teve certeza de que a filha estava morta. Não havia choro. Ficou catatônico no canto da sala de cirurgia por quase dois minutos, alheio a tudo, até que finalmente escutou o choro miúdo que começou como um engasgo, depois um gemido, e por fim uma reclamação soluçada e estridente que era o sinal máximo da vida, o protesto do bebê por ter sido expulso do casulo da gestação pra atmosfera gelada e estéril do hospital. Movido por nova injeção de adrenalina, foi ver a filha. Cinquenta e dois centímetros. Três quilos e cinquenta gramas. Um mamífero minúsculo. Um feijãozinho vivo. Tudo que tinha vivido e realizado culminava naquela criaturinha, e tudo que acontecesse dali pra frente até sua morte seria apenas reflexo do acontecimento fundamental que se desenrolava naquele exato momento. Tomado dessa euforia, levou o bebê aos braços da mãe. A Adri espiou pelo canto do olho e gemeu apenas um “agora não”. Somente então notou que o obstetra estava suturando a barriga dela, a esposa em estado de choque, suportando heroicamente a tortura. Mais tarde, depois que o bebê já tinha mamado e estava sendo visto pelos familiares do casal pela janela da estufa, descobriu que o parto inteiro tinha durado sete minutos. Pra ele tinha parecido sete horas, e semanas depois parecia ter durado um dia inteiro. Quando disse isso pra Adri, ela respondeu que na memória dela parecia que tudo tinha acontecido dentro de poucos segundos. “Na verdade, não lembro de nada.” “Como assim, nada?” “Nada. Não lembro do que aconteceu no hospital, não lembro da dor. Nada. A última coisa que lembro é do banho que tomei antes de sair de casa.” Desde que souberam o sexo do bebê a Adri tinha defendido o nome Felícia, mas na última hora, após muita insistência, conseguiu emplacar sua própria sugestão: Nara.

O período de férias entre os anos letivos de 1990 e 1991 nas escolas públicas de Porto Alegre teria a duração de setenta e dois dias ou, mais precisamente, estava compreendido entre os dias 8 de dezembro de 1990 e 18 de fevereiro de 1991. O intervalo entre uma série escolar e outra costumava ser comprido o suficiente para dar a sensação de que a escola não somente havia terminado, mas também que jamais reiniciaria. Enquanto a cidade inteira aproveitava as férias de verão para abandonar a capital e desfrutar as delícias da maritimidade, os habitantes da Esplanada tinham o excêntrico hábito de permanecer em suas casas, reagindo com desdém ou simples indiferença à ideia de viajar para o litoral, convictos de que a enlouquecedora umidade porto-alegrense, os churrascos quase diários, os banhos de mangueira na calçada e a ocasional incursão ao Lami para comer galinha com farofa e mergulhar na água quente e doce eram preferíveis aos engarrafamentos, aos preços altos, às multidões, às festas e ao mar achocolatado e traiçoeiro de praias sul-rio-grandenses dotadas de nomes megalômanos como Oásis, Cassino, Rainha do Mar, Atlântida, Xangri-Lá. Agora que a maior parte das férias já tinha ficado para trás, a proximidade do Carnaval surgia como lembrete de que a rotina do ano anterior fatalmente retornaria. A permissão tácita para a prática generalizada da barbárie valeria entre os dias 9 e 12 de fevereiro, mas ainda assim poucos moradores do loteamento residencial sentiam qualquer ânsia de explorar o que havia além das fronteiras de seu quarteirão. O Uruguaio, o Bolita e o Nêgo Cromado tinham carregado suas mochilas com cuecas, pacotes de bolacha recheada e sacos de dormir e ido de ônibus para Laguna, em Santa Catarina, a Boca do Inferno da dissolução. O Pedreiro tinha pegado carona com a família para a casa de praia que tinham em Hermenegildo, “a praia mais extensa do mundo”, onde segundo ele as melhores atrações eram a cerveja uruguaia e os fogos-fátuos na areia (ele dizia “fogos-flatos”, o que todos suspeitavam ser incorreto, mas ninguém tinha certeza). Todo o resto permanecia na Esplanada, satisfeito com as festas em

clubes de Belém Novo e os desfiles assistidos pela televisão.

Com o ventilador soprando em potência máxima a meio metro da cara, Hermano livrou-se definitivamente de um sono agitado quando sua mãe abriu a porta do quarto para anunciar o almoço. Lembrava de ter sonhado a noite inteira, um sonho desagradável que era interrompido por breves instantes de vigília e depois continuava de onde havia parado. Não se lembrava de qualquer detalhe do sonho. Alguns músculos de seu peito e braços latejavam. Tinha entrado madrugada adentro jogando Metroid, até chegar ao final do jogo e descobrir que Samus Aran na verdade era mulher, e depois fazendo apoios, abdominais e flexões com os halteres.

Após o almoço, pegou a bicicleta e pedalou até a casa do Morsa. Eram quatro quadras, uma de descida, duas de subida e a última plana. A velha Caloi Cross com freio de pé tinha sido aposentada havia cerca de um ano. A moda agora eram as mountain bikes, e quase todos no bairro já tinham realizado seu upgrade para os novos modelos aro 26 com dez, doze ou quinze marchas. A bicicleta de Hermano era uma Arrojo vermelha de dez marchas, alvo de deboche dos proprietários de Monarks, Calois ou marcas importadas. Mas ele já tinha se acostumado e, à parte os engasgos constantes no sistema manual de marchas, que resistiam a qualquer esforço de regulação, gostava da bicicleta. Era pesada e agressiva, feita de tubos de aço descomunalmente grossos. A caminho do Morsa, como era seu hábito, fez questão de manter a marcha mais pesada mesmo no trecho de subida, cada pedalada exigindo um esforço muscular tremendo.

A casa do Morsa vivia em obras. Havia sempre uma parede, uma sacada ou um novo andar em lenta construção. O reboco rachava em diversas partes e às vezes caía, expondo tijolos. Agora era a garagem que estava sendo ampliada, pela segunda vez. O pai do Morsa era um homem barrigudo, bigodudo e de pele queimada, que passava a maior parte do ano vestindo apenas chinelos e bermuda. Nos dias muito frios, aparecia com uma blusa de lã preta de gola rulê. Era sempre a mesma blusa. Não era raro ver o cabo de um revólver pendurado no elástico da bermuda. O espaço extra na garagem não serviria para acomodar mais um carro ao lado do Voyage preto, e sim televisões, roupas, brinquedos, computadores e outras mercadorias trambicadas sabe-se lá de onde, provavelmente carga roubada. Seus amigos o chamavam, inexplicavelmente, de Cara Magra. Sua simpatia forçada apenas incrementava algo de ameaçador.

“Entra e bota a bicicleta aqui”, disse o Morsa ao abrir a porta, apontando para a garagem. Hermano contornou dois pequenos montes de brita e areia e encostou sua Arrojo na parede da garagem.

Quando entrou na sala, Hermano não viu o Morsa, e sim dois dobermanns. Os cachorros estavam em pé na saída do corredor, tensos. Um deles deu um passo em sua direção. O Morsa surgiu por trás, passou na frente de Hermano e

comandou:

“Pega! Pega!”

Não era a primeira vez que Hermano se deparava com Armagedom e Predador, mas toda vez que a situação se repetia ele não conseguia evitar o medo. Os cachorros escutaram o Morsa e recuaram, lançando um último olhar ameaçador a Hermano antes de sumirem novamente no fim do corredor. O Cara Magra tinha treinado seus dobermanns com ordens de comando invertidas. Se alguém gritasse “Senta!”, “Deita!”, “Parado!” ou “Amigo!” para os cachorros, seria brutalmente atacado. “Pega!”, “Morde!” e semelhantes faziam com que tentassem meter o toco de seus rabos amputados entre as pernas. Hermano subiu até o quarto, onde o Morsa exibiu seu novo computador instalado sobre a escrivaninha embutida em um armário de madeira bege envernizada. A máquina parecia idêntica à anterior, com um gabinete horizontal e monitor de catorze polegadas, mas tratava-se de um novo modelo bem mais poderoso. O Cara Magra tinha um sócio trambiqueiro que contrabandeava computadores e vendia jogos piratas. De vez em quando o Morsa convidava um amigo ou um pequeno grupo deles para ir até sua casa conferir o último jogo que tinha copiado em disquetes flexíveis 5♦, ou para demonstrar o funcionamento de algum novo joystick. Ninguém mais no bairro tinha computador. E se não fosse pelo computador, ninguém jamais iria à casa do Morsa. Toda turma de amigos em fase de crescimento parece extrair uma espécie de energia coesiva da segregação cruel de um ou mais de seus componentes. Na Esplanada, o elemento segregado era o Morsa. Com exceção dos jogos de futebol e das visitas à sua casa para conhecer jogos de computador, o Morsa era alvo de exclusão e chacota constante.

“É um 386 DX. Com trinta e três megahertz e memória RAM de quatro megas.”

“Bah.”

“O disco rígido tem oitenta megas.”

“Isso é bastante.”

“Cabem *muitos* jogos. Mas o melhor de tudo: o vídeo é *Super VGA*.”

“Uou.”

“Duzentas e cinquenta e seis cores.”

Por mais que ficasse fascinado com os jogos e os gráficos supercoloridos, Hermano não suportava permanecer muito tempo no quarto do Morsa. Havia um cheiro que ele só conseguia definir como de fronha de travesseiro babada. O cheiro era brando, talvez pudesse até passar despercebido a outros, mas Hermano começava a pensar nele antes mesmo de entrar no quarto. Impulsionada pelo cheiro, a impaciência assomava rapidamente e após dez ou quinze minutos tudo que ele queria era ir embora de uma vez. O Morsa sempre trazia uma garrafa de Coca e começava a mostrar jogos. Era sempre igual.

Apenas os jogos mudavam. Ou então era uma nova fase de um jogo antigo que ele queria mostrar, ou o final de um adventure que ele tinha levado meses para alcançar. Golden Axe. Space Quest. Leisure Suit Larry. Maniac Mansion. Heart of China. Algo nele despertava piedade, e a piedade costuma ser prelúdio para o desprezo. Seu bigode de pelos escuros, jamais aparados, era obsceno no rosto redondo e pré-adolescente, mistura de traços adultos e infantis. O Morsa nunca tinha feito nada de errado pra ninguém. Não era burro, se virava no futebol. Mas padecia daquela fraqueza insondável que torna certas pessoas impopulares, alvos de um escárnio sem sentido algum.

Depois de ser apresentado às maravilhas do novo 386, em um exercício de tolerância que durou pouco mais de uma hora, Hermano disse que precisavam sair para o campeonato de *downhill* que tinha sido marcado para as três da tarde na escadaria. O Morsa choramingou que, para variar, não tinha sido avisado sobre campeonato nenhum. Hermano insistiu para que o acompanhasse, mas o Morsa preferiu ficar em casa jogando. Era a resposta que esperava. Como sempre, ao sair pedalando da casa do Morsa, Hermano se envergonhou da irritação e da impaciência que o tinham deixado quase surdo e cego ao que saía da boca do amigo e às imagens do monitor, e teve o desejo absurdo de voltar e pedir desculpas por alguma coisa que ele não sabia muito bem o que era. Como sempre, apenas seguiu pedalando.

Meia dúzia de guris com suas bicicletas estavam reunidos no topo da escadaria. Do outro lado da rua havia mais algumas pessoas sentadas no pequeno muro que delimitava o gramado de uma casa. Entre aquelas pessoas estava o Bonobo com uma guria sentada sobre sua coxa, uma loira que não era conhecida na Esplanada, bonitinha apesar dos dentes tortos. O Bonobo deu apenas uma olhadela para Hermano quando este cruzou a rua vagarosamente sobre a bicicleta e parou de frente para os demais ciclistas no topo da escadaria. O contato visual foi tão fugaz e impessoal que era como se o Bonobo não o tivesse reconhecido. Desde o enfrentamento ocorrido no campinho, semanas atrás, Hermano tinha diversas vezes encenado mentalmente um embate com o Bonobo, embate que julgava fatídico e que, contra sua vontade, vinha prevendo em detalhes várias vezes por dia e em momentos que preferia estar ocupando com outros pensamentos. Sua imaginação trabalhava como se projetasse um filme, cortando a luta encarniçada em planos, coreografando cada golpe e abusando da câmera lenta.

A escadaria era composta de lances de degraus de paralelepípedos intercalados por patamares de terra batida e interligava duas ruas próximas, quase paralelas, porém separadas por um desnível íngreme. Ao lado da escadaria, acompanhando os degraus, havia uma larga faixa de terra acidentada por capim, pedras, buracos e sulcos de erosão. Era a pista de downhill da

Esplanada.

Os campeonatos de *downhill* tinham sido inspirados na observação de revistas importadas sobre mountain bike e seguiam um esquema de regras simples e um tanto porosas:

1. O objetivo era descer toda a faixa de terra ao lado da escadaria na maior velocidade possível.

2. Não passava pela cabeça de ninguém cronometrar a descida de cada competidor. Ninguém jamais tinha tocado no assunto. A média de duração do percurso era de uns dez ou doze segundos para a elite, mas o tempo real era irrelevante. O critério de avaliação era a *impressão* de velocidade e risco que a descida tinha deixado nos espectadores e demais competidores.

3. Nesse sentido, os frequentes tombos tinham papel duplo: podiam tanto arruinar a descida quanto criar um efeito tão espetacular que acabava favorecendo o competidor. Cair mal era patético. Cair bem era a glória.

4. Todos os competidores podiam descer quantas vezes quisessem e em qualquer ordem, obedecendo ao consenso.

5. A competição terminava quando um competidor se machucava feio ou quando todo mundo enchia o saco e resolvia ir para casa debatendo sobre quem merecia qual colocação.

A rua de chegada que aguardava os ciclistas na base inferior da escadaria não era muito movimentada, mas uma colisão mortal com um veículo só não tinha ocorrido ainda por milagre. Os mais habilidosos conseguiam parar a bicicleta com um cavalinho de pau antes de chegar ao meio-fio, mas a manobra acarretava seus próprios riscos.

Naquela tarde, a competição começou um pouco mais organizada que o normal. Foi estabelecida uma ordem de descida para os cinco competidores presentes. Hermano era o quarto da fila. O primeiro foi o Wagner Montes, que pilotava uma Trek importada com câmbio semiautomático, banco de gel e quadro de cromomolibdênio, um veículo leve e elegante, sem dúvida a bicicleta mais cara e sofisticada do pedaço. Infelizmente, não era um ciclista muito habilidoso. Chegava ao ridículo de acionar os freios quando descia, deixando constrangedoras marcas de derrapagem na pista. Sua descida dessa vez até que tinha sido acima da média. Não freou nenhuma vez, pelo que se pôde notar, mas sua velocidade média tinha ficado muito aquém do impressionante. O Palhação comentou que o Wagner Montes nunca *pedalava* enquanto descia. Em suma, era um cagalhão. Em seguida desceram o Bolita e o Mononucleose, mascote da turma, que aos doze anos dava sinais de uma carreira promissora no ciclismo suicida.

Quando chegou a vez de Hermano, a maioria das pessoas que estavam sentadas no muro já tinha atravessado a rua e se aproximado do topo da escadaria para observar a competição. Com a ausência do Pedreiro, do Morsa e

de outros amigos mais chegados, aquele era um público espectador formado por gente quase desconhecida: uns primos mais velhos da Ingrid, moradores de ruas mais distantes e uns amigos do Bonobo que ninguém sabia de que buraco saíam. Quando se aproximaram, Hermano escutou um fragmento da história que o Bonobo estava contando aos demais. Envolvia uma garrafa e tiros para o alto. O Bonobo era protagonista de muitas histórias desse tipo. A mais conhecida era uma espécie de mito fundador da imagem do Bonobo, e tinha acontecido fazia pouco mais de um ano, quando sua família havia recém se mudado para a Esplanada. Existiam diversas versões, mas os contornos gerais eram os seguintes: havia uma pequena amoreira na praça do bairro. Tinha sido plantada pelo Seu Ijuí, um dos primeiros moradores. Uma árvore jovem, de tronco fino como um polegar e uns dois metros de altura. Naquele ano, sua tímida copa de folhas miúdas ficou pela primeira vez carregada de amoras. A pedido de Seu Ijuí, que era um tiozinho muito querido que plantava árvores por toda parte, todas as crianças concordaram em esperar as amoras ficarem maduras para que somente então fossem colhidas e divididas igualmente. Os pais observaram com semblantes ternos e derretidos seus filhos reunidos ao redor da amoreira tramando mirabolantes teorias infantis para prever em que dia as frutas ficariam maduras. As crianças regavam a pequena amoreira e criavam todo tipo de adubo para alimentar a árvore, usando combinações de terra de diferentes cores, insetos mortos e cascas de fruta. Enfim Seu Ijuí anunciou que dentro de dois ou três dias, no máximo, a colheita das amoras poderia ser realizada pelas próprias crianças. Na manhã do terceiro dia, quando oito crianças chegaram na praça com cestinhos de vime e pequenas bacias de plástico na mão para realizar o tão aguardado ritual, tudo que encontraram no lugar da amoreira foi um toco de árvore serrado a meio metro da raiz. A atmosfera matinal da praça foi maculada pelo choro e pela histeria. O pai da Ingrid passou de carro, notou a comoção e parou para dizer que ao sair mais cedo naquela manhã para comprar pão tinha visto o filho dos novos moradores, um marginalzinho que chamavam de Bonobo, serrando a amoreira com um serrote e voltando para casa a pé com a árvore apoiada em seus estreitíssimos ombros, as amoras pretinhas balançando alegremente nos ramos. Os pais das crianças foram à casa da família do Bonobo. Quem atendeu foi o próprio Bonobo, que disse que tinha levado a amoreira para casa sim, e daí, árvore na rua não tem dono, quem não gostar pode tentar pegar de volta, mas vai sair machucado etc. A intimidação surtiu efeito, e os pais se conformaram, voltaram para casa e passaram o resto do dia consolando os filhos. Um grupo de irmãos mais velhos das crianças traumatizadas, contudo, absorveu o ódio da comunidade e resolveu transformá-lo em punição física. As diferentes versões estabelecem entre oito e vinte o número de agressores que surpreenderam o Bonobo perto de uma parada de ônibus e partiram para dar uma lição nele. O Bonobo fugiu correndo por alguns quarteirões, mas de repente

se cansou, parou, virou de frente para seus perseguidores, pegou uma pedra em uma mão e um pesado pedaço de madeira na outra e disse: “Vem”. Bateu em todo mundo e conseguiu fugir. Um comboio de dois automóveis levou os feridos ao pronto-socorro. Passado mais de um ano, poucos envolvidos gostavam de comentar o assunto, e alguns tinham ido embora do loteamento. Têm lembranças confusas daquele pedaço de madeira girando, aqueles braços fantasticamente curtos golpeando com uma fúria animalesca. O fato é que o Bonobo bateu nos oito. Ou nos quinze. Ou nos vinte, de acordo com as versões mais exageradas. O próprio Bonobo adorava confirmar a história, mas se referia a ela com um desdém calculado, como se fosse um tipo de acontecimento corriqueiro (e de certa forma era). Alegava que o dente da frente quebrado ao meio era um troféu daquele combate.

Ao se posicionar para descer a escadaria, Hermano sentia o olhar do Bonobo cravado em sua nuca. Agarrou com firmeza os punhos emborrachados do guidom. Apenas os dedos médios permaneciam esticados, apoiados nas alavancas de freio. Era uma idiossincrasia sua frear usando os dedos médios em vez dos indicadores. Deu algumas pedaladas de impulso e pegou embalo no declive. Pedais alinhados na mesma altura, joelhos e cotovelos levemente flexionados. Deu mais duas pedaladas para atingir a velocidade máxima. Os degraus de pedra passavam voando à sua esquerda. No meio da descida havia uma lombada no terreno, e a partir dali o declive se acentuava, chegando a cerca de quarenta e cinco graus de inclinação que iam suavizando rumo à reta final. Hermano saltou sobre a lombada. Lá no topo da escadaria, alguém honrou a manobra com um grito empolgado. Era bom naquilo. Era o melhor. Quase sempre ganhava. E levava os tombos mais espetaculares. Sabia que a partir de uma certa velocidade ficava quase impossível manter o controle da bicicleta. E o que mais lhe interessava era justamente ultrapassar esse limite, entrar naquela zona em que os freios se tornavam inúteis e a bicicleta parecia escorregar sobre um fio de aço. A possibilidade de um terrível acidente ficava entregue à sorte. Chegou ao fim da pista, onde o declive já bastante amenizado desembocava em um trecho horizontal. Freou com um cavalo de pau preciso na superfície de chão batido. Tinha sido uma boa descida, certamente uma das mais velozes em seu histórico.

Enquanto subia a escadaria refazendo o caminho, carregando a bicicleta no ombro, viu o Palhação se posicionar na zona de largada e começar sua descida. Passou zunindo a seu lado, pedalando com força. O Palhação era o único que rivalizava com Hermano no *downhill*. Hermano continuou subindo, sem olhar para trás para conferir o desempenho do adversário, num desdém que fazia parte da mise-en-scène da competição. Além disso, sua atenção estava toda voltada para o alto da escadaria, onde o Bonobo e seus amigos mal-encarados estavam reunidos. Ao chegar no topo, o Wagner Montes o cumprimentou pela excelente

descida, mas fora ele ninguém mais fez qualquer comentário ou sequer olhou para Hermano. De repente, se sentiu muito sozinho. Não tinha intimidade com nenhuma daquelas pessoas. Havia duas ou três conversas paralelas acontecendo, mas não conseguia entender muito bem qual era o assunto de nenhuma delas. Viu Naiara chegando junto com a Isabela. Isabela usava batom vermelho. Hermano achou a maquiagem vulgar, horrível. Naiara estava descalça, os pezinhos encardidos pisando as pedras da rua sem preocupação. Os traços que tinha em comum com o irmão só ficavam evidentes quando se prestava atenção na semelhança. Narinas um pouco projetadas para a frente, os lábios quase do mesmo tom bege da pele. Traços símios, algo que fazia lembrar ilustrações de ancestrais hominídeos. Pensou em puxar conversa com as gurias, mas na presença do Bonobo ele e a Naiara nunca se falavam. Não entendia por quê. Mal se cumprimentaram. O Bonobo agora estava enroscado com sua loira de dentes tortos. Hermano pensou em ir embora. Pensou em voltar para a casa do Morsa e dizer que somente ele prestava naquele bairro. Somente o Morsa merecia consideração. Com ele não era necessário conversar. Podiam ficar vendo jogos de computador e tomando Coca em mamutais copos de vidro esverdeado, e os minutos iam se sucedendo e fazendo sentido. Sabido era o Morsa, que estava em casa jogando computador.

O Palhação veio subindo a escadaria com seu sorriso monstruoso que rasgava ao meio o rosto de bochechas espinhentas. Hermano não tinha visto a descida dele, mas o sorriso dizia tudo. Logo aferiu que o consenso geral era de que o Palhação tinha sido o melhor até agora.

Hermano pediu para descer de novo logo após o Palhação, furando a ordem de descida pré-combinada. O desafio estava implícito. A autorização foi concedida.

Ao invés de se posicionar para a descida no topo da escadaria, a posição oficial de largada, Hermano apoiou a bicicleta em um poste e começou a andar pela calçada, procurando alguma coisa no chão. Achou alguns tijolos abandonados no meio do capim. O Mononucleose perguntou o que ele estava fazendo, se ia descer de uma vez ou não. Hermano não respondeu, apenas encostou os tijolos no meio-fio, criando um pequeno degrau no desnível entre a rua e a calçada. Pouco a pouco, todas as conversas foram parando e as atenções se voltando para Hermano. Pediu a dois amigos do Bonobo que se afastassem do topo da escadaria. O Bonobo também tinha parado de beijar a loira e estava acompanhando a cena. Quando Hermano começou a empurrar a bicicleta rua acima, sua intenção foi ficando clara para os demais. O Palhação disse baixinho que ia dar merda. Hermano se afastou uns cinquenta metros rua acima, parou, montou na bicicleta e começou a pedalar com toda a força na direção da escadaria. Ao passar pelo Bonobo, olhou bem na cara dele. Agora ele estava prestando atenção. Agora o Bonobo ia ver. Usou o degrau de tijolos para facilitar

a subida na calçada e quando se lançou escadaria abaixo já estava em alta velocidade. Continuou girando os pedais com toda a força que tinha. Ninguém jamais desceria aquela escadaria mais rápido do que ele estava descendo agora. Era impossível. Tinha impressão de que as rodas nem tocavam o chão. O mundo a seu redor se transformou em um borrão e seus olhos lacrimejavam com o vento. Nos primeiros segundos de descida, percebeu que já não tinha controle da bicicleta. Mesmo assim continuou pedalando mais e mais. Sabia que ia cair. E todos iam ver ele cair. Enquanto descia, teve consciência de que era apenas isso que o movia a descer aquela escadaria tantas vezes, a possibilidade da queda, de se arrebentar no chão. E essa seria a mais espetacular de todas. Era o que tinha a dizer às pessoas lá em cima. Estava pronto para sangrar. Era seu talento. Se o Bonobo tinha sido capaz de bater em vinte ao mesmo tempo, agora ele seria capaz de cortar, quebrar, ralar, escoriar, debulhar, raspar, fraturar, arranhar, perfurar e esmagar seu próprio corpo de um jeito que ninguém jamais esqueceria. Ao passar sobre a lombada no meio do percurso, Hermano puxou o guidom para cima e lançou a bicicleta no ar. Aterrissou cinco metros à frente. Com a força do impacto, o guidom deu um giro completo para a direita e a bicicleta rebateu para a esquerda, caindo sobre a escadaria de degraus de pedra. Ciclista e bicicleta embolotaram escada abaixo. Não havia dor, apenas uma sensação de total descontrole que suscitava mais resignação que pânico. Degraus de pedra, tubos de aço e pneus de borracha alternavam golpes contra todas as partes de seu corpo. Era quase como surfar uma onda, pegar um jacaré. A única coisa que veio a sua mente foi a cena de um filme: o último dos interceptadores V8 capotando no deserto apocalíptico, saltando e rodopiando como em um solo de ginástica olímpica, projetando jatos de areia contra o céu azul-claro, e segundos depois sai de dentro da carroceria destruída o guerreiro da estrada, há sangue no seu rosto, um ferimento terrível no olho, outro no braço, e ele se arrasta para fora do carro pela areia escaldante, a areia colando no sangue, grudando nas feridas abertas, os motoqueiros assassinos descem o barranco em sua direção para conferir se ele ainda está vivo, e ele ainda está vivo, gravemente ferido e ensanguentado e abandonado, mas é possível vê-lo e colocar-se em seu lugar. Quando seu próprio corpo parou de capotar, Hermano levou as mãos ao rosto, depois as afastou e ali estava ele, na ampla palma de suas mãos, nos dedos fortes e grossos. Havia gente correndo escadaria abaixo, em sua direção. Os inimigos descendo o barranco para conferir se ele ainda estava vivo. Os espectadores correndo para socorrer o herói do filme. O seu filme. A cena ficou perfeita. A maquiagem não podia ter sido mais realista. Como o sangue é uma coisa bonita, pensou antes de desmaiar.

Samara acaricia com a ponta dos dedos a testa do filho. São apenas nove horas da noite e ele diz para ela que quer dormir mas não consegue, porque nas

férias fica acostumado a dormir de madrugada e ainda é muito cedo. Está sem sono, mas quer dormir. Um pequeno retalho de seu couro cabeludo, perto da testa, está raspado e contém um esparadrapo. Tem também cortes e escoriações bem feias em diversas partes do corpo, algumas cobertas pelo laranja do mercurocromo, e seu pulso está quebrado. Samara tem certeza de que o filho está sentindo dor e quer fazer ele parar de sentir, mas ele jura que quase não sente dor nenhuma e que está bem, só quer dormir de uma vez e acordar no dia seguinte. Pensa em comentar as manchas vermelhas que vinha encontrando no banheiro, mas intui que sua origem está em alguma coisa que o filho não vai querer comentar. Não se sente íntima dele o suficiente para trazer o assunto à tona. Então desiste de sondar os sentimentos e atos secretos do filho e decide se concentrar no problema do sono. Este, talvez, ela possa resolver.

“Lembra como eu te fazia dormir quando tu era menor?”

Hermano lembra. A sensação da ponta dos dedos da mãe na sua testa é extraordinariamente agradável. Seus machucados mais coçam do que doem.

“Imagina que tu tá subindo uma escada, bem devagarinho.” Samara fala muito devagar e alonga cada uma das palavras, como se ela mesma estivesse com sono.

Antes de fechar os olhos, Hermano olha bem para a mãe. Quando os fecha, se coloca no lugar dela, imagina ser a mulher que contempla o filho sentada na beira da cama. Faz isso apenas como um rápido e involuntário exercício de imaginação, mas percebe que não consegue mais sair do ponto de vista dela.

“E no alto dessa escada... tem... uma nuvem...”

Consegue sentir, ou pelo menos julga que consegue, exatamente o que ela está sentindo ao colocar para dormir como se fosse uma criança o filho de quinze anos que sofreu um tombo feio de bicicleta durante a tarde e desmaiou e foi carregado pelos amigos até em casa e precisou ser levado ao pronto-socorro para enfaixar o pulso e levar dois pontos externos e dois internos na cabeça onde tinha um corte através do qual o médico disse que dava para enxergar o crânio.

“Uma nuvem bem branquinha... e fofinha... dá vontade de se afundar dentro dela.”

Lembra de todas as vezes em que ela o colocou para dormir desse mesmo jeito, quando ele tinha medo de dormir porque não conseguia evitar acreditar que tinha um zumbi espreitando em algum lugar do quarto, no escuro, toda noite, mesmo quando dizia para si mesmo que zumbis não existiam e que o medo era absurdo. O zumbi tinha um rosto alucinado, sorria de olhos arregalados e balbuciava comunicando sua fome de miolos, como em um filme que ele tinha assistido em videocassete aos sete ou oito anos, na casa do Pedreiro, que na época ainda era mais conhecido como Túlio. Pensa em todo o tempo que a mãe, e seu pai também, tinha dedicado a ele durante esses anos. A imensidade desse investimento. Enxerga tudo de uma vez, todos os quinze anos de dinheiro e tempo

e atenção e sacrifícios que tinham sido dedicados a ele por seus pais. Era uma coisa muito estranha de se imaginar.

“Tu sobe na nuvem... se ajeita nela, bem aconchegante. Tem cheirinho de amaciante de roupa...”

A voz da mãe está ali, repetindo a técnica infantil de evocar o sono, mas não está adiantando. Ele não está ficando com sono, está na verdade cada vez mais desperto, a mente cada vez mais agitada.

“Os olhos começam a pesar.... o corpo fica bem soltinho, vai se afundando cada vez mais na nuvem...”

Tem até vontade de levantar dali, sair para a rua, encontrar os amigos e falar sobre o tombo, sobre o que aconteceu no pronto-socorro. Ser por alguns momentos o centro das atenções. Mas com sua habilidade recém-adquirida de se colocar no lugar da mãe, imagina como será frustrante para ela se ele revelar que na verdade está perdendo a vontade de dormir e inclusive está disposto a ir para a rua. Imagina o que a mãe sentiria caso ele realmente pegasse no sono.

“E nessa nuvem tá escrito...”

Ele quer que a mãe sinta isso que ele imagina que ela vai sentir.

“Soninho...”

Então ele finge que dorme.

Ao pensar no nome da filha percebe pra onde, na verdade, está guiando seu Mitsubishi Pajero. Pela primeira vez na vida, se sente à vontade pra admitir pra si mesmo que não gosta do nome. A escolha que tinha praticamente imposto à esposa, à custa de muita insistência e justificativas fictícias, era um nome que no fundo achava feio. “Nara”, diz em voz alta, e a sonoridade da palavra faz tremer dentro de sua mente uma membrana que aprisiona um denso concentrado de possibilidades não vividas, deixadas de lado por um motivo ou outro a favor de outras possibilidades que se concretizaram. O nome suscita uma nostalgia difusa, não de todo agradável, pra dentro da qual tem a sensação de penetrar fisicamente ao deixar o último trecho reformado da Aparício Borges e prosseguir caminho naturalmente pela avenida Teresópolis, que segue em obras por algumas centenas de metros até dar lugar a um cenário que lhe parece preservado, com o mesmo asfalto antiquado e os canteiros centrais com árvores enormes que lembrava ver com frequência até uns cinco anos atrás, quando ainda morava na zona sul e costumava passar por ali. Fantasia que a construção interminável da Terceira Perimetral é uma ameaça que o persegue e contra a qual agora, dentro do carro, está apostando uma corrida, como já tinha apostado corrida contra a sombra de nuvens em estradas. Como um fluxo piroclástico, o concreto das novas avenidas avançava como uma onda gigante e vinha cobrindo o asfalto, as calçadas, as árvores, os pontos de ônibus e os veículos atrás dele, e era necessário afundar o pedal do acelerador e chegar à Esplanada antes que fosse tarde. Se o cimento o alcançasse, seria ele também transformado em cimento, e dessa vez não ia adiantar a Nara gritar e fazer cócegas, permaneceria pra sempre aprisionado na paisagem monocromática, como o molde em gesso de uma vítima de Pompeia ou o Han Solo da primeira sequência de *O retorno de Jedi*. E assim, rapidamente, a avenida Teresópolis se transforma na avenida Nonoai que se transforma na avenida Eduardo Prado, um trajeto ainda adormecido em que o progresso urbano dos últimos cinco anos deixou marcas

variadas porém relativamente superficiais. Motéis decadentes, trailers anunciando promoção de xis-bacon e alguns terrenos desocupados deram lugar a minimercados, condomínios residenciais de baixa renda e templos da Assembleia de Deus com enormes placas na fachada exclamando “Pare de Sofrer!”, ainda que suas portas estejam fechadas às seis e meia de um sábado, horário em que pouquíssima gente deve sofrer. Assim que inicia a subida da Eduardo Prado, antecipa a pequena rotatória a cerca de trezentos metros na qual deverá entrar à esquerda pra tomar a estradinha asfaltada que leva à semiurbanizada Vila Nova, onde se encontra, em meio a plantações de pêssegos, o pequeno sítio onde Renan somente agora deve estar acordando após uma noite passada em claro com sucessivas trepadas de despedida com a Keyla, as quais serão minuciosamente descritas ao longo do dia com enfadonho excesso de detalhes. Esse era um hábito detestável do Renan. Certa vez, durante um treino noturno na Condor, deu o bote pra alcançar a última agarra de uma via difícil na parede negativa. Alcançou a agarra, mas tinha esquecido de passar magnésio e a mão suada escorregou. Renan, responsável pela segurança, devia estar atento ao que se passava, mas ao invés disso estava distraído descrevendo detalhes ginecológicos da aluna preferida que finalmente havia traçado e por causa disso demorou alguns décimos de segundo pra travar a corda, que estava folgada. Por pouco a falta de atenção do amigo não o fez sair de lá com um esmagamento facial, direto pra UTI. O pior foi que Renan não deu sinal nenhum de que reconhecia sua imprudência. Eram parceiros, mas não podiam escalar de maneira mais oposta. Renan já tinha sido segundo colocado no ranking brasileiro. É coordenador da Comissão Técnica da Associação Gaúcha de Montanhismo. Um escalador profissional. Mas há algo desagradável em sua relação com o esporte, sempre compenetrado na busca de pequenas vitórias e realizações, obcecado com o nível de dificuldade de cada via que se propunha a encadenar, envolvido numa constante busca pela primeira vez, a primeira via 10b do sul do país, a primeira escalada cem por cento natural dessa ou daquela pedra, o primeiro a “costurar” cada nova aluna que vinha fazer algumas aulas de teste na Condor, e agora sonhava em ser o primeiro a escalar o Cerro Bonete dos Andes bolivianos. Até mesmo o físico do amigo tem algo de presunçoso e vulgar, a musculatura quadrada e saliente, um corpo desprovido de gordura, o queixo pontudo como o vértice de um rosto triangular. O que leva Renan até o cume é sua vaidade, e há uma contradição brutal entre a vaidade excessiva e um esporte como a escalada. Ao contrário do Renan, considera a escalada em primeiro lugar uma forma de meditação, um exercício de autoconhecimento estendido a cada um dos duzentos e doze músculos do corpo. Não é a força ou a impulsividade que faz alguém subir uma rocha, é uma sabedoria muito mais delicada, uma complexa economia do esforço muscular e do equilíbrio, um balé de contrações e descansos regidos por uma mente concentrada e desligada de

tudo que não seja o corpo e a pedra. Dá sinal à esquerda metros antes da rotatória da Vila Nova, mas ao alcançar a entrada não gira o volante. Ao invés disso, desliga o pisca e segue em frente pela Eduardo Prado. Está com raiva do Renan, mas ao mesmo tempo é tomado pela certeza de que sua própria relação com a escalada está longe de ser a ideal. Se Renan escala por vaidade, ele escala pra fugir. Gostaria de acreditar que é somente pelo condicionamento físico e mental, pelo contato com a natureza propiciado pela escalada na rocha, mas no fundo a escalada é um esconderijo. Escala porque no fundo admira Renan. Admira Renan porque Renan é tudo que ele próprio não é. E agora vê que aceitou a ideia da expedição ao Cerro Bonete porque o cume do Cerro Bonete será sempre o oposto exato do local onde está agora. Em 1923, quando perguntaram a George Mallory por que ele queria escalar o Everest, sua resposta foi: “Porque está lá”. Sua própria motivação é inversa. Não quer escalar o Bonete porque a montanha está lá, mas porque ele está aqui. E Renan quer poder contar vantagem e vender as fotos pra alguma revista no retorno. Fuga e vaidade. Nunca houve uma dupla de alpinistas mais equivocada. E ao deixar de entrar à esquerda na rotatória, seguir em frente e passar diante do eterno Show Clube 100Sação rumo ao bairro que abandonou há cinco anos, acredita que está corrigindo esse equívoco. A colossal mochila de acampamento de oitenta litros de capacidade que rola mais uma vez no bagageiro é um fardo inútil. “Pode ficar dormindo”, fala em voz alta, como se Renan pudesse escutar. “Dorme até as onze, é um horário bem mais aceitável, não é?” Depois de passar abaixo do limite de velocidade por duas lombadas eletrônicas consecutivas, deixa o Pajero deslizar pela longa e serena descida da Eduardo Prado. O silêncio o incomoda pela primeira vez desde que partiu de casa. Liga o rádio do carro sem lembrar que CD está ali dentro. Reconhece imediatamente o violão do Elomar. A voz entra logo em seguida. *Bem de longe na grande viagem, sobrecarregado paro a descansar.* De súbito, lembra de um sonho que teve na noite passada, após passar horas revirando na cama sem conseguir pegar no sono. É assim: está dirigindo seu carro pelo tráfego apressado de uma avenida movimentada. A seu lado, no banco do passageiro, está a Adri. No banco de trás estão Renan e o Morsa, um amigo de infância que não via há uns quinze anos e de quem não tinha motivo nenhum pra lembrar, nem mesmo em sonho. Está irritado com o trânsito, os outros mantêm silêncio, mas o sonho não deixa claro pra onde se dirigem. Há um estouro, e pelo retrovisor direito vê que o pneu traseiro está soltando uma fumaça negra. É obrigado a encostar o carro no meio-fio pra conferir o que se passa. Todos desembarcam e ficam olhando um tempo pro pneu, sem entender que tipo de defeito mecânico pode estar causando aquilo. À beira da avenida se estende uma paisagem que lembra a margem de uma estrada, um aterro em declive que dá num vasto terreno encharcado. Fica distraído com aquela paisagem por um instante, e escuta o ronco do motor do Pajero: alguém entrou no seu carro e o

roubou enquanto ninguém estava olhando. Mal tem tempo de pensar que providência tomará quando outro veículo, um sedã antigo que podia ser um Del Rey ou um Monza, encosta no meio-fio e lhes oferece carona até uma delegacia ou algo assim. Entram, Renan na frente, ele, a Adri e o Morsa no banco traseiro enquanto o motorista, que não tem nenhum traço físico marcante, dirige em silêncio. Quando chegam ao destino, não se trata de uma delegacia, mas sim de uma casa ordinária em um bairro residencial ordinário, com eczemas do reboco expostos na pintura branca gasta e um pequeno gramado em péssimas condições na frente. Sob a impressão de que foram sequestrados, obedecem à instrução do motorista e entram pela porta da frente, que dá numa sala de estar ampla ocupada por trinta ou quarenta pessoas, homens mulheres e crianças, alguns em pé, mas a maioria acomodados em sofás de couro sintético marrom ou sentados no chão mesmo, sobre tapetes felpudos, em rodinhas ou meias-luas. Pelo menos meia dúzia dos presentes se destacam por vestirem camisetas azul-marinho idênticas, sem estampa ou marca, grandes pro porte corporal dos usuários, como se tivessem sido encomendadas por engano em tamanho GG. Dá pra perceber de cara que esses indivíduos uniformizados atuam como monitores ou organizadores de algum tipo, movendo pessoas de lugar, observando o ambiente, coordenando jogos ou proferindo palestras a pequenos grupos atentos. O motorista se aproxima e lhes distribui folhetos cujo conteúdo esclarece que as atividades ali desenvolvidas seguem uma estranha linha de autoajuda com toques religiosos. São constrangidos a se misturar ao restante dos presentes e participar dessas atividades, mas pra eles fica claro que aquilo tudo é não apenas um engodo, mas também fachada de algo ameaçador. Busca a cumplicidade do Renan, tentando combinar alguma reação, e a Adri começa imediatamente a protestar e atacar os monitores e os alunos com comentários sarcásticos. Renan acaba cedendo e se junta a um dos grupos de estudo em um conjunto de sofás. O Morsa desapareceu a essa altura. Fica com medo de contrariar os monitores, mas a Adri resiste abertamente, e isso vai alimentando a tensão dentro da casa. Os monitores trocam olhares sérios, como se planejassem tomar alguma providência drástica. Chama a Adri e cochicha no ouvido dela, explicando que é melhor entrarem na onda e fingirem que estão participando daquela enganação, porque do contrário podem estar correndo sérios riscos. Ela acaba concordando e os dois sentam em poltronas, observando tudo que acontece ao redor. O papo dos monitores é extremamente artificial. O fato de que não são aquilo que aparentam, de que na realidade têm uma agenda bem mais sinistra do que transmitir lições de vida e ensinamentos religiosos a todas aquelas pessoas, parece evidente pra eles dois e mais ninguém. Seus dentes parecem pressionar uns aos outros dentro da boca, como se sofresse de bruxismo, ou como se os sisos estivessem empurrando as arcadas dentárias com uma força anormal. Abre a boca com força, e as mandíbulas estalam, mas o incômodo permanece. Vai

reconhecendo algumas pessoas presentes na sala. Vê a Keyla, alguns colegas de escalada na Condor e algumas pacientes que atendeu ou operou nos últimos três anos. Está ali a Jade, a menina de dezessete anos na qual colocou próteses de 275 ml nos seios, apesar de sua insistência de que eram absolutamente desnecessárias numa mocinha de corpo tão bonito e harmônico quanto o dela, e reconhece também a dona Liliana Caliope, uma das maiores responsáveis por estabelecer sua precoce reputação de cirurgião plástico milagreiro, uma socialite equina de cinquenta e dois anos que jurava aos quatro ventos ter renascido completamente após suas avançadas intervenções bioplásticas, e que insistiu durante meses em retribuir o serviço com pagamentos bem mais íntimos e calorosos do que o inesgotável saldo de sua conta bancária. E somente então, ao perscrutar a sala de estar em busca de mais rostos conhecidos, registra a presença de diversos aparelhos de televisão espalhados por todos os cantos, em mesinhas individuais ou armários embutidos em paredes. Tem a impressão de que não estavam ali antes, tinham sido instalados sorrateiramente pelos monitores. São aparelhos grandes, de tela plana com algo em torno de trinta e três polegadas. As telas acendem de repente, mas em vez de algum programa ou de uma tela azul ou chuvisco indicando ausência de sinal, os televisores emitem uma luz branca muito intensa, levemente pulsante, que recobre as pessoas e os móveis com um brilho fantasmagórico. Aos poucos, calmamente, todos os presentes, à exceção dos monitores, começam a se aglomerar diante dos televisores. Por instinto, sabe que precisa se manter afastado daqueles televisores a todo custo, pois representam uma ameaça indescritível. A pressão de seus dentes dentro da boca vai ficando cada vez mais intensa e dolorosa. Perde a Adri de vista, mas o medo dos televisores supera qualquer outra preocupação. Se agacha atrás de sofás e tenta escapar sem ser notado por uma série de corredores e recintos da residência, mas dá de cara o tempo todo com mais e mais televisores, e o terror da fuga interminável ocupa um trecho longo do sonho até que entra em um quarto e vê mais uma vez a tela luminosa e um pequeno grupo reunido à frente do aparelho. De repente o televisor pisca e as pessoas diante dele perdem o rosto, que é substituído por uma superfície negra, lisa e sem expressão. A mesma coisa passa a acontecer com todos os televisores e as pessoas ao seu redor, o mesmo flash e a mesma desfiguração. Tenta escapar a todo custo, permanecer em uma posição distante o suficiente de todos os televisores da casa, mas é cegado por um dos clarões, vindo não sabe de onde. Quando reabre os olhos, atordoado, logo percebe que está em outro lugar. O chão é duro, e a vista panorâmica alcança campos e morros longínquos. Está pisando sobre pedra nua, uma pedra escorregadia, molhada por uma chuva recente. Reconhece o lugar quando enxerga a grande cruz branca instalada perto de uma das extremidades do rochedo. Está no alto da Pedra da Cruz, acompanhado de dezenas de pessoas, todas as que estavam na residência dos televisores e muitas outras mais. A

multidão está mais ou menos organizada em uma longa fila, e após esfregar os olhos e observar com mais atenção percebe que todas estão mutiladas ou feridas de algum modo. Há homens sem um dos membros, mulheres gordas com facadas múltiplas nas costas, pessoas cravejadas de balas, com pedaços de carne pendendo do corpo, desfiguradas, queimadas. A fila se move lentamente em direção a uma das faces do rochedo. Assim que elas chegam na beirada, monitores com a mesma camiseta azul-marinho vestem nelas uma cadeirinha de escalada, instalam um freio oito e passam uma corda por ele. Uma a uma, as pessoas viram de costas pro vazio e dão passos cuidadosos pela pedra, iniciando uma descida em rapel por um penhasco sem fundo. Renan está entre elas, o fêmur exposto na coxa esquerda. O motorista que os pegou na beira da estrada reaparece na sua frente. Quando vai falar com o homem, sente que sua boca está preenchida com dentes soltos. Começa a cuspir os dentes, de início um a um, e depois os molares e pré-molares e caninos e incisivos vêm carregados juntos em uma calda de saliva cristalina que não apresenta nenhum traço de sangue. Passa a língua nas gengivas e sente os buracos dos dentes, sensíveis mas não doloridos. A pressão dentro da boca se foi, a mandíbula parece solta e flexível, o ar gelado nas mucosas traz uma sensação de alívio. Livre dos dentes, começa a entender o que se passa. Pergunta ao motorista, que ainda está em pé a seu lado: “Como foi?” “Uma queda de quase duzentos metros. Problema com a corda.” “Obrigado”, diz, e segue em direção ao penhasco, se juntando à multidão de mutilados. O sonho havia terminado aí. Há muito tempo não lembra de um sonho com tantos detalhes. Não sente necessidade de interpretar os significados do sonho. Se alguém perguntasse naquele momento, não saberia dizer o que o sonho significava, mas sabe que seu significado já está incorporado à sua consciência, diluído em seu fluxo mental. O que chama sua atenção agora é um único detalhe. O que o Morsa estava fazendo no sonho? Nunca mais tinha pensado nele, nunca tinha vivido nenhum episódio marcante a seu lado. Nesse momento, lembra que na verdade não fazia quinze anos que não via o Morsa. Já tinha reencontrado ele uma única vez, há uns três, no máximo quatro anos. Onde? Em um restaurante. Isso. Em uma pizzaria badalada. Naquela época não tinha dinheiro pra torrar em restaurantes caros, mas vez que outra acabava arrastado a lugares daquele tipo pelos amigos. Foi preencher o cheque no caixa e tinha um gordão lá, pagando a conta. Demorou pra reconhecer o Morson Manera. O amigo de infância vestia uma jaqueta de couro legítimo com cheiro de nova, calça jeans e tênis amarelos. O rosto continuava esférico porém ligeiramente mais alongado, e o bigodinho de rato e a barba rala dos velhos tempos tinham se transformado em um cavanhaque retilíneo da largura exata do queixo. Tinham conversado durante dois minutos. O Morsa havia entrado como estagiário em uma empresinha de criação de websites em meados dos anos 1990. Pouco mais de um ano depois abriu a própria empresa com um amigo. Começou fazendo sites elementares de

três páginas pra clientes como padarias, locadoras de vídeo e distribuidores de material ortopédico, e hoje sua empresa, a Stunt, era responsável pelos portais eletrônicos de um banco, de uma gigante de telecomunicações e de mais um portfólio impressionante de multinacionais, celebridades, partidos políticos e instituições variadas. Sua esposa estava com ele, uma loira que jamais precisaria de cirurgia estética na vida. Naqueles dois minutos, o Morsa teve tempo de perguntar se ele ainda falava com alguns outros amigos do velho loteamento, citando apelidos que soavam absurdos e estranhos. Ao ir embora da pizzaria, teve tempo de ver o Morsa desligando o alarme de uma perua BMW do ano. Aquela, sim, tinha sido a última vez que vira o Morsa. Mesmo assim, a presença dele no sonho era inusitada. Por outro lado, fazia sentido, muito sentido. Afinal, é pro cenário de sua juventude que está indo agora, pegando à esquerda na nova rotatória da Eduardo Prado com a Juca Batista. *Ó lua nova, quem me dera, eu me encontrar com ela, no pispei de tudo, na quadra perdida, na manhã da estrada e começar tudo de novo.* No rádio do carro, a canção do Elomar está quase no fim, e ele está quase chegando na Esplanada.

Faltando poucos minutos para as quatro horas da manhã de sábado, Hermano e o Bonobo caminham lado a lado, em ritmo acelerado, pela calçada da rua da Sombra em direção à estrada da Serraria. O primeiro traça uma calça baggy de brim azul-escuro, sapato de couro marrom emprestado do pai e uma camisa polo salmão, quatro dedos de cada mão enfiados nos bolsos apertados da calça, os polegares sobrando para fora. O outro veste uma combinação tragicômica de tênis M2000 dotados de amortecedores piramidais, calça preta de tãctel, um surrado paletó esporte de tweed sobre camiseta branca com estampa do Suicidal Tendencies e boné laranja encardido cobrindo a cabeça raspada. Não emitem som algum além do provocado pelo choque da sola de seus calçados sobre o piso coberto de areia úmida. Chovia fraco até cerca de meia hora atrás. Enquanto os quarteirões se sucedem, a rua se transforma com suaves curvas para um lado e para o outro e um progressivo aumento do alvoroço. Ervas daninhas brotam em abundância pelas frestas que separam as pedras do calçamento. Aos poucos a rua parece penetrar nas profundezas de uma floresta perfumada pelos cinamomos de mais de vinte metros de altura que se erguem em ambas as calçadas, imponentes e próximos uns dos outros. Água escorre por seus troncos negros e viscosos, hemiparasitados por cabeleiras de erva-de-passarinho, e as copas das árvores vão ficando cada vez mais elevadas e densas, se aglutinando até formar uma abóbada de ramos e folhas.

O Bonobo tira do bolso da calça um maço de cigarros, pega um cigarro e o deixa cair no chão. Hermano também para enquanto ele se agacha para recolher o cigarro que, apesar de um pouco molhado, coloca na boca e acende. Por um instante se olham como se tentassem lembrar de algo que queriam dizer, mas não dizem nada. O Bonobo estende o maço e oferece um cigarro a Hermano.

“Não, valeu.”

Em cada novo cruzamento há pelo menos um despacho de umbanda. São oferendas compostas de galinhas pretas, garrafas de cachaça, vasilhas de pipoca,

velas apagadas, flores e fitas vermelhas, tudo meio desorganizado e amolecido pela chuva. No último cruzamento antes da estrada da Serraria, o Bonobo se aproxima de um despacho, pega a garrafa que está disposta no arranjo e inspeciona a tampa para ver se está lacrada. Volta para a calçada com a garrafa nas mãos e segue caminhando ao lado de Hermano. Os dois lábios do Bonobo estão partidos e inchados, o de cima parecendo um naco repulsivo de salsichão assado. O filtro do cigarro que pende de sua boca fica manchado de vermelho. Ele abre a tampa da garrafa de Sete Campos de Piracicaba, retira o cigarro dos lábios e toma um gole. Aponta a garrafa na direção de Hermano, que faz nova recusa não apenas em nome de sua tenaz abstinência, mas sobretudo porque beber de uma garrafa roubada de uma macumba não parece algo que uma pessoa deva fazer sem alguma espécie de receio, por mais cética que seja. Fica esperando que o Bonobo o chame de bicha ou qualquer coisa nessa linha, mas o silêncio persiste. Desse modo os dois prosseguem com cabeças abaixadas e olhos cravados na calçada, Hermano com as manzorras enterradas nos bolsos e o Bonobo alternando baforadas de cigarro e goles da caninha que confiscou dos orixás. A abóbada orgânica se desfaz ao se aproximarem da esquina com a estrada da Serraria, expondo novamente o céu negro sem nuvens nem estrelas. Pelo asfalto reluzente passam voando um e outro carro em alta velocidade, motoristas embriagados que para evitar dormir ao volante pisam fundo a fim de chegar em casa o mais rápido possível. Para Hermano, simplesmente estar caminhando para casa a esta hora da madrugada, nesta noite úmida e lúgubre, causa um sentimento indefinido de transgressão. O Bonobo não parece guardar qualquer recordação da agressão sofrida naquele jogo de futebol durante as férias. Hermano não toca no assunto e curva os cantos da boca em um sorriso triste ao pensar em como o incidente os havia afetado de maneira tão oposta. Mantém seus sentidos alertas a qualquer som e movimento realizado pelo Bonobo, que aos poucos deixa de representar um perigo, um adversário. Estão apenas caminhando na madrugada e nada mais. Secretamente, Hermano está embevecido com a improvável companhia. A noite está acabando bem.

“Que festa de merda”, resmunga o Bonobo, quebrando o silêncio.

“Bah, nem me fala.”

O aniversário de quinze anos da Isabela tinha mobilizado toda a gurizada do loteamento. O local escolhido pela família foi o Restaurante Recanto Espanhol, situado no Guarujá, bairro vizinho à Esplanada. A indicação TRAJE: SOCIAL no convite tinha sido motivo de debates e piadas entre os convidados masculinos na semana anterior, mas as ameaças de comparecer ao evento de chinelos e camiseta regata não foram levadas a cabo, e a maioria deu um jeito de descolar pelo menos um blazer e uma gravata para não ofender os anfitriões. A partir das nove horas da noite, presentes e flores foram se acumulando em uma mesa na entrada enquanto as canções da trilha sonora internacional da novela *Vamp* se

sucediam nas caixas de som. Metade das mesas de madeira do salão foram retiradas dividindo o recinto em duas áreas, uma para o jantar e outra para o baile. O creme de leite utilizado no fricassê de galinha tinha sido claramente diluído em água, a batata palha terminou em cerca de três minutos, a cebola da salada tinha sido tão escaldada que ficou sem gosto de nada e o arroz branco era arroz branco. A salada de batatas, pelo menos, tinha sido farta e saborosa, e o sagu de uva da sobremesa não estava nada mau, com um gostinho de vinho na medida certa. As meninas se exibiam com batom na boca e vestidos justinhos, rebolando e agitando os braços ao som de Lenny Kravitz, recuando para o perímetro do salão durante uma balada de Chris Isaak, os pés plantados no chão, roendo unhas sem se preocupar em estragar o esmalte e fofocando nos ouvidos umas das outras. Após o jantar foi projetada sobre uma das paredes uma montagem em vídeo mostrando cenas da infância da Isabela. As fotos e pequenos trechos de filmes caseiros eram legendados: “Aniversário de quatro anos — 1980” (festinha infantil com tias de bermuda “centro-peito”, tios de bigode e calção curto de nylon e um animador infantil vestido de Pateta abraçando uma mini-Isabela sorridente), “Verão em Passo de Torres — 1982” (Isabelinha de maiô entre as barracas de um camping segurando um papa-terra supostamente recém-pescado), “Medalha de Prata em Natação no Clube do Professor Gaúcho — 1988” (de maiô no pódio, contornos dos olhos marcados pelos óculos, não sabendo onde enfiar braços e pernas que tinham crescido rápido demais), “Formatura Primeiro Grau — 1990” (canudo, longo preto, entre amigas) etc. A cada corte no vídeo, aplausos, assobios e gozações. Depois Isabela dançou a valsa com o pai. A camada exagerada de base escorria pelo rosto com o suor, o vestido de cetim azul-claro moldava bem seu corpo rechonchudo, e o Uruguaio cutucava seus vizinhos de mesa sussurando “Já peguei, já peguei!”. Doses modestas de cerveja eram servidas em copos de plástico por três garçons. Hermano tomava um guaraná depois do outro e começava a fazer bolhas de cuspe repugnantes cada vez que o sujeito vestido de preto, com cabelo comprido preso em rabo de cavalo e câmera de vídeo VHS no ombro passava por sua mesa. As reações rebeldes diante da câmera faziam parte de uma combinação entre ele, o Pedreiro, o Bolita, o Uruguaio, o Palhação e outros, visando sabotar o vídeo familiar da festa de quinze anos numa espécie de terrorismo poético. O Uruguaio e o Palhação fingiam ser namorados, davam-se as mãos e acariciavam o rosto um do outro sempre que a lente operada pelo videomaker contratado se aproximava, enquanto o Pedreiro fazia sua célebre imitação de Dr. Fantástico, tentando impedir com a mão esquerda que o braço direito se esticasse em uma saudação nazista, gritando “Heil Hitler!”, “Lufthansa!”, “Volkswagen!” e outras coisas sem sentido que soavam como alemão, e por aí vai. Por trás de toda atitude irônica e referência à breguice da cerimônia, contudo, cada convidado dissimulava uma dose de comoção, a fruição secreta de um autêntico

rito de passagem que vinha à tona em breves silêncios coletivos. Entre uma piada e outra, o Pedreiro se recolhia a um estado de devaneio. Sentado a seu lado, Hermano via nos olhos do amigo o estranho reconhecimento de que o tempo, para eles, já estava passando.

Após as onze horas, a maioria dos familiares e adultos semiembriagados já tinha ido embora para casa ou se recolhido a algum recôndito menos agitado do Restaurante Recanto Espanhol. Apenas a mãe da Isabela, uma mulher de traços indígenas e cabelos lisos, pretos e compridos idênticos aos da filha, trajando um *tailleur* rosa antigo com bordas de canutilho, permanecia circulando entre os amigos da aniversariante, que por sinal iam se revelando consumidores de álcool particularmente precoces e insaciáveis e habitantes de uma realidade própria e cada vez mais impenetrável aos olhos dela, até que enfim sentou numa cadeira na área do salão reservada para o jantar, agora um cemitério sombrio de mesas vazias sobre as quais pratos manchados de creme de leite, copos de plástico com a borda mordiscada, velas com a chama já moribunda soçobrando dentro da água de aquários redondos e toalhas desarrumadas estavam dispostos como flores mortas sobre tumbas, acendeu um cigarro, cruzou uma perna sobre a outra, cruzou os braços deixando a mão que segurava o cigarro suspensa pouco abaixo do rosto e ficou ali sentada na mais feminina das poses, expelindo fumaça, observando com um olhar vagamente perplexo a outra metade do salão onde cerca de trinta meninos e meninas e sua filha dançavam ao som de alguma música absurdamente agressiva, não aos pares, mas sozinhos, transformados em silhuetas robotizadas pela luz estroboscópica.

Em meio à massa saltitante, uma cabeça se projetava sobre as outras, se sacudindo e se deslocando ao redor de eixos impossíveis. De olhos fechados, batendo contra outros ombros, cotovelos, peitos e quadris, pisando em outros pés e sendo pisado, Hermano experimentava na garganta o sabor da falta de oxigênio. O prazer de desperdiçar energia era a redenção, a recompensa após uma série de conversas e rituais que haviam sido enfrentados com um espírito de tolerância. Entre uma música e outra, um breve espaço para pingar um pouco de suor, aliviar a tontura, pedir desculpas por uma cotovelada mais violenta desferida sem intenção de machucar, trocas de gritos animais e sorrisos de insensatez. Então mais paredes de distorção por cima de espectros de melodia, bumbos espancados à velocidade da luz por pedais duplos, os joelhos e pescoços valsando com a magnífica brutalidade do som. Ele estava dançando, e amava todos que estavam dançando com ele. O clímax de toda aquela agressividade encenada era uma espécie extrema de ternura. Bastava saltar mais alto, cada vez mais alto, e agitar a cabeça e os braços com cada vez mais explosão, até a perda total dos sentidos, a abolição de todos os pensamentos, a união de diversos corpos pela exaustão, a felicidade plena, a parada cardíaca.

Até que as caixas de som começaram a tocar “Patience”. Hermano recuou,

repugnado. As gurias que até então permaneciam à distância convergiram para o centro da pista de dança. Pares se formaram, alguns permaneceram cambaleando sozinhos, outros desistiram da dança e foram tomar alguma coisa na rua, onde as golfadas de vento frio logo seriam substituídas por uma chuva fina. Hermano sentou em uma cadeira alinhada à borda de uma das mesas do jantar. Em vez da paz das endorfinas, o esforço havia deixado como resíduo apenas suor e cansaço. Seu pescoço insistia em cair para a frente. Isabela tinha os braços enlaçados no torso do Uruguaio, que parecia debruçado sobre a aniversariante, as mãos acopladas às ancas da parceira, mantendo em contato direto tantas partes de seus corpos quanto possível. O casal girava com uma lentidão desesperadora. Quando o rosto do Uruguaio se virou na direção dele, Hermano viu a queixada maciça do amigo apoiada no trapézio da Isabela, os olhos fechados, cabelos compridos grudados na lateral do rosto. À primeira vista parecia a figura de um apaixonado, mas em pouco tempo a impressão deu lugar a uma outra, de esforço exagerado, desajeitado, como se Isabela estivesse sendo segurada à força para não fugir, uma sutil coerção. Tinha algo de assustador. Entre o Bolita e Lara, por sua vez, interpunha-se um vão gigantesco, como uma greta em um glaciar. Seria exagero dizer que a mão direita dele e a esquerda dela estavam unidas, pois mal se tocavam. Bolita falava sem parar e a bochechuda Lara, de cabelos loiros cacheados e olhos verdes, metida em um vestidinho preto atrevido que multiplicava sua idade e salientava o desenho de sua coluna vertebral, desinteressada nos efeitos irreversíveis do chá de cartucheira sobre a psique humana, olhava por cima do ombro dele com o olhar dos velhinhos bem velhinhos que recebem injeções intramusculares no braço em postos de saúde, o supremo olhar vazio. O Palhação e o Nêgo Cromado estavam em pé no meio da pista, cochichando no ouvido um do outro. Os alvos da trama eram claramente a Naiara e a Corina, que contornavam a área de dança numa busca discreta por companhia masculina. Corina era uma das gurias da vizinhança que já estava dando. O Palhação olhava para elas com uma cara muito séria, os lábios comprimidos por pensamentos profundos, e de repente se voltava para o companheiro, abria seu sorriso de caricatura e sussurrava coisas que faziam o Nêgo Cromado mover a cabeça para cima e para baixo em concordância. No entanto, não davam sinais de que iam sair do meio da pista de dança para falar com as meninas ou fazer qualquer outra coisa. O Pedreiro dançava com uma garota de fora do bairro, talvez uma das amigas de colégio da Isabela. De repente a garota lhe disse alguma coisa no ouvido e saiu bruscamente, forçando o Pedreiro a se unir ao Nêgo Cromado e ao Palhação. Por algum tempo, Hermano tentou compreender por que eles estavam lá e ele ali, sentado na cadeira. Não compreendeu. Depois tentou decidir se estava satisfeito ou insatisfeito com o fato de estar sentado na cadeira, longe da pista de dança. Não conseguiu decidir. Talvez ele quisesse sair dali e se juntar aos outros.

Talvez ele *devesse* fazer isso, mesmo não querendo. Talvez ambas as coisas fossem falsas. Talvez devesse estar em casa. Talvez devesse voltar para casa agora mesmo, trocar a calça de brim por uma bermuda, prender o walkman na cintura e pôr os fones nos ouvidos e tirar a bicicleta da garagem e pedalar alucinadamente pela madrugada escutando Motörhead no volume máximo, até suas pernas amolecerem e as panturrilhas se contraírem em câimbras. Ao avaliar essa possibilidade, não tinha certeza se era o que realmente queria fazer ou se era somente o que achava que devia ser feito, ou ainda se era o que ele gostaria que os outros soubessem que ele tinha feito. Ou era o que ele gostaria, de alguma forma, de *ser visto* fazendo? Pensava que em algum ponto desses questionamentos, ou no próprio gesto de uma pedalada sem sentido pela madrugada, estava a pista definitiva para a sua identidade, a síntese entre quem ele era, quem imaginava ser e quem todos os outros enxergavam.

Na aura cenográfica da situação, entre aqueles atores inseguros representando seus papéis, havia um único elemento que se destacava por sua presença física. Sem o boné laranja, o Bonobo dançava juntinho com Ingrid. Seu pescoço estava em ângulo reto com o assoalho de parquê. A cabeça de cabelos raspados se mantinha ereta porém levemente inclinada para baixo, os olhos aparentemente fixos no cocoruto da Ingrid, que era uns bons vinte centímetros mais baixa. Conduzindo a dança, o corpo do Bonobo mal parecia se mover, enquanto os quadris da Ingrid se articulavam suavemente. Havia uma tensão latente no movimento giratório do conjunto, um jogo permanente de dominação, resistência e entrega. Era, em suma, uma dança de fato. Consciente ou não disso, o Bonobo sabia o que estava fazendo. Ele não costumava se interessar por meninas muito mais novas que ele. Ao dançar com a pequena Ingrid, era como se estivesse transmitindo a ela algum ensinamento.

Hermano olhou para trás. A mãe da Isabela o observava. A mulher abriu um sorriso carinhoso no instante do contato visual. Retribuiu um sorrisinho automático e ao se voltar novamente para a pista de dança encontrou os olhos intrigados de Naiara fixos nos seus. Foi perturbador, como se perceber de súbito no meio de uma linha de fogo. Desviou os olhos para o chão, onde não haveria risco de encontrar um terceiro olhar feminino. Mais um copo de guaraná pareceu ser um bom motivo para levantar e sair dali. Levantou, buscou um copo limpo e uma garrafa aberta de refrigerante em uma das mesas próximas e caminhou pesadamente em direção à porta de entrada do restaurante, a qual pretendia atravessar para respirar um pouco o ar chuvoso da rua e, quem sabe, se convencer de vez a desertar a atmosfera cada vez mais opressora da festa. No meio do caminho, foi detido pela visão de uma pequena perturbação na cena que estivera contemplando até havia poucos instantes. Isabela estava segurando um dos pulsos do Uruguaio, aparentemente tentando manter o braço dele afastado de alguma parte macia de seu corpo. O gesto não chamava muito a atenção, mas

era suficiente para sugerir uma situação de assédio e resistência. O outro braço do Uruguaio prendia as costas dela com força. O queixo dele estava encaixado no pescoço dela como uma tranca. Isabela estava falando. O Uruguaio permanecia de olhos fechados, seus lábios deformados pela emissão de algum ruído estranho porém inaudível em meio à música alta. Já não estavam girando, e sim fixos em suas posições como se algum movimento brusco de uma das partes estivesse sendo preparado. Isabela elevou o tom de voz e agora se podia distinguir o que ela estava dizendo. Pedia para ser largada, repetindo uma mesma frase seguidas vezes, com pausas idênticas entre uma e outra. Um por um, os ocupantes da pista de dança foram interrompendo suas danças lentas e conchavas para observar o que se passava. O Uruguaio não soltava Isabela, como se a insistência ainda pudesse, absurdamente, reverter a situação a seu favor. Ela tentava se livrar com movimentos cada vez mais enérgicos. Havia chegado o momento de agir e a consciência disso trouxe um tremor ao corpo de Hermano, pois por um instante pensou em intervir, separar os dois, imobilizar o Uruguaio de alguma forma, levá-lo para a rua, porém não fez nada, ficou plantado no mesmo lugar considerando todo o catálogo de maneiras possíveis de abordar o Uruguaio e se defender de uma provável reação violenta até que a Isabela se desvencilhou com um empurrão mas não conseguiu fazer com que o Uruguaio soltasse a mão dela e começou a gritar, e todo mundo menos Hermano decidiu intervir ao mesmo tempo, inclusive a mãe da Isabela, que foi socorrer a filha e teve os tímpanos submetidos ao que só podiam ser expressões de baixíssimo calão saindo da boca do Uruguaio. Àquela altura, Hermano já havia se convencido de que o melhor a fazer era permanecer onde estava bebendo seu copo de guaraná. E então o Bonobo entrou em cena. Já foi chegando com uma cabeçada demolidora bem nos dentes do Uruguaio, que tropeçou uns três passos para trás e deu impulso na parede para revidar o ataque, acertando uma pedalada bem no meio do peito do Bonobo, que ficou alguns segundos sem ar, à mercê de mais alguns golpes no rosto. Uma clareira se abriu no meio do salão do Recanto Espanhol. As gurias que não fugiram para a rua ficaram olhando a luta aos gritos. Alguns tentaram separar a briga mas acabaram levando alguma cotovelada de sobra. O Pedreiro chegou a erguer e arremessar uma cadeira (as cadeiras do Recanto Espanhol eram de madeira, grandes e pesadas, com quinás pontiagudas) em cima dos dois, mas não adiantou nada. O Uruguaio era mais pesado e mais forte que o Bonobo, mas o desfecho da briga era previsível. Os golpes recebidos apenas atizaram a fúria do Bonobo, que partiu para cima do Uruguaio alternando os braços numa sequência brutal de socos, inclinado para a frente, como se estivesse avançando contra uma revoada furiosa de morcegos. Um soco bem colocado na mandíbula deixou o Uruguaio grogue, permitindo que fosse dominado por uma gravata e arrastado de forma nada cavalheira até a rua, onde o Bonobo fez questão de deixar bem claro que não se deve agir de modo

inconveniente numa festa de aniversário. Somente então alguns parentes adultos surgiram de seus recantos secretos para dominar aos poucos a situação. A música foi interrompida, as luzes foram acesas, as gurias foram consolar Isabela.

Hermano observou os convidados, inclusive seus próprios amigos, irem embora aos poucos, em pequenos grupos a pé ou em carros dirigidos pelos mais velhos. Um táxi foi chamado para que o Uruguaio, na companhia do Nêgo Cromado, fosse levado ao pronto-socorro (houve um pequeno debate para decidir se o melhor era ir primeiro a um hospital ou a uma urgência odontológica, sem que se chegasse a um consenso). Antes de partir, Hermano precisava escoar o excesso de guaraná no banheiro. Quando abriu a porta do sanitário masculino, deu de cara com a bunda da mãe da Isabela, que estava parcialmente curvada na direção da privada. No mesmo instante, a mulher se virou para Hermano.

“Gelo, querido. Tu pode buscar um pouco de gelo na cozinha?”

Somente então Hermano notou a presença do Bonobo sentado na privada. O rápido contato visual entre os dois foi vazio, nenhuma mensagem foi trocada. O Bonobo segurava um pano branco contra a boca, mas o retirava de vez em quando para chamar a mãe da Isabela de “tia” e dizer coisas como “Bah, tia, que sacanagem, a Isabela é uma guria tão legal, fico indignado com um troço desses”, enquanto a “tia” retrucava monossilabos nervosos e embestia chumaços de algodão em água oxigenada.

Hermano foi à cozinha, encontrou o freezer e retirou dele uma forma de gelo. A missão era quase insignificante, mas ainda assim o incluía nos acontecimentos e isso era bom. Era como ter acesso ao camarim depois de uma peça de teatro. Ali estava a estrela, sentada na privada, uma figura exausta e intimidante, cercada de atenção. A mãe da Isabela pegou os cubos de gelo desenformados oferecidos pelas mãos de Hermano, os enrolou no pano e pressionou contra os beiços do Bonobo, que já tinham inchado.

“Valeu”, disse o Bonobo, olhando por cima do ombro da mãe da Isabela.

Aquele agradecimento ligeiro e quase impessoal motivou um enorme sentimento de satisfação. Hermano mal podia acreditar que até poucas horas antes estava com medo de levar uma surra do Bonobo e envergonhado desse medo. Minutos depois, os dois partiram a pé do Recanto Espanhol rumo à Esplanada, separados por duas dezenas de metros, mas o caminho que seguiam era o mesmo, e agora estão caminhando lado a lado, escutando a companhia um do outro.

Após poucas quadras pelo acostamento da Serraria, entram à direita na rua do Canteiro. Há carros estacionados aqui e ali e, debaixo deles, gatos e cachorros refugiados da chuva, dormindo ou vigiando a noite com os pontos luminosos de seus olhos. A rua seguia a crista do morro e a partir de sua calçada direita se estendia um longo declive tomado pelos telhados de amianto cinza das

residências. Vão subindo a rua até chegarem no alto da escadaria onde se davam as competições de downhill. O Bonobo para e senta sobre o primeiro degrau. Hermano prossegue dando um passo de cada vez, quase parando, com a cabeça virada para trás, uma palavra de despedida presa na língua. Mas é o Bonobo quem fala.

“Senta aí. Ou tu já vai pra casa?”

Hermano retorna e senta.

“Vou tentar matar essa garrafa até o dia nascer”, diz o Bonobo, analisando diante do rosto a garrafa de Sete Campos ainda cheia.

“Não é muito?”

“É. Mas o cara tem que tentar, né?”

“Que merda essa coisa do Uruguai.”

“Ele pediu. Baita otário, ficar forçando a barra com mulher, ainda mais a aniversariante. Tu não tá bebendo mesmo?”

“Nunca bebo álcool. Eu vi quando ele começou a agarrar ela à força. Tava quase indo me intrometer, também.”

“Nunca gostei desse uruguai, apesar de que a maioria dos uruguaios são gente fina. Mas por que tu não bebe, não pode?”

“Poder eu posso. Desculpa aquela vez no campinho, foi sem querer.”

O Bonobo não responde, apenas vira a cabeça e encara Hermano por um segundo. O silêncio que se segue é duradouro e Hermano julga ter cometido um grave erro ao mencionar o episódio antigo, embora a menção tenha saído de sua boca automaticamente, quase sem pensar.

“Tá vendo aquele terreno lá embaixo?”, o Bonobo aponta com a garrafa.

“Qual?”

“Aquele. Perto dos eucaliptos, no fim do loteamento. Quase chegando no Morro da Polícia. É pequenininho, tem aquela caixa-d’água do lado e um poste de luz.”

“Tô vendo.”

“Aquele terreno é da minha mãe. Ela disse que se eu juntar grana pra fazer uma casinha ela me dá o terreno.”

“E tu vai conseguir?”

“Dá pra conseguir. Eu tou fazendo vistorias pra uma empresa de seguros de carro. Quem sabe daqui a um ano, ou dois. Se eu me puxar rola uma promoção.”

Um ruído contínuo de pedra sendo moída vai aumentando de intensidade, até que um fecho de luz amarela ilumina suas costas e um automóvel passa em velocidade subindo a rua, invadindo o silêncio e depois o desocupando gradualmente. Hermano estende a mão, o Bonobo interpreta seu gesto e, sem perguntas, oferece a garrafa de cachaça. O gole é pequeno e deixa uma sensação de queimação nos lábios. Era o primeiro gole de bebida alcoólica que tomava e seria o último, estava convicto. Apenas sentiu uma vontade inadiável de

introduzir um fato novo em sua vida. Agora ele já não era alguém que nunca bebeu, e portanto era uma pessoa diferente. Mudar de personalidade, dar alguma guinada brusca na trajetória da vida parecia sempre ser um objetivo impraticável, nada mais que combustível para a ansiedade e a frustração, mas em gestos instantâneos como aquele um mundo inteiro de possibilidades se desenhava. Intervir no destino, de repente, parecia simples. Aos poucos, através de pequenos gestos desse tipo, quem sabe não conseguisse se transformar paulatinamente em outra pessoa, alguém menos calado, que conseguisse incorporar na trama da própria vida a belíssima violência das graphic novels coloridas, a virilidade e o magnetismo dos heróis de seus filmes favoritos, a fluidez selvagem das ações e palavras de alguém como... era preciso confessar agora, não apenas para si mesmo mas para todo mundo — alguém como o Bonobo, essa figura quase caricata em sua feiura, cujo maior talento era agredir os outros, mas que encarnava como ninguém algum tipo de ideal obscuro a que Hermano desejava ter acesso. Aquele gole de cachaça talvez pudesse ser o primeiro indício de um laço permanente, uma primeira troca dentre tantas que viriam a formar uma amizade significativa. Dali a poucos anos, talvez fossem grandes amigos. Se unissem forças, quem sabe conseguissem acumular recursos para a construção de uma casa no terreno que a mãe do Bonobo lhe havia reservado. Restavam a Hermano dois anos de colégio pela frente, ele poderia conciliar os estudos com algum tipo de trabalho nesse período ou, por que não, simplesmente largar o colégio, abrir uma oficina de bicicletas, qualquer coisa. Ele e o Bonobo morariam juntos, teriam em casa a presença quase permanente de suas respectivas namoradas, receberiam a turma da Esplanada em eventuais festas e reuniões para assistir aos jogos do Grêmio. Ou não, talvez a ideia da casa não fosse tão viável, apenas o delírio de um entusiasmo momentâneo, mas cenas variadas de possibilidades futuras atravessavam o pensamento de Hermano como o trailer de um longa-metragem de ação, um road-movie, ele e o Bonobo descendo o continente de carro pelas estradas argentinas, percorrendo planícies pardas da Patagônia com cadeias de montanhas nevadas no horizonte, deixando marcas nos povoados e lembranças nas pessoas que encontrassem pelo caminho, rumo ao extremo sul, a algo imenso e inominável, o clima de uma jornada. Era a visão de uma vida extrapolando a introspecção dos exercícios solitários, uma aventura para a qual vinha se preparando havia tantos anos, enfim uma direção concreta para toda aquela expectativa sem objetivo que o acompanhava desde um ponto indefinido da infância, um desdobramento para o desejo de agredir e ser agredido pelo mundo. Hermano estava exultante. Ao seu lado, o Bonobo parecia isolado em seus próprios voos de pensamento, e só o diabo poderia dizer o que sobrevoavam. Ainda permaneceram ali sem conversar por um tempo enorme, mas não havia problema nisso, pois para passar o tempo não pareceu necessário nada além de suas presenças mudas, uma tensão telepática entre dois

monólogos interiores.

Na sua infância, os bairros atravessados pela estrada da Serraria eram uma paisagem semirrural que vinha sendo progressivamente habitada por famílias de classe média-baixa. Tinha acompanhado a crescente ocupação daquele sul da zona sul desde seu nascimento até a vida universitária, presenciando a transformação gradual da paisagem à sua volta. Lembrava bem da época em que aquele terreno era um loteamento quase virgem, cada terreno baldio guardando algum segredo — um animal vivo ou morto, vestígios de um misterioso acampamento, uma trilha que parecia conduzir a um local nunca visto mas que se desfazia sem sentido algum em meio ao capim. Ao retornar agora, anos depois de ter se mudado pro apartamento da mãe da Adri em Petrópolis e, recentemente, pra casa de três quartos na Bela Vista, a vocação residencial da Esplanada lhe salta aos olhos com uma profusão de loteamentos fechados, condomínios horizontais e um novo supermercado. Ruas de pedra e terra batida estão asfaltadas. A arquitetura predominante nas centenas de residências erguidas nos últimos anos lembra um grande subúrbio de moradias padronizadas, com casas de dois ou três andares espremidas em terrenos estreitos, se esticando umas por cima das outras em busca de uma visão do Guaíba. A maioria dessas novas casas lembra uma pilha de caixotes com ligeiras variações de tamanho e disposição e conta com jardim frontal minúsculo ou inexistente, grades altas com lanças e em muitos casos cercas elétricas, garagens duplas, telhas de cerâmica coloniais ou francesas na cor natural, paredes rebocadas com pintura branca ou tenebrosos tons pastéis. Uma gigantesca amostra de materiais de construção baratos projetada por uma seita maligna de engenheiros civis e arquitetos lobotomizados. Percorre algumas centenas de metros pela estrada da Serraria e entra na rua do Canteiro. Ali, onde a maioria dos terrenos está ocupada há anos por casas mais antigas, o tempo parece ter provocado menos modificações. A rua está asfaltada, mas permanecem as calçadas de granito cobertas de limo, as pequenas casas de um andar com jardins harmonizados pela ação dos anos e

murinhos de cimento com pouco mais de um metro de altura, as lixeiras de aço enferrujadas, os cachorros da rua roçando focinho com os cachorros presos em casa por grades ou coleiras. São elementos banais, mas familiares, assim como o canto repetitivo dos passarinhos, que soa como um refrão de bossa nova. Após quatro quarteirões e duas conversões, se depara com a casa onde viveu junto dos pais até os vinte e cinco anos, hoje vendida a um jovem casal de veterinários que possui três huskies siberianos, inúmeros gatos e uma lagosta de água doce. Os cachorros estão confinados em um canil delimitado por uma grade quadriculada de metal no canto do gramado lateral da casa, agora incrementado com um jardim repleto de plantas decorativas e protegido por barras de aço pintadas de verde. Pra seu horror, vê que a modesta e aconchegante casa teve suas paredes de tijolo à vista cobertas de reboco e pintadas com uma pavorosa cor salmão. As antigas janelas de guilhotina com caixilhos de madeira envernizada foram substituídas por janelas deslizantes com caixilharia de alumínio. Mas nada disso se compara ao andar superior, que sem dúvida foi construído recentemente, coberto de novas telhas imaculadas. Aparenta ser uma suíte com sacada que foi simplesmente encaixada em cima do antigo telhado, sem preocupação com a harmonia do conjunto. Seus pais, que hoje moram em um apartamento na Auxiliadora comprado com o dinheiro da venda da casa, certamente não sabiam daquilo. Ficariam arrasados quando soubessem. O pai nem tanto, pois até que tinha se acostumado bem ao novo bairro e aos cinquenta e nove anos continuava a jogar seu tênis duas ou três vezes por semana no União e a espiar de óculos e com a cara colada no monitor as manchetes de variados jornais diários na internet, não obstante a degeneração macular que vinha lhe prejudicando progressivamente a visão central e a capacidade de leitura. A mãe ainda permanecia mais apegada ao antigo bairro. Tinha deixado pra trás suas amigas e um microuniverso provinciano dentro do qual atravessava os dias com desenvoltura e conforto, enquanto a densidade urbana dos bairros mais centrais a enervava. Tinha insistido com seus pais, cerca de dois anos atrás, pra que levassem a cabo a venda da casa e a mudança pro centro, pensando num futuro não muito distante em que a proximidade do filho, do comércio e das clínicas médicas seria mais importante pra eles do que o bucolismo decadente da zona sul. Hoje já não tinha certeza de que havia sido uma boa ideia. A mudança era apenas mais um exemplo de seu modo obstinado de planejar tudo com grande antecedência, organizar hoje a vida a seu redor pra que tudo ocorresse como o previsto dali a cinco, dez, vinte anos. Somente agora vê isso com clareza, seu incentivo à venda da casa da Esplanada teve muito mais a ver com a antecipação de seu próprio futuro do que com o interesse de seus pais. Ao se dar conta disso e ver o que os veterinários fizeram com a casa, se sente um lixo. Não tem mais certeza se tudo aquilo era necessário. Não apenas a venda da casa e a mudança dos pais, mas tudo. Tudo que fez desde aquele domingo em 1991. A porta de

entrada da velha residência da família, uma peça maciça de madeira de lei escurecida com cera de carnaúba, era o único componente que parecia preservado, e agora, olhando pra porta, vê a si mesmo como um adolescente de quinze anos girando a maçaneta oval e escutando o rangido da mola, digerindo a experiência de sua primeira visita a um cemitério, o primeiro enterro, construindo um abrigo em meio a uma tempestade mental, planejando como seria sua vida dali pra frente como se planejasse sua transformação lenta e obstinada em um super-herói que ressurgiria quinze anos depois pra ser admirado por seu autocontrole e inteligência, por seu estoicismo e vigor físico, como a porta pesada que resiste alheia aos caprichos de um cenário em constante transformação. Quinze anos atrás, decidiu que permaneceria trancado em casa lendo e estudando até esgotar a capacidade de concentração, saindo apenas pra esgotar o corpo em pedaladas de sessenta quilômetros até o Lami ou corridas de uma hora de duração pelo calçadão de Ipanema, numa rotina tão solitária quanto possível, absolutamente focada na superação de seus próprios limites e na manutenção de um nível de exigência pessoal absurdo, do tipo que poucos seres humanos teriam capacidade de cumprir. Foi pesquisar qual era o curso superior mais difícil da universidade mais exigente do estado e a trilha o conduziu ao ofício que lhe parecia claramente destinado, a profissão que justificaria uma entrega completa à disciplina e ao mesmo tempo absorveria seu fascínio pelo sangue, pela mutilação, um sentimento ambíguo que combinava a atração estética pela violência a um medo francamente covarde da violência de fato. Aprenderia a domar seu impulso, a domesticar o sangue, a aplicar a violência de forma científica com a nobre finalidade de curar outros seres humanos. Decidiu como seria o resto de sua vida inteira na semana que se seguiu ao funeral. Se tornaria um médico. O melhor médico. No segundo semestre daquele ano, completou a segunda série do segundo grau com notas acima de 9,2, e durante todo o ano seguinte não teve nenhuma nota abaixo de nove. Quatro meses antes de se formar na escola, começou a frequentar um cursinho pré-vestibular à tarde e passou a virar as madrugadas lendo jornais e clássicos da literatura nacional e relendo atentamente volumes didáticos de biologia, química, matemática, história, literatura, física e inglês, resolvendo exercícios ou transcrevendo à mão longos trechos até que a fricção do lápis fizesse com que um calo amarelo e dolorido se formasse na lateral do dedo médio da mão direita. Deixou de assistir a filmes, ler quadrinhos e sair pra rua. Se afastou quase completamente dos amigos da Esplanada, que por um tempo ainda vieram à sua procura com acusações de “sumido”, “azeite” e “escamoteado”, mas depois de algumas semanas o largaram de mão. Resistiu às tentativas dos pais de marcar hora em um psicólogo. Não estava traumatizado. Não estava tentando superar uma experiência difícil. Não estava se sentindo deslocado. Estava somente buscando um objetivo. E assim passou em primeiro lugar no vestibular de Medicina da

Federal do Rio Grande do Sul. Se recusou a tirar uma foto pra campanha publicitária do cursinho pré-vestibular. Recebeu com humildade os parabéns dos amigos e parentes e não deu bola à pequena fama que se espalhou pela vizinhança. Estava apenas começando. Mergulhou com o mesmo fôlego nos seis anos da graduação, dois anos de residência médica em cirurgia geral, mais dois em plástica no Hospital Ernesto Dornelles, até abrir seu próprio consultório aos vinte e oito anos. Com sua idade, sua habilidade e sua aparência, em pouco tempo se transformou em um segredo bem guardado de um pequeno mas devoto grupo de clientes que o procuravam pra corrigir defeitos físicos ou, na maioria dos casos, consertar corpos que só precisavam de conserto se opostos a padrões de beleza tão fictícios quanto onipresentes. Quanto mais tentava argumentar que determinado implante ou tratamento era desnecessário pra uma cliente, maior se tornava a convicção dela, e nos casos mais extremos não havia saída senão recusar o atendimento. Homens eram mais facilmente convencidos a buscar regimes, exercícios ou simplesmente um ajuste de autoestima. De qualquer modo, há cerca de um ano era considerado um jovem prodígio que tinha tendência a confrontar os desejos de seus pacientes, mas que na mesa de cirurgia era um escultor incomparável. Suas mãos eram grandes e firmes. Nelas, um bisturi se transformava em um instrumento diminuto e delicado. Expunha com enorme paciência e nível de detalhe os riscos de cada operação. Nenhuma de suas aspirantes a uma prótese mamária ia pra mesa de cirurgia sem antes compreender o que era uma retração capsular e qual a probabilidade do problema acontecer e exigir correção cirúrgica ou até mesmo remoção do implante, tampouco sem assimilar a ideia de que uma prótese não é eterna e fatalmente precisará ser trocada devido à vida útil do implante de silicone em gel ou à correção normal da flacidez da pele e consequente queda dos seios, o que virá a exigir outras cirurgias no futuro etc. etc. Pra grande maioria das pacientes, contudo, a violência de uma intervenção cirúrgica e o padecimento do pós-operatório eram aspectos quase insignificantes de um procedimento abençoado que solucionava de uma só vez um vasto gradiente de anseios e problemas. As revistas de beleza davam a entender que uma mamoplastia, um peeling químico ou uma lipoesculptura eram opções tão imediatas e inofensivas pra tratar da imagem quanto um corte de cabelo. Nunca saiu de sua memória a imagem da crise de choro emocionado que acometeu a mãe de uma de suas primeiras jovens pacientes quando recebeu a notícia de que seria possível realizar na filha a cirurgia de implante de silicone pra qual havia economizado durante quase dois anos uma fatia generosa de seu mirrado salário de vendedora de uma loja popular de departamentos. Era como se houvessem encontrado um doador de rim após anos de angustiada espera. Os pulmões da filha, que tinha dezoito anos, inflaram de emoção, empinando os peitinhos pequenos mas bem formados que logo seriam aumentados por próteses introduzidas abaixo do músculo peitoral por

via transaxilar, e seus olhos cintilaram e se fixaram nervosamente em diversos pontos aleatórios do consultório, provavelmente vislumbrando cenas de um futuro próximo marcado por olhares masculinos predadores, inveja das amigas, autoconfiança nas festas e exibicionismo na areia da praia. Desde então, compreendeu de que forma seus e suas pacientes precisavam daquilo que ele podia oferecer com uma intensidade que obscurecia qualquer risco e justificava qualquer custo, incômodo ou sangramento. Fazia a sua parte: expunha os prós, os contras e as consequências de forma sincera e completa. E depois realizava o seu trabalho com tremenda perícia. E seu maior segredo era que, no íntimo, não acreditava na eficácia estética de boa parte dos procedimentos que realizava. Rinoplastias e otoplastias que visavam corrigir deformidades ou formas distantes demais do padrão anatômico eram uma coisa, porém desaprovava a artificialidade de um seio suplantado por uma prótese e sabia que lipoaspirar uma barriguinha era, na maioria dos casos, tapar o sol com uma peneira. Julgava excessivas as intervenções que homens e mulheres faziam e refaziam buscando a aproximação de modelos de beleza cujo valor lhe parecia duvidoso. Mas era o seu trabalho. Metade de sua vida tinha sido investida na obtenção do conhecimento e da experiência necessários pra ser o que era, um cirurgião plástico com especialização em estética. Uma trajetória da qual se orgulhava, que tinha exigido quantidades enormes de renúncias e empenho, e cuja única perturbação inesperada foi a Adri, a mocinha de cabelos ondulados quase até a cintura, dentes e olhos faiscantes e gestos ornamentados como os de uma dançarina oriental, dona de uma pele cerosa que tinha cheiro de pedra quente e que deixava na boca, depois de horas contínuas de sexo, um gosto único e indescritível, que grudava na língua como a gordura de certas carnes. A mocinha que o fez rever a convicção de que inclusive a companhia de uma mulher seria um empecilho em sua busca heroica. O que teria sido dele se de fato tivesse permanecido completamente solitário nesses últimos quinze anos? Acometido de um leve sentimento de culpa, se pergunta se não vinha exigindo demais da esposa nos últimos anos, como se ela precisasse provar a cada dia que merecia seu papel dentro da vida pré-planejada do marido, do homem que certa vez tinha lhe dito que faria de tudo pra preservar ao máximo a felicidade dela. Decidido a sufocar esse impulso autocrítico, liga o motor do carro e começa a passear em primeira marcha pelas ruas da Esplanada, onde a vida humana começa a dar sinais na forma de um porteiro uniformizado subindo uma ladeira na marcha mais leve de sua bicicleta ou de uma mulher em fuseau de ginástica balançando as ancas e os braços em uma caminhada matinal pela calçada. Imagina se a Adri teria levantado da cama cedo, logo após sua partida. Provavelmente sim, pois provavelmente não estava dormindo quando ele saiu. Pega o celular que está jogado no assento do passageiro e o liga. Há uma mensagem de voz. Aperta os botões e escuta a gravação da companhia telefônica, esperando ouvir a Adri logo

em seguida, mas a voz que escuta é do Renan. “E aí velho, seis e quarenta, tu não é de te atrasar. Deu pra trás? Ra rá. Não tocou o despertador? Se tu pegar essa mensagem me dá um toque, porque tô só te esperando aqui. Olha que o Bonete vai fugir. Beijão na alma aê, falou.” “Beijão na fissura anal do cu da tua mãe”, resmungua, enquanto digita o número de casa no celular. No terceiro toque, a Adri atende. “Adri?” “É tu? Onde tu tá?” “Tá acordada?” “O Renan ligou pra cá perguntando onde tu anda, eu disse que tu tinha saído há mais de meia hora.” “Se ele ligar de novo, diz que eu fui pra Bolívia sozinho.” “Onde tu tá? Tá tudo bem?” “Posso te contar um segredo?” “Hein?” “Querias te contar uma coisa que nunca te contei.” “Tá tudo bem contigo? O Renan...” “Sabias que tu foi a primeira mulher com quem eu trepei?” “Mas que porra é essa?” “Tô falando sério. Tu foi a primeira.” “Tu tinha vinte e três quando eu te conheci, nem vem...” “Vinte e quatro. Enfim, queria te contar isso.” “Por que isso, agora? Onde tu tá?” “Tchau. Quando a Nara acordar, diz pra ela que eu liguei pra dizer que amo muito ela.” “Onde é que tu tá? Fiquei assustada agora. Tu tá indo pro Renan?” “Não.” “Ai meu Deus.” “Fica tranquila. Tchau.” “Perai.” “Tchau.” Desliga, bota o aparelho em modo silencioso e joga de volta no assento do passageiro. O visor se ilumina, indicando o recebimento de uma chamada, mas ignora. Está passando ao lado da velha praça da Esplanada. Continua tudo ali, o campinho de futebol, o “camarote” onde as gurias ficavam sentadas vendo o jogo dos guris, o gira-gira, o trepa-trepa e outros brinquedos do parquinho, só que tudo isso, além de corroído, descolorido ou desgastado pelos anos, agora lhe parece uma maquete 1:20 da praça reproduzida em sua memória. É como se os objetos e lugares perdessem tamanho com o passar do tempo, assim como os anos se encurtam. Chega ao próximo cruzamento e fica indeciso sobre a direção a tomar. Na verdade, não faz a mínima ideia de por que foi parar ali. Sabe apenas que não vai voltar agora pra casa, muito menos ir buscar Renan, muito menos ir até a Bolívia ou sequer sair da cidade de carro sozinho, muito menos voltar ao trabalho na clínica segunda que vem. O visor do celular continua piscando. Faz uma espécie de sorteio mental e decide virar à esquerda, pra contornar a praça pelo lado de trás, onde antigamente havia um pequeno bosque que hoje parece reduzido a uma dúzia de árvores e uma pequena área adjacente coberta de folhas afiadas de capim-gordura que cobrem a superfície com uma cabeleira verde-clara de franjas violeta. “A quadra perdida”, pensa, com o verso da canção do Elomar replicando infinitamente na cabeça, embora o rádio já esteja reproduzindo a terceira faixa do CD. O carro desliza a menos de dez quilômetros por hora, o motor quase apagando. À direita, o sol matinal incide nos postes de luz e projeta sombras que atravessam a rua em diagonal. Tem a estranha ideia de que os postes estão marcando a posição de túmulos regularmente espaçados na calçada, como se fossem as lápides excêntricas do cemitério de uma civilização desconhecida. Ruídos de passos e algum grito ou gemido chamam sua atenção e

o fazem olhar de novo à esquerda. Na área mais plana da praça, um garoto de seus quinze ou dezesseis anos corre a toda velocidade. Atrás dele logo surgem outros oito ou dez. Para o carro e acompanha pelas janelas a trajetória do fugitivo e dos perseguidores através da praça. Não deve haver polícia naquele bairro, sobretudo naquele horário. O garoto que está fugindo corre a toda velocidade, salta sobre um obstáculo e some momentaneamente atrás de árvores, ressurgindo logo depois, cada vez mais distante. Será alcançado, fatalmente, e vai apanhar até desmaiar. É assim mesmo. O que pode fazer? O grupo atravessa um cruzamento e some por trás da esquina. É hora de seguir em frente, mas dali pra onde? Talvez um passeio até o Lami. Passar o domingo lá, tomar uma cerveja, ver o que mudou, dizem que a água está limpa mesmo. Depois decidir o que vai ser de sua vida. Engata a primeira, avança quinze metros e freia novamente. Puxa o freio de mão. Sabe o que precisa fazer. Pula pro banco traseiro, que foi rebaixado pra se tornar uma extensão do bagageiro, solta algumas presilhas e correias da mochila grande e pega o piolet novinho em folha, comprado especialmente pra expedição. Usado pra escalar no gelo, o instrumento tem o formato de uma pequena picareta e é incrivelmente leve pro seu tamanho. Agarra a haste de cerca de meio metro de comprimento e fixa brevemente o olhar na lâmina penetrante de aço inoxidável, que lembra o bico de uma garça. Retorna pro banco do motorista, solta o freio de mão, engata a ré e pisa fundo.

Hermano empurrou a bicicleta pela passarela de cimento que cruzava o gramado do jardim, bateu na porta da casa do Bonobo e, sentado em cima do quadro da bicicleta enquanto aguardava a porta ser atendida, apreciou pela quinquagésima vez a capa do disco de vinil *Houses of the holy*, do Led Zeppelin, procurando encontrar alguma nova interpretação ou enxergar um detalhe despercebido na montagem fotográfica de crianças nuas escalando uma enorme formação rochosa na Irlanda.

Naiara atendeu a porta, sorriu, disse um oi para Hermano e continuou misturando vigorosamente com uma colherinha de sobremesa a mistura pegajosa de Leite Moça e Nescau dentro de uma xícara de vidro temperado.

Hermano quis saber se o Bonobo estava.

Naiara respondeu que não.

Hermano perguntou se ela sabia quando o irmão voltava.

Naiara respondeu que não, mas disse que se o objetivo da visita era somente deixar o disco para o Bonobo, ela podia receber o disco e entregar para ele mais tarde.

Hermano não queria apenas emprestar o disco da banda pela qual ele e o Bonobo, numa das primeiras conversas que tiveram após a madrugada do retorno da festa da Isabela, descobriram dividir o mesmo entusiasmo, mas esperava sobretudo ter uma nova oportunidade de passar algum tempo com o novo amigo, de modo que o empréstimo do disco era no fundo um pretexto, e por isso preferiu deixar o recado de que retornaria mais tarde.

Naiara, em vez de se despedir e fechar a porta, quase se engasgou tentando engolir às pressas uma colherada de leite condensado com pó achocolatado e pareceu lembrar de repente que, na verdade, o irmão tinha avisado que voltaria antes do almoço, ou seja, não haveria de demorar mais de dez ou quinze minutos, sem dúvida nenhuma, de modo que Hermano podia entrar e esperar.

Pela notável ausência de qualquer tipo de odor culinário, ruído doméstico ou

flagrante visual de movimentação no interior da residência, Hermano deduziu que não havia almoço nenhum sendo preparado e que Naiara, vestindo uma calça de abrigo folgada com remendos ovais de couro nos joelhos e um tomara que caia vermelho que os peitinhos pequenos não pareciam ainda capazes de sustentar por muito tempo, estava sozinha em casa, enganando a fome com colheradas de um grude hipercalórico improvisado.

Naiara abriu mais a porta para Hermano entrar e perguntou se ele queria comer ou beber alguma coisa.

Hermano não queria.

O piso e os móveis da sala de estar eram feitos de madeira de ipê, cuja tonalidade marrom-escura com estrias carameladas dava a todo o recinto um aspecto rústico que tinha algo de trevas, de cavernoso. Havia um cheiro predominante de madeira e argila, tapetes de sisal e diversos bordados figurativos de lâ enquadros e pendurados nas paredes de tijolo claro. Mesmo em um dia quente e com a maioria das janelas abertas, o interior da casa era uma penumbra fria.

Naiara disse para Hermano sentar no sofá, mas ele sentou na poltrona e quem acabou optando pelo sofá foi ela.

Hermano se curvou, agarrou a ponta do pé e começou a alongar a panturrilha.

Naiara quis saber que disco era aquele.

Hermano descreveu sucintamente o álbum do Led Zeppelin e os motivos pelos quais o apreciava.

Naiara largou a xícara no assento, levantou do sofá e se posicionou ao lado da poltrona, de modo a conseguir analisar por cima do ombro de Hermano a capa do disco que ele segurava sobre o colo.

Hermano contou sobre as especulações de que as crianças peladas escalando a montanha de pedra na capa eram na verdade os filhos do Robert Plant.

Naiara sentou no braço de madeira da poltrona, apoiou a mão no encosto e aproximou o rosto da capa do disco, desse modo aproximando seu corpo inteiro do corpo de Hermano.

Hermano inspirou o hálito leitoso e achocolatado de Naiara que era soprado em intervalos regulares bem na sua orelha, sentiu um dos peitinhos dela encostado no seu ombro e pensou em uma almofadinha macia recheada de Danette, sua sobremesa favorita.

Naiara encostou a bochecha no rosto de Hermano.

Hermano largou o disco no chão.

Naiara começou a fazer suaves movimentos para cima e para baixo com a bochecha contra o rosto de Hermano.

Hermano permaneceu rígido, sentado com as costas retas, e olhou para

Naiara pelo canto dos olhos, mantendo o rosto imóvel como se fosse apenas o suporte viril contra o qual uma menina frágil e suplicante pudesse se esfregar.

Naiara continuou fazendo suaves movimentos para cima e para baixo com a bochecha contra o rosto de Hermano.

Aos poucos, a atitude impassível de Hermano foi ruindo sob a ação crescente de tremores nas mãos e nas pernas, e ele foi cedendo, perdendo mais e mais o controle da situação, até não haver saída senão girar um pouco a cabeça e permitir que seus lábios e os de Naiara entrassem em contato e colassem em um beijo indeciso que ele fez de tudo para não transparecer ser o primeiro de sua vida.

Naiara sussurrou na orelha de Hermano a proposta de irem para o quarto dela.

Tudo no quarto que podia ser vermelho era vermelho. Fronhas vermelhas, cobertor vermelho, cortinas cor de vinho. A parede atrás da cama era pintada de vermelho escuro. Em um dos cantos, sobre um baú, havia um cemitério de bonecas abandonadas, desde bebês em tamanho real até voluptuosas mulherzinhas em miniatura. Algumas delas, desprovidas de seus trajes, exibiam deformações toscas e exageradas da anatomia humana em curvas e detalhes de plástico rosado e tinham o rosto toscamente maquiado com batom vermelho ou outro tipo de tinta e produto de beleza. No teto, constelações de adesivos luminosos que à luz do dia eram manchas verdes opacas. Uma desordem de peças de roupa e animais de pelúcia se distribuía pela cama, nas prateleiras e nos vãos do armário. Calcinhas, blusinhas, sandálias, ursos, texugos, golfinhos. Sobre uma pequena penteadeira de superfície de vidro (moldura do espelho e pernas de metal vermelhas), uma flora espinhenta de grampos, prendedores de cabelo, frascos de perfume, vidros de esmalte, escovas, pentes, lápis, um tubo de spray.

“Não acredito que tu tá aqui comigo”, disse Naiara.

Hermano sentou na cama e passou os dedos pela cintura dela, acariciou a barriga magra e macia, uma superfície plana com um umbigo raso que mais parecia uma cicatriz. Segurou o quadril dela entre as mãos. O pequeno quadril era uma peça óssea à qual se conectavam outras peças articuladas. Estranhamente, não conseguia tirar da cabeça a estrutura interna que formava aquele corpo, suas partes e encaixes se movendo irrigadas por fluidos lubrificantes, o calor e sedosidade de seu revestimento. Uma metade de seu cérebro reunia esses dados e respondia “máquina”, respondia “boneca”, respondia “criança”. A outra metade insistia com “mulher”, e Hermano sentia que da insistência dessa segunda metade dependia sua excitação.

Naiara enfiou os dedos nos cabelos castanho-claros e engordurados de Hermano e subiu por cima dele na cama, ficando os joelhos no colchão como os estabilizadores de uma retroescavadeira. Hermano, embaixo dela, estava meio deitado e meio sentado, apoiado nos braços esticados para trás.

“Mulher”, Hermano repetia mentalmente para si mesmo. No segundo, no terceiro, em cada beijo consecutivo ele se sentia um pouco mais seguro, em cada um deles uma pequena lição era aprendida. Não sabia muito bem onde encostar, mas aos poucos percebeu que podia encostar em tudo. Ela deixava. Queria puxar para baixo o tomara que caia, mas isso não, isso ele não ousaria.

Naiara tirou a camisa de Hermano e perguntou se ele sabia que era comido com os olhos, que o corpo dele era o assunto dominante nas conversas de todas as gurias e que era o sonho de cada uma delas levar aquele corpo para uma cama antes das outras, pois nenhuma entre elas tinha alguma vez trepado com ou sequer beijado Hermano, e era uma falta grave de senso comunitário dividir tudo aquilo apenas com meninas do colégio dele ou seja lá de onde fossem as gurias que ele pegava, deixando de contemplar as admiradoras da vizinhança. Que enobismo, que crueldade.

Hermano baixou o tomara que caia com as duas mãos, bruscamente. Aqueles dois peitinhos eram capazes de desencadear a ação-reação desejada, faziam ele parar de pensar, de enxergar por dentro e através do corpo daquela criaturinha (“mulher”), daquela menina (“mulher”, “mulher”...), portanto concentrou neles toda sua atenção. Mesmo assim, um temor preocupante foi se apoderando dele, um receio de ir adiante. Será que não podiam parar por ali? Não podia ser só *aquilo*?

Mas Naiara queria ir adiante, e rápido. Em pouco tempo, pela ação de suas mãos, os dois estavam sem roupa. Ela farejou o peito dele como uma cadela obcecada por um odor qualquer em meio à grama, apertando os músculos de seus braços.

E então, de repente, tudo estava perdido para Hermano. Sua autoconsciência venceu. Havia algo de ridículo naquela menina magrinha se esfregando em seu corpo com olhos dementes. Era uma criança agindo como mulher. Era Naiara, *a irmã menor do Bonobo*. Ele começou a ver tudo de fora, como uma câmera instalada no teto do quarto. A maldita câmera que era sua única amante. Como uma esposa traída que, movida por um insight feminino, telefona para o trabalho do seu homem no exato momento em que ele está metendo por trás na secretária sobre a mesa do escritório, a câmera imaginária que era a companheira de Hermano também tinha um sexto sentido infalível e detestava ser substituída. Às vezes a câmera surgia nos instantes cruciais de sua existência, às vezes captava a realidade de momentos banais e solitários, quando estava correndo em Ipanema e começava a chover, quando descia do ônibus e entrava pelo portão da frente do colégio, quando andava de bicicleta em alta velocidade, por horas a fio, atravessando diversos bairros da cidade, ou quando subia o Morro da Polícia como se estivesse sozinho, praticamente ignorando a companhia dos amigos, pois havia apenas ele, o morro e a *câmera*. Não era simplesmente sentir-se observado, imaginar testemunhas indefinidas para cenas de sua vida. Era como

se ele mesmo se destacasse do corpo para se tornar o observador. Era ele quem operava a câmera, quem saía da cena, atravessava a membrana entre a realidade e a imaginação e escolhia uma cadeira na plateia vazia de um cinema escuro. Por que seria diferente agora? Hermano já não estava mais ali. Naiara estava interagindo com um autômato, ambos sendo observados pela verdadeira consciência de Hermano que flutuava como um espectro cínico pela bagunça vermelha do quartinho, buscando os melhores ângulos e luzes para enaltecer as tristes e solitárias peripécias de um protagonista. E o que a câmera via agora era uma menina de treze anos fazendo tudo que lhe era possível, aplicando todo seu precoce repertório de técnicas para tentar soprar vida em um boneco cenográfico.

Hermano segurou a cabeça de Naiara e a afastou do meio de suas pernas. Olhou para o rosto perplexo da menina e disse:

“Vem cá.”

Ele estava deitado com o corpo atravessado na cama, com a parte de trás da cabeça apoiada na parede. Com delicadeza, puxou a cabeça de Naiara e ela, obedecendo ao comando, veio gatinhando por cima dele, montando novamente os joelhos no colchão. Passou os polegares nos lábios dela, exibindo dentes pequenos e pontudos, os da arcada inferior conservando o serrilhado original.

“O que tu quer que eu faça?”, ela perguntou.

“Me morde.”

Com a mais absoluta seriedade, como uma enfermeira atenta às ordens de um cirurgião, ela quis saber onde.

“Tanto faz. Aqui”, apontou com o queixo para o peito.

Ela mordeu uma, duas, três, quatro vezes, em pontos diferentes, segurando cada mordida por alguns segundos com força suficiente para deixar sulcos profundos e ardidos.

“Quer que eu morda mais forte?”

“Morde tão forte quanto tu já souhou em morder alguém na vida.”

“Talvez isso seja beeem forte.”

“Vamos ver.”

Naiara prendeu um naco duro de músculo entre os dentes e foi apertando a mordida. Ele respirou fundo e segurou o fôlego. A dor crescia proporcionalmente à pressão, e ele se espantou com a coragem dela em morder daquele jeito, com mais e mais força, sem soltar, sem soltar, até que os nervos de seu corpo todo pareciam estar pegando fogo. Chegou uma hora em que seus mecanismos de defesa ordenaram que ele tomasse uma atitude, mas resistiu. Ao inspirar e segurar o fôlego, experimentava uma agonia quase insuportável, mas cada expiração trazia um estremecimento de prazer que era intensificado pela ideia de que os dentes dela deviam estar perfurando sua pele, entrando na carne até a raiz, até as gengivas. A imagem de gengivas e a própria sonoridade da palavra

“gingivas” em seu pensamento eram excitantes. As gengivas, dentes e língua dentro daquela boca miúda, acoplada ao seu peito. Para evitar que a saliva escorresse da boca, ela sugou o ar sem aliviar a mordida, emitindo um ruído misto de sucção e chiado que lembrava a ameaça de algum pequeno animal. Ao atingir os ouvidos de Hermano, aquele som incomparável gerou uma espécie de clímax.

Quando Naiara finalmente abriu a mandíbula e afastou um pouco o rosto, ele viu o sangue nos dentes serrilhados, e ela viu o ferimento oval que havia rasgado acima e à esquerda do mamilo direito. Era superficial, mas visualmente impactante. Ele ficou em pé, o queixo grudado no pescoço, observando o sangue se acumular até formar uma gota que foi descendo vagarosa pelo tórax. Depois se virou para o espelho da penteadeira e permaneceu congelado, contemplando a imagem até que Naiara surgiu por trás com um lenço de papel dobrado e o pressionou contra a ferida, enquanto acariciava a barriga dele com a outra mão. Pela primeira vez, achou ela bonita. Os lábios grossos e o nariz que lembrava uma tomadinha formavam um conjunto exótico com os olhos pretos e meio sinistros, de cílios enormes. O rosto era muito magro, mas ainda assim as bochechas tinham algum volume. A mão dela espalhou na pele a gota vermelha que tinha escorrido quase até o umbigo. Hermano gravou a cena toda mentalmente. Sabia que jamais ia esquecer aquilo.

Poucos minutos depois, Naiara vestiu a calcinha e o tomara que caía, saiu do quarto e voltou em instantes com um enorme copo de plástico cheio de Coca-Cola.

Hermano ainda estava sem roupa quando ela entrou novamente no quarto. Pareceu adequado permanecer daquele jeito, deitado na cama, como se nada extraordinário estivesse acontecendo. Naiara sentou na cama, passou o dedo ao redor da marca da mordida e perguntou se estava doendo muito. Hermano fez que sim com a cabeça. As cicatrizes de vários arranhões e cortes estavam pela primeira vez expostas em sua totalidade a uma pessoa estranha. As marcas chamaram a atenção de Naiara. Na canela esquerda havia um machucado recente, um corte vertical de quase dez centímetros, resultado de um pé que escapara do pedal da bicicleta dois dias antes. Uma leve inflamação havia deixado a pele ao redor avermelhada.

“Tu tá sempre te arrebrandando no chão, guri. Parece até que é de propósito.”

“Eu ando muito de bicicleta. Ando rápido. Às vezes acabo caindo. Acho que é isso.”

À medida que ela continuava percorrendo o dedo pelo seu corpo, tateando todas as cicatrizes que encontrava, Hermano decidiu que tão logo saísse dali iria para casa, calçaria os tênis de corrida e sairia correndo, e provavelmente correria até cair. Pela primeira vez, sentiu que tinha condições de compartilhar

algum pequeno detalhe da galeria de seus hábitos, para não dizer perversões, os quais considerava anormais, para não dizer vergonhosos, matéria de constante perplexidade e constrangimento em suas autoanálises, pois ele não sabia muito bem por que insistia em fazer tais coisas. Conhecia apenas sua necessidade, e por trás daqueles hábitos havia a insinuação de um mistério que o atraía.

“Essa cicatriz aqui perto do cotovelo... foi uma vez que eu caí correndo.”

“Que feia.”

“Foi de propósito. Eu faço isso às vezes. Saio correndo, corro normal por uma meia hora, e aí decido começar a correr o mais rápido que consigo. À toda velocidade *mesmo*. Em geral eu venho lá de Ipanema e vou subindo pelas ruas mais vazias em direção ao loteamento, escolhendo os caminhos mais difíceis, onde não tem calçamento, ou pelos terrenos baldios, ou pelos areíões, ou pelo meio do mato ou pelo meio da rua mesmo. Fico correndo à toda, praticamente de olhos fechados, derrapando nas esquinas e pulando por cima das coisas até que acabo cruzando as pernas, ou pisando num buraco ou tropeçando e caindo com tudo no chão. Não paro de correr até me esborrachar. Enquanto tô correndo eu fico morrendo de medo, porque sei o que vai acontecer cedo ou tarde, e nunca é pouca coisa, eu me machuco pra cacete. Essa aqui no braço foi assim. Lavrou um pedaço de carne. Ficou um cascão sangrento por uns dez dias. Na mesma vez eu cortei aqui embaixo do queixo, ó. Teve outra vez que caí com as mãos no chão e tive que ir no hospital pra tirar as pedrinhas que entraram lá no fundo. Olha a marca aqui. E aqui. E de bicicleta é mais ou menos a mesma coisa. Tipo, quando eu caio. Nem sempre é sem querer, se é que tu me entende. Ano passado eu quebrei uma costela. Ou pelo menos acho que quebrei, porque eu sentia que tava quebrada, meio que estalava e dava umas pontadas, como uma ponta de faca apertando ali. Mas eu não disse pra ninguém, escondi dos meus pais. Foi diminuindo e depois de umas duas semanas passou. E sei lá por que que eu faço isso.”

Silêncio. Como se Naiara tivesse feito alguma pergunta, Hermano repetiu:

“Sei lá.”

“Eu sou apaixonada por ti, sabia?”

Hermano riu.

“A gente não se conhece.”

“Ah, eu te conheço.”

“Como tu acha que pode conhecer alguém só de ver a pessoa por aí?” Ele pegou o copo de Coca-Cola da mão dela e tomou um gole. Estava encabulado com aquele assunto. Preferia estar falando de si mesmo, se defendendo, e não escutando que ela gostava dele.

“Sabe quando foi a primeira vez que eu te vi? A gente tinha recém mudado aqui pro bairro. Faz quase dois anos. Eu ainda não tinha amigas e ficava saindo pra rua sozinha, esperando encontrar gente pra fazer amizade. Era o meu

segundo ou terceiro dia aqui, e ainda não tinha conhecido ninguém. Eu saí pra dar uma volta e acabei sentando no topo da escadaria pra ficar olhando a paisagem. Aquela vista ainda era bem nova pra mim. Era um domingo. No domingo era legal ficar olhando aquele monte de fumacinha que subia pra tudo que é lado, desde as casas aqui em volta até Ipanema, a Vila dos Remédios e a Ponta Grossa, lá longe, todas as casas fazendo seu churrasquinho, o cheiro de carvão e carne no ar. E aí tu apareceu lá embaixo e começou a subir a escadaria. E veio subindo rápido, de dois em dois degraus. E isso é uma coisa que me excita, ver um homem subindo uma escada de dois em dois degraus. Quase correndo, mas sem correr, dando uns passos largos. Dá pra sentir a força que cada perna faz, sabe?”

“Ah, para com isso.”

“É sério. Mas escuta. Quando tu chegou no meio da escada, eu percebi que tu não tava subindo de dois em dois degraus, e sim de *três em três*. Eu nunca tinha visto aquilo. E veio subindo de um jeito tão seguro, com tanta facilidade, que na hora parecia ser de dois em dois. A cena ficou marcada na minha cabeça. Era como se as escadas tivessem sido criadas para serem subidas de três em três degraus. Era uma coisa elegante. Quando tu chegou perto de mim, fez um aceno com a cabeça e desviou o olhar rapidinho. Uma cara séria. Todo suado.”

“Eu devia estar voltando de uma corrida.”

“Tu não imagina o estado em que tu me deixou. Tive vontade de te seguir pra ver onde tu morava, mas minhas pernas tavam moles.”

“Quantos anos tu tinha naquela época?”

“Doze. Ou onze. Não, doze já.”

“Tu é meio precoce, né?”

“Ai, como homem é burro.”

“Mas não é? Com doze anos tu...”

“Sabe com quantos anos eu gozei pela primeira vez?”

“Quantos.”

“Quatro. Eu ficava excitada assistindo *Spectreman*.”

“Ah, para.”

“Eu não sabia exatamente o que tava acontecendo, é claro, mas até hoje eu me lembro bem e agora sei que aquilo era sexual. Quando eu era pequeninha eu adorava assistir o *Spectreman*. Era fascinada. Era alguma coisa com o rosto dele. Aquela cara dura e séria, que era feita de metal, acho. Aquelas lutas com os monstros, ele apanhava, e no final soltava uns raios e vencia, mas a cara era sempre a mesma. Eu ficava excitada. Como ele podia ser tão impassível? Não tinha certeza se aquele rosto era mesmo o rosto do *Spectreman* ou se por trás da máscara tinha outro rosto. De qualquer forma, eu ficava hipnotizada, e me dava uma coisa, uma ansiedade. Se o rosto dele não se mexia ele não devia ter emoções, mas eu sempre sabia quando o *Spectreman* tava triste, ou com raiva, ou sentindo dor. Era como se só eu soubesse. Eu tinha uma ligação especial com

ele.”

“Eu jamais tinha imaginado o *Spectreman* como uma figura viril, mas agora que tu tá dizendo isso...”

“Isso, viril! Essa é a palavra. Ele era muito viril. Mas era o rosto dele. E então um dia eu assisti o episódio em que o monstro salamandra solta fogo pela boca bem em cima da cara do *Spectreman*, e ele fica cego. Os olhos dele meio que derretem, ficam aquelas duas bolas de ferro deformado na cara dele. E ele não consegue mais lutar. Lembro que aparecia ele sofrendo durante um tempão, sem enxergar, todo desnorteado. E foi aquela parte que me deixou louca. Porque eu também fico excitada com homens cegos.”

“Ah, para.”

“Sim, até hoje. Eu já esqueci o *Spectreman*, mas homens cegos... ai. Me deu um arrepio. Eu assisti aquele episódio e comecei a mexer ali. Tipo, *ali*. Eu sempre fazia isso quando o *Spectreman* aparecia. Mas quando ele ficou cego foi demais. E aí aconteceu pela primeira vez aquela sensação que eu só fui entender bem o que era muito tempo depois. Mas eu lembro direitinho.”

“O que mais te excita além do *Spectreman*, cegos e homens pulando degraus de escada?”

“Deixa eu ver... vampiros. Vampiros mordendo o pescoço das mulheres. Quando eles cravam os dentes e depois tiram, aí ficam com sangue na boca, e aqueles dois furinhos no pescoço da mulher. Nossa. Vampiros.”

“Então é essa a tua fantasia. Vampiros cegos com cara de metal que sobem escadas de três em três degraus. Bem normal. Eu tava achando que eu era meio doente.”

Naiara riu.

“Sim, e é isso que tu é. Um vampiro cego com cara de metal que sobe escadas de três em três degraus. Agora te veste, que minha mãe e meu irmão tão ali na sala e quando eu fui buscar a Coca eles me perguntaram de quem é o disco que tá jogado no chão.”

Embica a traseira do carro na esquina, freia, engata a primeira e acelera atrás dos garotos. Reconhece de imediato que rua é aquela, ainda que os terrenos baldios de outrora estejam ocupados por novas residências. O mato fechado à direita permanece intocado, uma ilha verde sobre a qual as casas ainda não ousam avançar. Na infância, muitas vezes tinha percorrido as trilhas estreitas que atravessavam o pequeno bosque, pulando córregos e procurando as imensas caranguejeiras que tateavam os troncos das árvores como imensas mãos peludas. Avista os jovens correndo pelo meio da rua, duzentos metros à frente. Enquanto avança na direção deles, olha pra direita procurando a velha lata de tinta pendurada no galho, mas não a encontra. Faz muito tempo, devem ter tirado. Não tem dúvida de que a entrada que conduzia à clareira no meio do mato ficava por ali. Isso quer dizer que já passou pelo poste. Conseguir enxergar dois postes refletidos no espelho retrovisor. Qual dos dois seria? Com a grande envergadura dos dedos de uma das mãos, segura ao mesmo tempo a barra do volante e a haste do *piolet*. Está a quase setenta por hora em segunda marcha, o motor urrando no limite da rotação. Cem metros adiante, vê o momento exato em que um dos perseguidores alcança o garoto fugitivo, agarra sua camiseta e o derruba no chão. Os dois tombam com violência, devido à velocidade em que corriam, e rolam pelo asfalto parcialmente coberto de terra seca, levantando uma nuvem de poeira. O garoto que está fugindo faz menção de se erguer, apoia um dos braços no asfalto e começa a elevar o tronco. É como se tivesse oferecido a cabeça pro chute do próximo agressor que o alcança e cobra o pênalti. Com o impacto, a cabeça do infeliz se dobra num ângulo horroroso e arrasta atrás de si o restante do corpo. Cinquenta metros. Agora estão todos os oito ou nove ao redor do garoto, que recebe encolhido no chão a saraivada de pontapés e socos, tentando inutilmente se deslocar, encontrar uma brecha pra escapar. Trinta metros. A haste do *piolet* escorrega pela palma suada de sua mão. Vê a cena toda do alto, como se o Pajero estivesse sendo acompanhado por uma grua, o carro se

aproximando em alta velocidade do cenário do combate. A desvantagem numérica é gritante, mas dessa vez não vai se esconder. Vinte metros. Lembra do V8 propulsado pelo nitro em *Mad Max 2*, rasgando o deserto da terra devastada enquanto é perseguido de perto pela gangue de piratas sanguínários sobre rodas. Precisa enfrentar todos dessa vez. Dez metros. Não está somente imaginando cenas do filme. Agora ele é Mad Max, incorporou o guerreiro da estrada. Quer dar um cavalo de pau com o Pajero, mas não sabe dar cavalo de pau. Crava o pé no freio e o carro derrapa na direção da gangue sanguínária, que se dispersa por reflexo, ainda sem entender completamente o que se passa. Abre a porta do carro e sai com o *piolet* na mão. O garoto continua embolado no chão, se movendo sem sair do lugar, o rosto besuntado de sangue. A gangue o encara. Mad Max retribui os olhares de desafio, brande o *piolet* e dá um passo na direção do garoto ferido. Os componentes da gangue sanguínária também são garotos de cerca de dezesseis anos, dos quais apenas um, barbado, parece um pouco mais velho. São garotos vivendo o cume da ilusão humana da invencibilidade, sedentos por oportunidades de testar seu vigor físico e se vingar da injustiça cósmica de terem nascido, hipertrofiados por tardes de exercícios na academia, se aproximando do auge de sua potência sexual. Aos trinta anos, o combatente veterano e cansado ali é ele. A gangue o desafia com xingamentos. Ele hesita. Não sabe se ataca ou espera. Atacar qual deles? Um herói não pode hesitar. O garoto no chão toma mais um chute na cabeça. O barbado vem em sua direção com um pedaço de pau. Mad Max está paralisado. A paulada mira sua cabeça, ele se esquiva por reflexo e a arma atinge de raspão sua orelha, que pega fogo imediatamente. Um golpe certo crava a ponta do *piolet* na coxa do inimigo barbado, que berra de dor e tropeça pra trás. Outros três vêm em sua direção. O garoto que estava apanhando aproveita que deixou de ser o centro das atenções e se levanta. Ergue o *piolet* no ar, como um selvagem exibindo sua machadinha em uma dança de guerra. O *piolet* é sua escopeta de cano serrado. Ainda tem tempo de registrar algum tipo de corpo sólido voando em sua direção antes que um pedaço de telha de cerâmica o atinja em cheio na testa. Fica cinco segundos sem enxergar nada e sente o sangue escorrendo pelo canto do olho. Leva um soco. Leva socos. Desiste de tentar usar o *piolet* com precisão, como o usaria pra galgar uma cachoeira congelada, e começa a distribuir golpes frenéticos pra todos os lados, de olhos meio fechados, atingindo não sabe bem o quê, mas certamente atingindo diversas coisas. Um dos oponentes recua gritando desesperado com as duas mãos no rosto. Os outros cessam seus ataques por um instante. Isso é bom. Estão reavaliando o perigo oferecido pela ponta serrilhada daquela picareta em miniatura. O garoto que estava apanhando agora está de pé e acerta um murro em cheio no gogó de um de seus agressores, que cai inerte no chão. Um dos vidros do Pajero é estilhaçado com uma pedra. O carro. Lembra do carro. Grita pro garoto entrar no carro. Três ou quatro inimigos mantêm agora

uma distância cautelosa, outros três ou quatro se aproximam com intenção de atacar. Finalmente dominado pela fúria, ao invés de se proteger ou recuar parte pra cima deles com o *piolet* em riste. Pelo canto do olho, vê que o garoto está entrando no carro. Leva um chute no rim e logo em seguida acerta um golpe de *piolet* no ombro do mesmo filho da puta que deu o chute. “Esse cara é louco”, outro grita. Ele berra. Berra e chama todo mundo pro pau. A dor que irradia da testa por toda a cabeça é estonteante. Sente gosto de sangue. Não é a primeira vez, mas dessa vez é o sangue da bravura, não da covardia. O gosto é outro. É bem melhor. Engole o sangue com sofreguidão, lambe os beiços. Pedras voam em sua direção, uma delas o atinge na clavícula como um soco. Dá mais passos pra frente, desafiando os garotos. Eles estão indo embora. Não estão correndo, estão andando e jogando pedras, mas indo embora. O garoto que foi atingido no gogó vai carregado por um de seus companheiros. O barbudo manca. Outro continua segurando o rosto com as duas mãos e caminha aos tropeços, quase correndo, gritando, auxiliado por dois amigos. Olha pro carro. O garoto que estava apanhando entrou e agora está agachado no vão destinado às pernas, em frente ao banco do passageiro, espiando assustado com o queixo apoiado no painel. Andando de costas, sem desgrudar os olhos dos agressores que se afastam, vai se reaproximando do Pajero. Toca o capô quente e bojudado do automóvel, vê os estilhaços do para-brisa espalhados sobre a lataria negra. Enxerga alguns moradores observando o tumulto da porta ou da janela de suas casas, com olhos inchados e rostos ainda amassados de sono. Entra no carro, joga o *piolet* atrás do banco, dá a ignição, engata, manobra pra refazer o caminho de volta pra estrada da Serraria e pisa fundo. O garoto no banco a seu lado tira a camiseta branca em cuja frente se encontra estampada a frase GAÚCHO É MELHOR EM TUDO e a usa pra limpar o rosto, mas assim que afasta o pano embolado e o segura diante dos olhos pra ver a quantidade de sangue absorvida pelo tecido o líquido volta a escorrer imediatamente de suas narinas e de um corte maior no supercílio, só que ele parece não perceber e se recosta no banco, segurando a camiseta manchada sobre a barriga, e fica respirando pesadamente com os olhos semicerrados. “Segura a camiseta contra o rosto.” O garoto olha pra ele. “Levanta um pouco a cabeça, assim. Aperta no nariz e aqui no supercílio.” O garoto obedece. O rosto dele está inchando e se deformando. O sangue escorre também de raladuras em seus joelhos e cotovelos. “Vou te levar num hospital, aguenta aí.” Desce a estrada da Serraria a cento e vinte e contorna a nova rotatória pra pegar a Juca Batista à esquerda. A avenida pela qual passou minutos atrás já está bem mais movimentada. Costura o trânsito entre um ônibus e meia dúzia de automóveis, trocando de pista em guinadas bruscas. O garoto vai precisar de alguns pontos, bem como radiografias, e tudo indica que tem fratura naquele nariz que não para de sangrar. Decide ir até o pronto-socorro do Mãe de Deus. Somente então lembra de olhar seu próprio rosto no retrovisor. O maior

estrago é o ferimento no alto da testa, onde foi atingido pelo pedaço de telha. É um corte pequeno mas profundo, e o sangue que escorre dali desce pelos dois lados do rosto, contornando a ponte nasal. Sangue ruim, escuro. Do tipo que é bom que saia, pra dar mais lugar pro sangue novo, limpinho, aquele que corre lá por dentro, nas veias do fundo. O garoto permanece em silêncio, observando a paisagem pelo vidro fechado da janela. Está atordoado e contraído de dor, mas ao mesmo tempo exibe uma tranquilidade e resistência que não se esperaria de um jovem dessa idade. Não parece estar bêbado. De todos os jovens que tinha atendido em seu tempo de residência médica, poucos se mantinham tão frios numa situação dessas a não ser que estivessem anestesiados pelo álcool. Provavelmente não era a primeira vez que aquele ali tomava uma surra. “O que houve?” “Quê?”, responde o garoto, e segundos depois, sem que haja necessidade de nova pergunta, explica: “Aquele da barba tava a fim de bater em mim, os outros ajudaram ele.” “Por que ele queria bater em ti?” “Não sei.” Deve saber, sim, mas não importa. Está refazendo no sentido contrário o caminho que percorreu naquela manhã, só que no triplo da velocidade. O ar está aos poucos adquirindo a textura viscosa dos dias mais úmidos, e a temperatura parece se elevar um pouco mais a cada minuto. “Ele ficou me olhando a festa inteira, eu olhei de volta. E na saída ele decidiu me pegar”, acrescenta o garoto, que afasta a camiseta ensanguentada da boca e do nariz pra falar. Tem a pele bronzeada, cabelos cacheados que aparentam ter crescido livremente durante muitos meses depois de terem sido raspados a máquina, formando uma cachopa irregular e comicamente volumosa nas laterais. A cicatriz no lado direito do abdômen indica uma extração de apêndice realizada há cerca de seis meses. “Não tenho plano de saúde”, murmura. “Não esquenta, eu sou médico.” Nunca em sua vida aquelas palavras tinham soado tão artificiais saindo de sua boca. *Eu sou médico*. É um médico, é claro, lembra de cada etapa de seu interminável processo de formação e especialização, mas é como se cada dia daquele esforço tivesse sido registrado com um risco de giz na parede de uma cela. É médico, mas desde que despertou hoje de manhã não se sente mais um médico. Troca de marcha agressivamente, canta os pneus nas curvas. Faz muito tempo que não se entrega à fantasia com tanta vontade. Lembra de como percorria na infância as ruas desconhecidas da Esplanada em sua cross de pneu-balão, imaginando representar uma espécie única de esportista aventureiro, desbravador de terrenos baldios e calçadas repletas de obstáculos, em busca do quarteirão que nenhum outro ciclista jamais tinha enfrentado com sucesso, tão imerso naquela distorção heroica da realidade que vivia experimentando a realidade de fato como se fosse uma pausa dentro de uma existência em que a fantasia era a regra. A realidade é que é um cirurgião plástico em ascensão que abortou de maneira injustificável a partida de uma expedição de alpinismo planejada durante meses com seu melhor amigo, desertou de uma atmosfera de rancor conjugal que poderia ter

sido resolvida em instantes com um breve esforço de compaixão e algumas palavras bem escolhidas e, movido por uma espécie de reflexo condicionado, desviou do caminho até o bairro onde nasceu, cresceu e se tornou adulto, onde foi surpreendido por uma agressão em que acabou intervindo de uma forma da qual nunca se julgaria capaz, e agora está fazendo o que deve fazer, conduzindo o garoto ferido e a si mesmo até um pronto-socorro. No entanto, predomina, desde que decidiu não seguir o caminho da casa do Renan, a noção de que na verdade é um homem solitário e renegado que está abandonando todas as conexões com sua vida passada pra buscar algo em suas origens, dirigindo seu veículo por uma terra hostil até que o acaso lhe dá a oportunidade de fazer justiça com sua bravura. Salvou a vida daquele garoto, e agora estão indo ao local onde aguardarão até que suas feridas cicatrizem. É o momento dos filmes, das histórias em quadrinhos e dos livros de aventura em que um homem descobre sua verdadeira natureza e se torna um herói. Está completamente embevecido por essa fantasia, tanto que a frase “Eu sou médico” lhe soa artificial, totalmente alheia a quem de fato é e ao que está acontecendo naquela manhã de domingo. “Alguém tá ligando pro teu celular”, diz o garoto, lhe estendendo o aparelho que pisca em modo silencioso. O identificador de chamadas informa no visor o número da casa do Renan. Atende a ligação. “Oi, Renan.” “Ô, meu, que que tá acontecendo?” “Dormiu bem, Renan?” “Onde tu anda? Tô te ligando desde as seis e meia sem parar.” “Parei o carro e enfrentei todos eles, Renan. Usei o *piolet*.” “Do que tu tá falando? A Adri tá apavorada, disse que tu tava estranho, que falou que não tava vindo pra cá.” “Eram uns dez, mas a gente deu conta. Tinha que ver.” “A gente quem? Perdeu a graça, ô viado. Tô com tudo pronto aqui.” “Troquei de parceiro, Renan. Vou pro Bonete com o meu novo amigo, aqui. Vou mais com a cara dele do que com a tua. Ele fala pouco, gosto de gente que fala pouco.” “Como é que é? Que novo amigo, seu puto? Resolveu começar a beber? Espero que tu não esteja realmente querendo dizer que não vamos mais...” “Já fui pro Bonete e já voltei. Não é nada de mais, não. Se tu quiser pode ir lá conferir, mas tu vai chegar em segundo. O segundo vencedor é o primeiro perdedor, né?” “...” “Bom, tenho que ir pro hospital dar uns pontos na testa. Depois a gente se fala. Abração.” “Ô seu corno, tu...” Encerra a ligação e olha pro garoto, que finge que não estava escutando nada. “Quer que eu ligue pros teus pais, ou pra alguém? Temos indo pro pronto-socorro do Mãe de Deus.” “Não.” “Mas teus pais...” “Não! Sério, não é pra ligar pra ninguém. Pode ser?” “Posso saber por quê?” “Porque não. Posso descer? Para o carro. Quero descer.” O garoto procura a trava na porta. “Tudo bem, tudo bem. Só achei que... deixa pra lá, eu me responsabilizo por ti lá. Relaxa.” O garoto afasta a camiseta do rosto e o encara com uma expressão de quase desafio, avaliando se pode ou não confiar naquele estranho. Devolve o olhar com intensidade, e tem a impressão de que está encarando a si mesmo quinze anos atrás. É como se o garoto fosse uma

versão dele próprio que reagiu de maneira diferente a um certo episódio que ele faz de tudo pra não lembrar, mas lembra, em flashbacks com cortes rápidos. É o garoto em quem ele mesmo teria se tornado caso tivesse enfrentado o Uruguaio e sua turma naquela madrugada de sábado pra domingo. As recordações do que aconteceu aquela vez perto da clareira tinham ficado soterradas por quinze anos e agora, ressurgindo, provocam um arrepio que atravessa seu corpo inteiro. O garoto acaba desviando o olhar primeiro, volta a pressionar a camiseta ensanguentada contra a face e se encosta na porta do carro, encolhido no banco, com gotas de sangue e suor escorrendo pelo tórax. Volta a atenção novamente pra rua em frente. Não lembra de ter percorrido metade do caminho que o conduziu até ali, na avenida Padre Cacique. Acelera fundo, cento e dez, quase cento e trinta, ignora a lombada eletrônica em frente ao estádio Beira-Rio. A fantasia heroica está se esvaindo, mas a imagem que tem de si mesmo na realidade não preenche os espaços vazios deixados pela fantasia. Não é nem o herói de sua imaginação nem o médico. Se olha no retrovisor e não se reconhece. Apenas o sangue que sai da testa é incontestável, desempenha seu papel no mundo, belo e previsível. Entra à direita na José de Alencar. Contorna o canteiro central, estaciona na entrada da Emergência do Hospital Mãe de Deus. Tem o cuidado de manobrar o Pajero numa posição que não interromperá a passagem dos outros veículos. Uma recepcionista chama uma enfermeira e um médico. Mentalmente foram agredidos gratuitamente por um bando de vagabundos bêbados numa rua qualquer da zona sul. O garoto é imediatamente levado ao ambulatório enquanto ele preenche os formulários de entrada, pressionando um curativo improvisado contra a testa. Depois é conduzido também a um ambulatório, mas não é o mesmo pra onde levaram o garoto. Limpam os ferimentos na sua orelha, pescoço e testa. Não revela pro médico que também é médico. Quando vão lhe aplicar a anestesia local pra dar pontos no corte profundo no alto da testa, pede pra que a sutura seja feita sem anestesia. O médico insiste, diz que vai doer. Então resolve revelar que é médico, somente pra ajudar a convencer o outro de que sabe muito bem o que o espera. Após breve discussão, o plantonista aceita dar os pontos sem anestesia. A dor é difícil de suportar, mas cada vez que a agulha do instrumento atravessa a carne tem certeza de que é exatamente aquilo que espera sentir. É como uma terapia que vai acalmando sua ansiedade e colocando o corpo inteiro sob controle. Quinze minutos depois, com um curativo enorme de gaze branca na testa, procura o ambulatório onde estão tratando o garoto. Encontra-o em um leito, com soro na veia. Um médico está suturando um corte feio em seu supercílio esquerdo enquanto duas enfermeiras terminam de limpar seus diversos ferimentos. Se aproxima dele e pressiona seu nariz suavemente com os dedos. O garoto geme. O médico o encara, ele se apresenta e diz que o garoto é amigo seu. “O nariz deve estar quebrado.” “Eles disseram que tá”, responde o garoto. “Vão me levar

pra radiografia daqui a pouco, acham que tem costelas quebradas também.” “Qual o teu nome?” “João.” “João... mora ali na Esplanada?” O garoto não responde. “Não te preocupa com a internação, te internei sob minha responsabilidade.” “Valeu.” “Vou anotar meu endereço e telefone neste papel aqui, ó. Se não quiser mandar chamar teus pais ou seja lá quem for, liga pra mim.” “Valeu.” “João... sabe que não lembro do nome de verdade de nenhum amigo meu da Esplanada? Todo mundo se chamava só por apelidos.” “Tu mora ali na Esplanada?” “Morava. Até uns anos atrás.” “Valeu por me ajudar lá. Aqueles caras iam me matar, acho.” “Não duvido.” “Que lance era aquele que tu usou pra furar os caras?” O médico e as duas enfermeiras param o que estão fazendo por uma fração de segundo e logo retornam ao trabalho. O garoto franze a testa e a boca, reconhecendo o desliz, e emenda: “Onde tu morava lá na Esplanada?” “No 507 da Rodonel Guatimozim. Casinha de tijolo à vista.” “Não sei bem qual é.” “Mas tu também mora por ali então, guri.” “Moro por perto.” “Uns conhecidos meus ainda moram lá, acho. O Bolita. O Palhação também, acho.” “Não conheço. Palhação...” O garoto ri do apelido. O médico finaliza a sutura. A enfermeira começa a preparar um curativo. “Engraçado que só os meus amigos tinham apelidos, mas as gurias nunca. A gente chamava todas pelo nome. Isabela, Ingrid...” “Eu tenho uma amiga chamada Isabela, mas não deve ser a mesma. Claro que não, ela tem a minha idade, dá.” “Lara, Naiara...” “Acho que essa Naiara ainda mora por lá.” “Hein?” “Acho que sei quem é essa Naiara. Ela ainda mora perto da Esplanada, ali.” “Ah é?” “Não é ela que tem uma creche em casa?” “Não sei. Não falo com ela há milênios.” A enfermeira diz que está tudo pronto pra irem à sala de raio X. “Onde essa Naiara mora?” “Putz, não sei o nome da rua... sei que é tipo numa esquina, e ela tem uma creche em casa, tem uns desenhos de criança no muro... fica perto do morro...” A enfermeira distribui olhares impacientes, com uma cadeira de rodas a postos. “João, preciso ir. Vou ligar pro hospital mais tarde pra saber como tu tá.” O garoto acena com a cabeça.

A clareira

Ninguém lembrava de um inverno que tivesse chegado com tanto ímpeto. De um dia para o outro, a queda na temperatura foi de vinte graus e o vento constante daquela noite de sexta-feira reduzia a sensação térmica a um patamar bem inferior aos oito graus previstos no Jornal do Almoço, dando à portentosa expressão “massa de ar polar” um efeito correspondente que lhe era digno. Na casa de Hermano, a geladeira foi ajustada na potência mínima, os acolchoados de lã de ovelha desceram das portas superiores dos armários para os pés das camas, os aquecedores elétricos foram deixados nos banheiros para tornar mais suportável a saída do banho e o cheiro da tradicional sopa de cebola, tradição da culinária materna nos meses frios, se espalhou por todos os cômodos da casa a partir da cozinha. Durante as costumeiras pedaladas de ida ao colégio e de volta, pela manhã e logo antes do almoço, o vento gelado tinha lixado o rosto de Hermano e agora à tarde sua pele estava seca, sensível e repuxada. As pessoas andavam pela rua com roupa insuficiente, muitas de chinelos ou camiseta, surpreendidas pela mudança de clima ou ainda incapazes de assimilar a temperatura, encolhidas e concentradas no próprio desconforto.

No início da tarde, protegido por calça de moletom, jaqueta de nylon e uma grossa manta de lã listrada, Hermano caminhou até a casa do Morsa. A porta da nova garagem ampliada, coberta por uma camada brilhosa de tinta marrom, estava semiaberta. Hermano tocou a campainha e escutou o berro do Morsa dizendo para que entrasse pela garagem mesmo. Não havia mais razão para ter medo dos cachorros, pois alguns dias antes Armagedon e Predador tinham arreganhado os focinhos e se voltado repentinamente contra o Cara Magra, que rapidamente sacara seu revólver e botara uma bala no crânio de cada dobermann. O interior da garagem estava completamente vazio, com pegadas e rastros marcando a camada de poeira cinza que cobria o chão de lajotas vermelho-escuras. Ao passar pela porta que dava acesso à casa, Hermano percebeu que no interior havia uma bagunça de caixas de papelão por todos os

lados, a maioria delas aberta, contendo objetos domésticos dos mais variados tipos e agrupados sem critério aparente. As estantes estavam vazias e os móveis davam a impressão de terem sido deslocados. Hermano subiu a escada para o segundo andar e entrou no quarto do Morsa. O Pedreiro já estava ali, e os dois não tinham esperado a chegada de Hermano para começar a jogar Stunts. O jogo de computador era o favorito do trio, com seus gráficos tridimensionais simples mas fluidos, efeitos de física realistas, enorme variedade de carros, função replay e uma ferramenta que permitia criar novas pistas de corrida com toda a liberdade, distribuindo à vontade curvas, rampas, pontes levadiças, loopings, barreiras, manchas de óleo e até mesmo elementos do cenário, como árvores e edifícios. Vez que outra, os três se reuniam na casa do Morsa para criar pistas e depois passar horas quebrando os recordes de tempo. Quando Hermano entrou no quarto, os dois estavam debruçados sobre o monitor, ajustando os detalhes de uma nova pista. Sem desgrudar os olhos da tela, Morsa disse:

“Olha isso aqui. A gente tá criando uma pista que é impossível de completar.”

Hermano puxou um banco para perto do computador e sentou. O clima dentro do quarto estava esquisito. Em geral, o que se passava no monitor, seja lá o que fosse, tinha o poder de se tornar o objeto único de suas concentrações durante horas e horas. Dessa vez, entretanto, era como se o jogo fosse apenas um pretexto para desviar a atenção de outros assuntos de peso incomum. Olhando fixamente para a tela, não precisavam olhar um para o outro. Discutindo que tipo de obstáculo devia ser colocado na saída de uma sequência de loopings, evitavam tocar em determinados assuntos que estavam mudando suas vidas para sempre naquele início de inverno.

Mais ou menos uma semana antes, se espalhou pela Esplanada a notícia chocante de que o Pedreiro, aos quinze anos, seria pai. Ninguém sabia quem era a guria. Ela morava na Tristeza, tinha dezesseis anos, nunca havia sido vista ao lado do Pedreiro e ele nunca tinha falado a respeito dela. Após alguns dias desaparecido, o Pedreiro saiu para a rua, confirmou os rumores com a turma toda e anunciou que assumiria o filho. As duas famílias se reuniram e a situação seria enfrentada. As informações que dava eram enxutas e precisas. Seu tom de voz era o de um guri que havia se tornado adulto e planejado toda sua existência futura em questão de dois ou três dias. Que planos eram esses, ninguém sabia ao certo. Quando o boato chegou aos ouvidos de Hermano, ele já teve dificuldade em conceber a ideia de que o amigo tinha uma vida sexual. Imaginá-lo pai, então, era nada menos que absurdo. O Pedreiro era seu melhor amigo. Jogavam videogame, futebol, gostavam de conversar sobre os filmes que pegavam de graça na videolocadora dos pais do Pedreiro. Tinham quase a mesma idade e haviam crescido juntos. Uma vida sexual ativa para o Pedreiro devia ser tão indispensável quanto uma vida sexual ativa para Hermano. Um filho para o

Pedreiro devia soar algo tão remoto e implausível quanto um filho para Hermano. Mas agora ficava claro que as coisas não eram assim. Apesar da amizade, ou por causa dela, não conseguiam tratar do assunto entre si. A verdadeira intimidade parecia depender da capacidade de conversarem sobre o que estava acontecendo na vida do Pedreiro, mas descobriam agora que não estavam preparados para trocar confidências daquele tipo. Não adiantava mais falar sobre videogame. Não adiantava mais parodiar diálogos dublados de *Fuga de Nova York* ou *Comando para matar*. As piadas internas estavam perdendo efeito. O Pedreiro ia ser pai. Quando tinham cinco ou seis anos de idade, os dois percorriam os terrenos cheio de mato do loteamento em busca de ingredientes exóticos para a preparação de elixires, poções e venenos fantasiosos. Munidos de frascos de perfume, pequenos vidros de geleia, facas, colheres, conta-gotas, seringa e uma pá de jardinagem, colhiam folhas de ervas daninhas, frutinhas vermelhas ameaçadoras que brotavam em arbustos espinhentos, raízes, seivas leitosas, insetos, aracnídeos, terra úmida retirada de recantos secretos, água recolhida de poças e laguinhos turvos recobertos de lodo esverdeado, miríades de ingredientes que eram dosados e misturados com rigorosa atenção, seguindo receitas previamente inventadas. Havia uma poção para hibernar durante todo o inverno, e diversas outras capazes de conferir superpoderes como a capacidade de conversar com cachorros, de mover objetos com a força da mente como Luke Skywalker ou de não sentir qualquer dor. No ramo negro daquela alquimia infantil havia venenos capazes de causar cegueira, tirar dos gatos a capacidade de cair sempre em pé e, a mais importante de todas, a mais secreta e poderosa receita: um líquido que bastava ser respingado na pele de uma guria para provocar sua morte instantânea. Era uma mistura de água de sarjeta, pedaços de uma flor branca que crescia no jardim da casa do menino feio que um dia seria apelidado de Palhação, fungo laranja que brotava em troncos podres, pernas de aranha e, finalmente, o mais nobre e mais perigoso ingrediente, um marimbondo amarelo vivo. Os dois mantinham escondido dentro de uma caixa enterrada um estoque farto da nefanda mistura. Quando e por que viria a ser necessário matar uma guria era uma questão que nem passava pela cabeça deles. Mas havia a certeza de que a poção era de vital importância. Até prova em contrário, todas as gurias eram ameaçadoras e suspeitas. A receita secreta era uma defesa que os unia contra *elas*. Quando ouviu da boca do próprio amigo a confirmação do boato da gravidez, Hermano lembrou imediatamente do veneno que preparavam na infância. O estoque secreto devia estar enterrado até hoje, mas nenhum dos dois poderia lembrar o local exato. Em algum endereço do seu inconsciente, a despeito de sua recente aproximação da irmã do Bonobo, restavam traços daquela convicção de que as gurias deviam ser combatidas, e não engravidadas. Hermano se sentiu traído. Reconhecia a irracionalidade dessa sensação, mas sabia também que a razão não tem poder sobre certas emoções e portanto

cultivou a sensação de traição sem procurar sufocá-la. Em pouco tempo, tinha certeza, ficaria feliz pelo amigo.

Morson Manera, por sua vez, estava prestes a se mudar para algum lugar indeterminado. Suas explicações eram vagas porque de fato ele sabia pouca coisa, mas seu pai, o Cara Magra, estava em apuros com a polícia. A mudança seria realizada às pressas naquele fim de semana. Era, portanto, a última vez que jogariam computador na casa dele. Também era possivelmente a última vez que iam ver o Morsa, mas ninguém ousava declarar isso em voz alta. Para a maioria dos outros, o Morsa não faria falta, mas Hermano e o Pedreiro tinham um vínculo com ele, um vínculo menos dependente de piedade do que preferiam acreditar. Morson ainda não sabia se ia morar com a mãe em Santa Catarina ou com o pai seja lá onde fosse.

Apesar de estar se sentindo abandonado, a traição de Hermano era talvez a mais grave de todas, pois não tinha relação com nenhum acidente, fatalidade ou fator externo. Por um lado, passava cada vez mais tempo sozinho, encerrado em casa ou dedicando-se à sua rotina exagerada de passeios de bicicleta, corridas e exercícios solitários. Por outro, abria mão cada vez mais da companhia dos amigos de infância em favor da companhia do Bonobo. Não se poderia dizer que ele e o Bonobo eram amigos muito próximos, mas mesmo seus poucos encontros ocasionais pareciam extrair de Hermano toda sua cota de energia reservada à sociabilidade. Havia ainda os rumores de que Hermano e Naiara estavam namorando, ou pelo menos se encontrando de vez em quando. Não era verdade. Hermano fazia de tudo para evitar Naiara em público. Se afastava imediatamente quando ela aparecia, e se as circunstâncias não permitiam, dava um jeito de não trocarem palavra. No entanto, era verdade, voltou umas poucas vezes à casa do Bonobo para passar algum tempo com ela. Nunca foram além de conversas confessionais que culminavam com beijos e amassos. A memória do que havia acontecido no quarto dela em seu primeiro encontro a sóis se impunha como algo bom e ruim ao mesmo tempo, sucesso e fracasso, vitória e frustração, uma sucessão de etapas registradas na mente de Hermano em imagens vívidas, mas que sempre retornavam acompanhadas de um componente perturbador que era impossível identificar com precisão.

O jogo de computador os distraía da percepção de que a partir dali tudo ia mudar radicalmente. Conseguiram, dentro de algumas horas, construir e testar uma pista que não podia ser completada. A dificuldade das sequências de obstáculos era tamanha que ficava impossível acelerar o carro o suficiente para transpor determinados loopings e saltos sobre o vão de pontes levadiças. A mesma quantidade de tempo investida na criação da complicada pista foi empregada para testá-la usando todos os modelos de carros. Mesmo o de Fórmula 1, campeão de aceleração e velocidade final, acabava espatifado no chão. Convencidos da plena impossibilidade de atingir a reta final, se deram por

satisfeitos e se despediram. Hermano e o Pedreiro foram embora enquanto o Morsa começava a desconectar cabos para desmontar o computador.

O céu noturno estava limpo e na direção do Guaíba se podia ver uma tensão luminosa quase imperceptível, um resquício vermelho do lusco-fusco como uma porta se fechando atrás da noite. Havia algo de solene na atmosfera, o bairro todo se recolhendo para uma longa etapa de resistência ao frio. Andaram lado a lado por três quadras praguejando contra o clima e se despediram com um aperto de mão firme, fugindo um do outro imediatamente após um breve contato visual. Hermano caminhou rápido pelas quadras que restavam até sua casa, a ponto de sentir o suor esfriando por baixo da camiseta e do casaco de nylon.

O cheiro da sopa evocava tardes de televisão deitado no sofá, enrolado em cobertores. Seus pais estavam sentados na mesa da cozinha, a mãe já encerrando sua refeição com pedacinhos minúsculos de miolo de pão arrancados com os dedos, o pai sugando colheradas com o queixo cautelosamente projetado sobre o prato fumegante, deixando pingar a sopa amarelada. Hermano pegou um prato fundo no armário, serviu algumas conchas de sopa e sentou à mesa. O pai limpou o bigode com um guardanapo e perguntou como andavam as coisas. Hermano garantiu que estava tudo em paz. A mãe levantou da mesa, saiu da cozinha e retornou em seguida com um folheto de cartolina verde. Entregou o folheto para o pai, que largou a colher no prato, abriu o folheto, leu seu conteúdo por um instante e olhou para Hermano com um sorriso gracejador. Perguntou a Hermano o que estava havendo. Seu tom era conciliador. Era um homem sério que raramente elevava a voz. Tinha o rosto quadrado e Hermano havia herdado dele os ombros largos e os braços compridos demais para o conjunto da estatura. Trabalhava havia muitos anos como gerente de uma distribuidora local de alimentos, lia a *Zero Hora*, a *Folha de S.Paulo* e *O Globo* em dois religiosos turnos diários, durante o café e após a janta, e jogava tênis de dupla com três velhos amigos nas noites de quarta e manhãs de sábado no Clube do Professor Gaúcho. Hermano disse que não havia nenhum problema. Pela primeira vez na vida, tinha pegado recuperação no colégio. Português (4,5) e história (5,0). As demais notas eram suficientes porém baixas. Não era um aluno brilhante, mas nunca tinha precisado se esforçar para manter as notas do boletim acima da média exigida. Estudava pouco, na véspera das provas, em períodos curtos que não excediam meia hora. Não era difícil. Mas naquele bimestre ele simplesmente havia esquecido de estudar. As aulas tinham se tornado um hábito automático, completamente sem significado. Não havia motivo. Não havia problema. Ia prestar mais atenção, voltar a rever cadernos e livros antes das provas. O pai não gostou muito da indiferença de sua reação. A escola nunca tinha sido um problema, e não era a essa altura que começaria a ser. Hermano engoliu uma colherada de sopa e concordou com a cabeça. O pai levantou e foi

ler *O Globo* na frente da televisão. A mãe sentou a seu lado para fumarem seus únicos cigarros diários, ele Camel, ela Carlton, hábito de uma década. Hermano tomou um banho, botou o despertador do relógio digital pras onze horas da noite e dormiu.

Acordou na hora marcada, vestiu uma calça de brim e um casaco com forro de lã, avisou para a mãe ainda sentada diante da televisão que estava saindo para encontrar uns amigos na rua e foi caminhando em direção à clareira. Atravessou a praça do loteamento e seguiu por ruas sem rede de iluminação, se afastando cada vez mais do centro do bairro, onde havia a maior concentração de residências, em direção às quadras mais desertas que ainda aguardavam ocupação. Na calçada da última rua, operários da Prefeitura que trabalhavam na restauração da rede elétrica da zona sul haviam aberto diversos buracos para a instalação de postes, mas não tiveram tempo de concluir o trabalho. Em um grande terreno baldio repousavam alguns postes de cimento vagamente iluminados por uma meia-lua brilhante. Beirando a calçada direita da rua estava o Mato, uma selva negra agitada pelo estridular dos grilos e pela cópula escandalosa dos gatos de rua. No ponto já conhecido, marcado por uma lata de tinta enferrujada pendurada em um galho, Hermano sumiu entre as árvores.

A trilha de cerca de cem metros podia ser percorrida de olhos fechados por boa parte da gurizada da Esplanada, embora apenas os mais velhos tivessem a permissão dos pais e o costume de aparecer ali à noite. Alcançou a clareira no instante em que o Bonobo jogava um vidro cheio de gasolina sobre um amontoado de galhos secos, transformando a chama tímida em uma trovejante fogueira. Viu o Nêgo Cromado, o Palhação e Isabela. Reconheceu também o Livramento e o Selvagem, dois amigos do Bonobo que, segundo se dizia, eram responsáveis por mais de um assalto em casas da região. Tinha um outro cara e uma guria que Hermano não conhecia. Como esperava, nenhum sinal da Naiara. Ela não tinha o costume de se misturar com o irmão.

Um garrafão de vinho tinto doce era servido em copos de plástico que Hermano precisava recusar novamente a cada cinco minutos. O Bonobo acendeu um cigarro na fogueira e narrou um acidente de trânsito que havia presenciado na estrada da Serraria no domingo anterior e que tinha merecido um quarto de página na *Zero Hora*. Um funcionário de uma mecânica de motocicletas de Ipanema achou que não faria mal nenhum se pegasse emprestada a Kawasaki Ninja 1100 de um cliente para passear na tarde ensolarada. Vinha a cerca de cento e cinquenta quilômetros por hora pelo asfalto, segundo cálculo da polícia, quando foi surpreendido pela carroça que chegou por uma ruazinha transversal e se atravessou na pista. A cabeça do funcionário, que não estava de capacete, se chocou com a cabeça do cavalo. A Kawasaki Ninja saiu voando para um lado e o funcionário para o outro. No meio de sua trajetória aérea, o funcionário bateu a cabeça de novo, dessa vez contra um poste de

madeira próximo ao local do acidente. Alguns segundos depois, o resultado era um cadáver humano no meio de uma poça de sangue, pedaços de cérebro rosado grudados no poste, uma Kawasaki Ninja transformada em uma bola compacta de ferro retorcido, um cadáver equino deitado com uma torção completa no pescoço, uma carroça tombada e um condutor de carroça com fratura exposta no braço. A conversa seguiu no tópico de acidentes de trânsito e foi tendo o foco ampliado para relatos de diversos tipos de acidente. Aos doze anos o Palhação tinha se desequilibrado de um rochedo e caído no mar revolto de uma praia catarinense, de onde foi resgatado com cortes por todo o corpo por dois surfistas. Isabela tinha caído de canela em um vidro e levado vinte e dois pontos. Hermano contribuiu com algumas histórias de quedas de bicicleta. O tempo passou e logo todos, menos ele, estavam bêbados. O garrafão de vinho tinha acabado rápido e foi proposto que voluntários saíssem para buscar outro garrafão no boteco Maragato, que ficava aberto madrugada adentro. Hermano se ofereceu imediatamente, e o Bonobo disse que ia junto porque queria aproveitar para comprar cigarros.

Caminharam por cerca de vinte minutos. No Maragato, o Bonobo passou para trás do balcão do bar e sumiu por uma porta junto com o dono do bar. Quando estavam caminhando de volta, mostrou o tijolinho de maconha a Hermano, que seguia firme na sua convicção de manter abstinência vitalícia de toda e qualquer substância que pudesse degradar o corpo, o que não o impedia de achar excitante o simples fato de ter acompanhado o Bonobo naquela operação. Hermano merecia a confiança do outro. O garrafão de cinco litros pesava em seu braço, mas ele insistiu que podia carregar sozinho.

Faltando pouco para chegar na lata de tinta que marcava o acesso à clareira, Hermano avistou as silhuetas chegando pelo terreno baldio à esquerda e reconheceu o corpo compacto e os cabelos compridos do Uruguaio bem antes do Bonobo, que continuou caminhando rápido e de cabeça baixa por alguns momentos antes de notar que estavam acompanhados no meio da rua escura. A palavra saiu da boca do Bonobo com uma estranha serenidade, como se tivesse sido colocada cuidadosamente no ar:

“Corre.”

Por um instante Hermano ficou confuso. Correr por quê? Ah, sim, era evidente por quê. Mas para onde? Para cima deles? De volta para o Maragato? Para o meio do mato? Quando se deu conta, o Bonobo já estava em disparada pelo calçamento de pedras, em direção à clareira onde os outros aguardavam a chegada do vinho ao redor da fogueira. Hermano largou o garrafão no meio da rua e correu também. Nisso ele era bom. Correr. Alcançou o Bonobo com facilidade e olhou para trás. Eram cinco ou seis, entre os quais dois, pelo menos, brandiam objetos que podiam ser pedaços de pau ou barras de ferro. Um tijolo se espatifou dois metros à sua esquerda. Era um alívio que estivessem correndo.

Fugir desse jeito era algo que jamais seria associado ao Bonobo, logo ele, o invencível, o sujeito mais casca-grossa não apenas da Esplanada, mas de toda a zona sul, fama que percorria os bairros adjacentes. Já tinha batido em oito de uma só vez, tinha acabado com a raça de um sujeito que o ameaçara de revólver em punho, eram dezenas de histórias famosas, mas agora o Bonobo estava fugindo e para Hermano era melhor que fosse assim. A hipótese de um enfrentamento vinha acompanhada de clarões de terror que o impeliam a correr ainda mais rápido. Viu os primeiros buracos deixados pela Prefeitura na calçada, mais adiante avistou os postes deitados e sabia que agora faltavam só duas quadras para a entrada da trilha que conduzia à clareira. Se chegassem lá, poderiam contar com a ajuda dos outros para se defender. Hermano correu com toda a força e foi abrindo vantagem sobre o Bonobo, sem virar a cabeça. Aí escutou um grito. Depois o pedido:

“Me ajuda aqui, porra!”

Olhou por cima do ombro e não entendeu onde o Bonobo tinha ido parar. Viu apenas o Uruguaio e os outros correndo pelo meio da rua, a uma distância ainda segura.

Onde estava o Bonobo?

O Uruguaio chutou alguma coisa no chão. Pelo ruído surdo, não era uma pedra nem uma lata. O alvo do chute não se deslocou, pois logo os outros começaram a distribuir pontapés no mesmo lugar.

Hermano entrou no mato, caiu numa vala do terreno e se escondeu atrás de folhas e galhos. Podia enxergar pouco do que acontecia na rua, mas estava ouvindo perfeitamente bem. Ninguém gritava, ninguém falava. Houve apenas o ruído dos tênis golpeando continuamente o que só podia ser o Bonobo durante um período que pareceu durar horas.

Mas uma hora acabou e a frequência cardíaca de Hermano continuava alucinada. Tentava conter a respiração, mas era impossível. Eles pararam de chutar e começaram a falar. Parecia haver uma discussão. Distinguiu alguns palavrões e pouco mais. “Sacode ele”, alguém disse. Achou que seria procurado, estava atento para ouvir se o seu nome seria citado, mas em seguida Uruguaio e companhia foram embora correndo. Tinham deixado ele de lado. Ouviu o som dos passos, que foram diminuindo até desaparecer. Permaneceu agachado atrás dos galhos por alguns minutos, esperando que o Bonobo emitisse algum ruído. Nada.

Antes de justificar por que estava com o rosto ensanguentado ao entrar correndo esbaforido na pequena clareira do mato onde o pessoal ainda aguardava ao redor do fogo a chegada do garrafão de vinho, Hermano ficou alguns instantes registrando a surpresa na expressão de cada um deles, coletando para o seu deleite olhares, caras e bocas que manifestavam a certeza instantânea de que ele, Hermano, havia recém participado de algum episódio violento, um

conflito do qual somente ele havia escapado para retornar e avisar os demais, trazendo no rosto as marcas de um combate inquestionavelmente real, e só após alguma insistência e perguntas sobre o que havia se passado e onde diabos estava o Bonobo ele se pôs a relatar os acontecimentos dos últimos minutos, começando do instante em que foram surpreendidos pelo Uruguaio e sua turma enfurecida de seis ou sete amigos dos quais ele e o Bonobo vieram fugindo correndo em direção à clareira na esperança de contar com a ajuda dos outros para uma briga que não seria fácil, porque eram muitos e carregavam tijolos e pedaços de pau, até que algo inacreditável aconteceu, o Bonobo teve o azar supremo de cair dentro de um dos buracos de poste que a porra da Prefeitura tinha aberto na tarde de sexta-feira e que aqueles peões filhos da puta não foram capazes de fechar ou proteger com cavaletes, provavelmente porque estavam ansiosos demais para antecipar o fim de semana bebendo uma pinga em algum boteco de merda, e aconteceu que o Bonobo acabou caindo dentro do buraco e ficou preso ali, com um dos braços para dentro e outro para fora, agarrando com esse único braço a terra e as plantas ao redor numa tentativa inútil de se livrar, e assim que percebeu que corria sozinho Hermano parou, virou a cabeça e se deparou com o que o Uruguaio e os demais estavam fazendo, estavam chutando a cabeça indefesa do Bonobo que era a única parte exposta do corpo além do braço esquerdo, chutando cruelmente, de modo que Hermano não teve alternativa senão dar meia-volta para tentar afastar os filhos da puta, e ele até que tentou conversar, dar algum motivo para que parassem com aquela covardia, mas eles não queriam papo e não apenas seguiram pedalando a cabeça do Bonobo como partiram para cima de Hermano, que fez o que pôde para se defender e ao mesmo tempo tentar salvar o amigo, mas tudo que conseguiu foi levar porrada na cara e ser derrubado no chão e chutado sem parar, como a cabeça do Bonobo, até que eles se cansaram e foram embora rindo e perguntando quem é que era o machão agora, hein, hein, não demonstrando preocupação nenhuma com o fato de que o Bonobo não se mexia dentro do buraco, com a cabeça imóvel e pendendo para o lado, aparentemente desmaiado, com a diferença de que pessoas desmaiadas respiram e pelo que Hermano pôde notar horrorizado o Bonobo não estava respirando, sua cara estava amassada e inerte e ele não reagiu aos chamados e tapas e sacudidas e quando apertou o pescoço e o pulso do amigo não conseguiu sentir a pulsação, se desesperou e foi correndo imediatamente chamar os outros, que mal aguardaram o final do relato de Hermano e saíram todos correndo pela trilha no meio do mato escuro em direção à rua para conferir o estado do Bonobo dentro do buraco na calçada, menos o próprio Hermano, que ainda ficou um momentinho agachado na frente do fogo recuperando um pouco a calma, reavaliando todos os detalhes da história que tinha acabado de contar e revisando tudo aquilo que havia modificado ou omitido, pois na verdade ele não tinha voltado para ajudar o Bonobo, tinha ficado

covardemente escondido dentro do mato enquanto um espancamento acontecia a poucos metros de distância, um espancamento cujos detalhes ele só foi descobrir minutos depois, quando conseguiu tomar coragem para mostrar a cara na rua e encontrou o Bonobo preso dentro do buraco, com apenas um braço e a cabeça para fora e sangue escorrendo até das orelhas, um sangue que não tinha nada de estético e mais fazia lembrar um animal atropelado no asfalto, já sem respiração, com aquela ausência de vibração orgânica que só podia significar que estava sem vida, era a morte, e uma morte da qual Hermano sentiu-se imediatamente cúmplice devido a uma covardia que finalmente se mostrava inteira e que ele estava convencido a manter em segredo, pois não suportaria continuar vivendo se precisasse ostentar essa covardia dali para a frente como uma cicatriz na testa, ser o cagalhão, aquele que entrou no mato e ficou quietinho enquanto batiam tanto no seu amigo que acabaram matando; não, isso seria insuportável, e a solução encontrada no momento veio na forma de um soco, não uma figura de expressão e sim um soco literal que Hermano deu nele mesmo, no próprio rosto, e depois se jogou no chão para se sujar e puxou a camiseta até abrir um rasgo e deu mais outro soco e outro e outro e finalmente descobriu qual era a sensação de apanhar e bater numa briga pra valer, eram sucessivas dores pontiagudas e latejantes que traziam à mente o formato dos ossos e a distribuição dos nervos do rosto e iam se acumulando até formarem uma dor só, menos pontiaguda e mais abrangente, mais amortecida, mais fácil de suportar a cada golpe, o gosto do sangue meio doce e meio azedo, como um molho ácido de tomate, brotando com facilidade do lábio rachado, do nariz, do supercílio aberto, e vencidos os primeiros momentos de dor a coisa até que ficou fácil, tinha sido um alívio sentir aquilo de verdade, pela primeira vez na própria carne e não nos devaneios fantasiosos ou nos filmes e quadrinhos, pela primeira vez deixar rolar e descobrir que sentir era fácil, difícil era imaginar.

São quase vinte minutos pra retornar à Esplanada no calor da manhã. Tem a impressão de que o Pajero flutua pelo asfalto, como se conduzido por um leito de rio calmo e veloz. O vento morno atravessa o vão do para-brisa quebrado. Os vinte minutos de direção parecem ter durado trinta segundos quando entra à direita na estrada da Serraria, penetrando mais uma vez naquele território que, visto de cima, talvez compusesse uma espécie de mapa aberto da sua história, com legendas pra tudo que já tinha sentido e experimentado em trinta anos de vida, um bairro que já tinha sido o cosmos e hoje era uma cidade de brinquedo pela qual transita evocando fantasias antigas. A velha escadaria que desciam de bicicleta continua ali, só que aparenta ter um terço do comprimento e foi reformada com degraus de granito regulares, um corrimão de aço pintado de verde e canteiros de margaridas nos dois lados, substituindo o solo bruto de outrora. Estaciona bem em frente ao topo da escadaria, desce do carro e senta no primeiro degrau de pedra. À esquerda está o Morro da Polícia, preservado e inabitado graças a seu acesso restrito. À direita vê o Guaíba e a praia de Ipanema ainda imersa em serenidade, em estado de meditação, se preparando pra suportar a agitação e o barulho das tardes de domingo, embaladas pelo tremor dos subgraves emitidos pelo sistema de som dos automóveis e pelo ronco nervoso dos jet skis. Às oito horas da manhã, contudo, ainda impera um relativo silêncio que espelha o silêncio da madrugada longínqua em que ele e o Bonobo sentaram pra conversar naquele exato local, voltando a pé de uma festa. Tanto tempo depois, ainda era possível recordar do sentimento de querer ser como o Bonobo, imponente, duro, espontâneo e respeitado não obstante sua feiura, desajuste, tosquice e brutalidade. Conviver com ele era flertar com um mundo radicalmente oposto àquele que era seu mundo interior quando adolescente, e por um breve período, marcado pela conversa noturna no alto da escadaria, tinha parecido ser possível conciliar esses dois mundos, pertencer a um deles mas participar do outro com tal frequência e confiança que a vida transcorreria além

de sua individualidade, trapaceando os limites numa promiscuidade de personalidades, temperamentos e visões de mundo. Tinha buscado o acesso ao Bonobo pra se sentir à vontade sendo ele mesmo, e funcionou. Não por muito tempo, mas funcionou. Até que a tragédia ocorreu, e com ela se impôs a verdade, o fato de que jamais seria alguém além dele mesmo, e que insistir em ser outro era desperdiçar energia e gerar frustração, vergonha e arrependimento. Inúmeras vezes, nos últimos anos, tinha interrompido seja lá o que estivesse fazendo pra procurar o primeiro local reservado e encolher os ombros, cerrar os punhos, socar paredes e às vezes até libertar uma ou duas lágrimas com o desejo de que fosse possível voltar no tempo e defender o Bonobo do espancamento que resultou na sua morte, nem que isso implicasse a sua própria morte, porque era a coisa certa a fazer, a atitude que o homem que ele gostaria de ter sido teria tomado naquelas circunstâncias, à revelia das consequências. Viver, todavia, não tinha nada de heroico. Aos trinta anos, lhe parecia antes de tudo um constante ensaio pra um heroísmo que nunca chega. Um limbo permanente entre a inocência e o heroísmo, habitado por projeções fantasmagóricas de si mesmo, levemente distorcidas pelo que gostaria de ter sido no passado ou de ser no futuro. Passeia o olhar de uma casa a outra no declive que se estende à frente e se nivela na parte plana do bairro, lá embaixo. Tenta lembrar o que o Bonobo tinha dito, a direção que havia apontado naquela madrugada em que ficaram horas sentados no topo da escadaria. O terreno era perto do Morro da Polícia. Havia uma caixa-d'água. Os pontos de referência antigos, como árvores e postes, são inúteis em meio à nova densidade de construções. Lá longe, vê a caixa-d'água, a esquina, e nela um muro colorido. Lembra do que o garoto lhe disse no hospital, a creche, os desenhos no muro. Avalia a distância, simula mentalmente o trajeto que deverá seguir pelas ruas, levanta depressa e por isso se desequilibra por um instante, entra no Pajero e transita alguns minutos pelo bairro, até que encontra a esquina e o muro colorido com pinturas canhestras de personagens de desenhos animados. Era ali que o Bonobo pretendia construir um dia sua casa, se tivesse vivido pra trabalhar e juntar uns trocados ao invés de ter sido assassinado um tanto acidentalmente pelo furor vingativo do Uruguaio e sua turma. Estaciona na frente da porta, sai do carro e bate palmas, já que não há campainha. É cedo pra um domingo, ninguém responde. Bate palmas mais uma vez. Há uma grade com portão fechado e uma passarela de uns três metros de comprimento que conduz à porta de entrada. Ao lado da casa, em uma porção do terreno parcialmente ocultada pelas paredes e pelo muro colorido, é possível vislumbrar uma piscina infantil de lona, um escorregador de plástico e alguns brinquedos dispersos pelo chão. Sacode a grade, mas isso não produz muito barulho. Bate palmas pela terceira vez e a porta da frente da casa abre. Naiara está uns quinze centímetros mais alta. Sua face está mais ossuda, o nariz mais pontudo, os olhos mais afundados. Os cabelos tingidos de vermelho são o que mais difere da imagem da

menina esguia de treze anos que ainda traz carimbada em sua memória. Ele próprio, por sua vez, tem consciência de que está quase idêntico ao que era aos quinze anos de idade, não apenas no aspecto físico, mas em tudo, e por isso ela o reconhece de imediato, não sem alguma surpresa no olhar. “Por algum motivo, eu sabia que um dia ia te ver de novo.” “Oi, Naiara.” “O guri que subia a escadaria de três em três degraus.” Ela veste uma batinha azul com rendas brancas e uma saia comprida e branca. Difícil dizer se já estava em pé ou se foi acordada pelas palmas. Se inclina pra dentro da casa e retorna com um chaveiro em uma das mãos e um maço de cigarros na outra. Retira um cigarro e o isqueiro de dentro do maço, acende o cigarro. “Mãos de Cavallo. O homem do vestíbulo.” “Meus Deus, ninguém me chamava disso há muito tempo.” “Primeiro na medicina da UFRGS.” “De Mãos de Cavallo, eu quis dizer.” “O que aconteceu na testa?” “Briguei com uns dez caras. Tem que ver como eles ficaram.” Ela ri, como riam há muitos anos ele, o Pedreiro e o resto dos amigos quando legendavam o dia a dia com frases de filmes de ação dublados. “Continua levando tombo de bicicleta, é?”, ela diz, se aproximando da grade. Separa uma das chaves entre a meia dúzia presa no chaveiro em formato de coração, gordinho e vermelho, feito de algum tipo de espuma, e destranca o portão gradeado. Ele entra. Sentam em cadeiras em lados opostos da mesa da cozinha e tomam o café preto amargo que Naiara requeixa no bule de metal. Faz os cálculos: ela deve estar com vinte e oito anos. À maneira de velhos conhecidos que se reencontram, trocam rápidas sinopses de suas vidas. Ela fuma um cigarro a cada dez minutos, deixando a fumaça sair sem controle nenhum pela boca e pelo nariz enquanto fala. Não conseguiu ter filhos, viveu com dois homens diferentes mas agora está sozinha, morando nesta casa com uma prima também solteira. As duas dividem o trabalho na creche construída junto à casa. Ele informa que está casado há cinco anos, é cirurgião plástico e tem uma filha de dois anos e meio que se chama Nara. “Nara?”, ela pergunta, e sorri de um jeito meio triste. Vem à sua mente uma série de momentos compartilhados, agora tão distantes no tempo, mas suficientes pra sentir que ainda dividem algo especial, só deles, em memórias que ainda podem ser recuperadas, embora já não signifiquem quase nada na prática. A tal prima surge na cozinha de camisola, pede desculpas, Naiara apresenta os dois e logo a prima retorna pela mesma porta de onde surgiu, alegando que vai vestir uma roupa decente. Ficam um tempo em silêncio, sem saber mais o que dizer. Naiara enche uma chaleira e põe a água pra ferver no fogão. A janela está aberta e o sol já está rachando do lado de fora. Ela pergunta se ele toma chimarrão mas ele não responde. Apenas levanta da cadeira. Está na hora de ir.

O enterro

A Esplanada, finalmente, se transformava em uma comunidade. Dentro da fronteira imaginária que separava aquele conjunto de quarteirões do restante da cidade, filhos e filhas de moradores mais antigos haviam namorado, alguns dos namorados haviam se casado e alguns dos casais haviam permanecido na mesma vizinhança, financiando suas casas e gerando, sem muita demora, seus próprios filhos. Ninhadas de cães e gatos tinham sido repartidas entre moradores, impondo densidade cada vez maior à população de animais domésticos e à balbúrdia histórica de latidos que estouravam aleatoriamente nas madrugadas. Mantivera-se um escambo permanente de temperos e hortaliças cultivados em hortas particulares, mudas de plantas, ferramentas, materiais de construção, livros, discos, fitas de vídeo e todos os favores possíveis e imagináveis que um vizinho cordial pode ceder a outro, como alimentação de cães durante viagens de férias, caronas para colégios, convites para churrascos ou extermínio de cobras e aranhas. Sucessivas gerações de amigos de infância cresceram juntas criando laços de amizade que por vezes permitiam crer que seriam realmente eternos, cada nova fase da vida parecendo a última. Havia orgulho e um bairrismo autêntico. O que faltava, e ninguém até então havia notado, era a tragédia. Mais especificamente, uma morte trágica. E o fato da primeira morte trágica da Esplanada ter sido a de seu morador menos estimado, não raro detestado, a corporificação da delinquência e da agressividade despropositada dentro de uma vizinhança relativamente pacífica, veio, para a perplexidade geral, a intensificar os sentimentos de abandono, de insegurança e de angústia que, por fim, conectavam de modo irreversível aquele grupo de indivíduos que, mais por acaso que por qualquer outro motivo, vieram a se assentar fisicamente próximos uns dos outros.

Hermano estava consciente desse processo enquanto soluços espocavam à visão do caixão, que vinha sendo carregado para a pequena sala onde teria início o velório. Estavam todos ali, naquela manhã gelada de domingo. O Pedreiro, o

Bolita, o Morsa, o Mononucleose, o Palhação, o Nêgo Cromado, Isabela, Ingrid e todo mundo que Hermano não conhecia muito bem, mas reconhecia como moradores do mesmo bairro que o seu. Famílias inteiras que durante o sábado haviam feito correr a má notícia e levantaram cedo no domingo com a ansiedade de um ritual de iniciação para vestir trajes sóbrios e ir ao cemitério João XXIII acompanhar o enterro daquele moleque mal-encarado que havia sido surrado com desmedida violência por uma gangue que incluía o filho de outro morador, que tinha roubado a moto do pai ainda na madrugada de sexta para sábado e continuava foragido. Hermano tinha sido levado pelos pais ao pronto-socorro, onde lhe deram dois pontos no supercílio esquerdo e outro no lábio inferior. Após contar a história toda três ou quatro vezes, se trancou no quarto no sábado pela manhã. Foi seu pai quem transmitiu seu relato aos pais do Bonobo. No sábado à tarde, prestou um depoimento à polícia. O Nêgo Cromado, que costumava andar mais com o Urugaio, afirmou que ele estava havia dias falando em dar uma lição no Bonobo por causa da briga que encerrara a festa de quinze da Isabela. Ninguém sabia dizer com certeza quem eram os outros membros de sua pequena gangue.

Depois que a família do Bonobo havia cumprido seu angustiante ciclo inicial de despedidas do corpo do filho, pouca gente se aventurava a entrar na sala do velório. Os que iam entravam sozinhos. O Pedreiro foi um dos primeiros. Hermano observou de longe para ver qual seria a reação dele diante do corpo. Nenhuma. Olhou para o cadáver sem alterar a fisionomia e saiu da sala com ar pensativo. Hermano o seguiu mais um pouco com o olhar e viu o amigo colocar o braço ao redor de uma menina ruiva, muito branca e sardenta. Vestia saia longa e casaquinho, ambos pretos. Por baixo do casaquinho, uma blusa vermelho-vivo. Foi até eles e os felicitou pela gravidez. Ela sorriu, e o Pedreiro fez uma cara estranha apertando os lábios e baixando levemente a cabeça, uma mistura de agradecimento constrangido e despedida, como se jamais fossem se ver novamente.

Pairava no ar uma sensação compartilhada por todos, a de que poucos ali tiveram a chance de realmente conhecer o Bonobo. Nas trocas de olhares havia pontas de arrependimento, talvez um sentimento de culpa por haver desprezado, odiado ou temido aquele garoto desabusado e feioso que gostava de bater nos outros e fazia isso bem. Hermano não se excluía desse sentimento. Sabia, no fundo, que naqueles últimos meses não havia estabelecido nenhum vínculo profundo com o Bonobo e sua ausência seria esquecida sem dificuldade. O que mais comovia Hermano agora era o choro de alguns de seus amigos de verdade. Vê-los reagindo à morte de alguém era uma imagem de tremendo impacto. Bem na sua frente, Isabela cansou de conter as lágrimas e se apoiou no ombro do Morsa, que a abraçou desajeitadamente. Foi o único momento em que ele mesmo achou que não poderia mais manter apertado o nó na garganta. Mas manteve.

Os pais do Bonobo se chamavam Emiliano e Marta. Ele tinha mais de sessenta anos, ela não mais de quarenta. Estavam sentados dentro da sala de velório, cercados por um pequeno grupo de familiares. Naiara estava sentada em um banco, olhando fixamente para o caixão do irmão, acompanhada por duas amigas que alisavam seu cabelo e murmuravam qualquer coisa em consolo ou estímulo. Seria necessário enfrentar aquelas pessoas cedo ou tarde, então ele respirou fundo e entrou na sala iluminada por velas e fracas lâmpadas amarelas. Emiliano levantou para apertar sua mão e receber os pêsames. Tinha o aspecto de um homem cansado que bebia além da conta e já tinha se casado umas três ou quatro vezes. Estava usando uma touca de lã de cores esmaecidas que lhe reforçavam o aspecto doente, mas seu aperto de mão era vigoroso e sua postura, firme. Naiara tinha dito alguma vez que ele possuía uma pequena gráfica no centro que imprimia adesivos, blocos de notas fiscais e folhetos. Por mais doente ou alcoólatra que pudesse ser, e Hermano não tinha certeza de uma coisa nem outra, era um sujeito que viveria pelo menos até os noventa. A única coisa que ele disse deixou Hermano desconcertado:

“Estamos felizes que você esteja bem.”

Falou isso e voltou a sentar ao lado da mulher, que estava amortecida e um pouco fora de órbita mas agradeceu as palavras de Hermano e disse que gostaria muito que ele fizesse uma visita à casa deles dentro de alguns dias para que pudessem conversar, quem sabe à tarde, para tomarem um café e um lanche.

Uma ideia chocante e inacreditável passou pela cabeça de Hermano: os pais do Bonobo o viam como uma boa influência na vida do filho. Se soubessem o que realmente havia se passado, não o tratariam desse modo. Era cômico, por um lado.

“Do que tu tá rindo?”

A frágil e graciosa Naiara o encarava com olhos ligeiramente avermelhados pelo choro. Seu rostinho magro parecia ainda mais enxugado, os lábios assados pelo frio contraídos em quase nada.

“Não sei.”

Hermano puxou Naiara contra seu corpo e a abraçou com toda a força que podia, torcendo para que fosse possível transmitir daquele modo todo o carinho que sentia por ela e, ao mesmo tempo, comunicar sua rejeição. Ela afundou a cabeça contra o seu pescoço como se a imergisse na água de uma piscina, a respiração trancada. Talvez se ela fosse um pouco mais velha, ou mais bonita. Vivia pensando em mulheres fortes e mais velhas, tão fortes e maduras quanto ele próprio se sentia. Naiara parecia tão frágil. Não conseguia encará-la agora. Soltando aos pouquinhos o abraço, vendo Naiara se afastar dando curtos passos para trás com um sorriso confuso no rosto, teve a certeza de que aquele seria um dia de decisões definitivas. Só precisava se concentrar um pouco e ficar sozinho em algum canto. Antes, porém, restava uma última coisa a ser feita naquele

velório: olhar o rosto sem vida do Bonobo.

Seus ossos amoleceram ao se aproximar do caixão. A coroa de flores depositada sobre a tampa parecia uma provocação visando imprimir um contraste de vida na retina de quem ousava espiar a abertura logo ao lado. Era possível que o rosto estivesse coberto. Se a memória não o traía, não tinha sobrado muita coisa inteira naquele rosto. Devia estar coberto. Deu um passo à frente e olhou. Um tremor gelado durou apenas alguns instantes, mas logo se recompôs e o que via era um boneco de cera mais para artificial do que morto. O rosto estava exposto, claramente reconstruído, preparado e maquiado. A causa do falecimento foi um traumatismo craniano. Lembrou que, na verdade, tinha visto o Bonobo morto antes, naquela madrugada, na rua. A imagem da qual se aproximou daquela vez com passos curtos e aterrorizados era muito mais tenebrosa do que esta, adaptada ao ritual. Mas se aquela era mais feia, esta agora era mais triste e salientava muito mais a ausência de vida. Tinha lido isso em alguma história em quadrinhos, que os budistas acreditam que algo da pessoa ainda permanece durante um tempo no corpo, depois da morte. Não é fácil se desligar do corpo. Não acreditava em alma, mas a crença budista estava de acordo com sua impressão de que o Bonobo preso dentro do buraco do poste ainda retinha algo que já não estava mais ali no velório. Preferia acreditar que o que havia antes e estava agora ausente do rosto branco e sutilmente deformado era apenas o sangue. Decidiu, por fim, que a morte era um corpo drenado de todo seu sangue, e se afastou do caixão.

Aparentemente, depois de ver o cadáver no caixão, ele tinha, aos olhos dos outros, cumprido uma etapa que o libertava de uma parcela da dor e isso o deixava disponível para ser abordado por gente conhecida e desconhecida querendo conversar sobre a fatalidade, saber detalhes, nomes, ou simplesmente compartilhar um pouco de silêncio. Era necessário fugir imediatamente. Procurou os pais e, assim que os viu, quase correu a seu encontro. Queria saber o que viria pela frente. O velório ainda duraria um certo tempo, depois o corpo seria carregado até o túmulo, que não seria um buraco em um campo coberto de grama mas sim uma espécie de gaveta ou cabine igual às centenas que estavam distribuídas pelos diversos andares e corredores do cemitério. Comunicou que ia dar uma volta e os encontraria um pouco mais tarde no carro. Não aguentava mais ficar ali.

Saiu do cemitério e desceu a ladeira caminhando rápido, em direção à Azenha. Todos os estabelecimentos estavam fechados na manhã de domingo e tanto carros quanto pessoas eram escassos. De repente topou com um boteco de portas abertas. Atrás do balcão havia um homem de bigode imenso, cobrindo os lábios, mas nenhum cliente à vista. Uma televisão presa num suporte no alto de uma parede transmitia uma corrida de Fórmula 1. As mesas de metal vermelho com patrocínio de cerveja estavam muito gastas e enferrujadas, mas sobre cada

uma havia uma toalhinha quadriculada de rosa e branco. Hermano sentou na primeira mesa, a que ficava mais perto da calçada. Do balcão, o bigodudo perguntou se ele queria pedir alguma coisa. Uma Fanta.

Bebeu um gole do refrigerante e ficou esperando os pensamentos tomarem forma. Minutos se passaram e nada. Nenhuma conclusão. A vida de seus amigos estava se transformando, uma delas havia se acabado, mas ele continuava ali, sem conclusões. Se não pudesse extrair pelo menos uma pequena lição de tudo que estava acontecendo, então seria obrigado a aceitar que a vida se desdobra fortuitamente, controlável somente nos detalhes. E isso não podia ser verdade. Tem coisas que a gente sabe, e essa era uma delas.

Naiara surgiu na sua frente.

“Teus pais disseram que tu saiu pra dar uma volta e eu resolvi ver se te achava.”

Hermano ficou irritado. Seu devaneio estava sendo interrompido. Seria obrigado a ignorá-la. Não conseguiria conversar.

“Posso sentar contigo?”

Concordou. Ela sentou. Silêncio. Depois:

“Posso sentar no teu colo?”

Não, a resposta seria não, mas de repente ele mudou de ideia e viu que sim, claro que ela podia sentar no colo dele, ela saíra do velório do irmão para procurá-lo, e ela estava certa, por que precisavam se sentir tão sozinhos naquele momento?

“Pode.”

Ela sentou em cima da coxa dele do modo mais recatado que é possível sentar na coxa de uma pessoa, dobrou os braços contra o peito e apoiou a cabeça contra o seu ombro. Estava gelada e respirava em suspiros. Era um filhote de mamífero. Se fosse possível amá-la, ele a amaria agora. Esperou um tempo para dar a algum sentimento profundo a chance de se manifestar, de vir para ficar, mas isso não aconteceu.

“Naiara, eu não gosto de ti. Quer dizer, gostar do tipo ficar junto. Desculpa.”

“Que pena, porque eu gosto de ti.” Deu um beijo no rosto dele e se encolheu novamente na posição de antes. O peso dela em sua coxa começava a cansar. “Posso ficar aqui do mesmo jeito? Um pouco?”

Sem muita intensidade, abraçou-a. Aquilo o impressionava ainda mais que a morte, querer amar uma pessoa com todas as forças e não ser capaz disso, pois não se trata de uma escolha. Tinha impressão de que ela era a única criatura que verdadeiramente o conhecia, a única que dava sinais de compreender pelo menos parte do que estava por trás de suas poucas palavras e de suas ações. Queria se apaixonar por ela, mas não conseguia. Essa incapacidade o intrigava. Se por um lado trazia uma sensação de impotência, por outro ia tornando mais claro, por contraste, que tipo de coisa ele queria e *poderia* conseguir. Decidiu se

concentrar nisso, na diferença entre uma coisa e outra. Endireitou a coluna e se reacomodou na cadeira. Só sairia dali quando estivesse cheio de certezas.

Quase duas horas depois, pagou o refrigerante e foi de ônibus para casa. Naiara já tinha ido havia muito tempo. Seus pais o haviam encontrado sozinho no bar, mas ele dispensou a carona e disse que voltaria por conta própria. Durante o trajeto, foi retocando e simplificando seus planos. Agora sabia exatamente o que fazer. Não seria necessário fingir nunca mais.

Gratidão e crédito

As seguintes pessoas me ajudaram a escrever este livro com sua paciência, depoimentos e/ou leituras críticas: Daniel Pellizzari, Mário Bortolotto, Nataniel Strack, Nelson Baretta, Pedro Jakobson, Rafael Braga e Tainá Müller. A eles, obrigado pela amizade e generosidade. A ela, obrigado também por estar comigo em todos os sentidos. O romance que a Adri está lendo na cama ao fazer o comentário sobre a “dança das cadeiras ao contrário” é *Terroristas do milênio*, de J. G. Ballard. A expressão foi descaradamente tirada do livro dele, em tradução de Celso Nogueira.

Copyright © 2006 by Daniel Galera

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Mariana Newlands

Foto de capa

The Brett Weston Archive/Corbis/Stock Photos

Preparação

Beatriz Antunes

Revisão

Otacílio Nunes

Marise Simões Leal

Atualização ortográfica

Página Viva

ISBN 978-85-8086-113-6

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Todos os direitos desta edição reservados à editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhadasletras.com.br

Table of Contents

[Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Nota](#)

[O Ciclista Urbano](#)

[6h08](#)

[O Bonobo](#)

[6h13](#)

[O morro](#)

[6h17](#)

[Downhill](#)

[6h23](#)

[A festa de quinze da Isabela](#)

[6h31](#)

[Naiara](#)

[6h43](#)

[A clareira](#)

[8h04](#)

[O enterro](#)

[Gratidão e crédito](#)

[Créditos](#)